CARLOS MESQUITA

# GLEBARISMO

CRÓNICAS





MANAOS – AMAZONAS

# Glebarismo

A' grande legião de brasileiros e de não-brasileiros que fizeram o Amazonas aquillo que hoje ele é e que tornarão em realidade a profecia de Humboldt, toda a minha saudação glebaria.

Carlos Mesquita

## DO MESMO AUTOR

**Da preposição** — Téze defendida perante a Congregação do Ginasio Amazonense «Pedro II», para provimento da cadeira de inglês, (1920).

**O Hospicio Eduardo Ribeiro e o Leprosario de Paricatuba** – Impressões de visitas (1926).

**Quem não deve não teme** — Defeza da atuação como diretor que foi do Ginasio Amazonense «Pedro II» no periodo revolucionario de 1924.

**Contribuamos para o Leprosario** — Palestra ás alunas da Escola Normal do Amazonas (1932).

**A Cidade da Dôr** – Visita ao Leprosario (1932).

**Glebarismo** — Crónicas (1935).

*NADA que se encontra neste volume é novo; são crónicas escritas todas em cima do joelho e divulgadas nas colunas dos jornais e revistas barés. Reunindo-as em livro não tive a menor preocupação com a forma, somente pensei no estilo franco que me caracterisa.*

Carlos Mesquita.

[illegible]

Ao velho amigo e collega
Prof. Agnello Bittencourt,
com um abraço do
Carlos Mesquita
20/11/935

Agradecido em 20-11-935.
A. B.

# PELA PALAVRA ESCRITA

Escrevi uma critica sobre este livro para ser publicada no "O Jornal", de Manáos, em 30-11-1935. A. B.

AB - pag. 121

AMAZONENSE não é somente o homem nascido no Amazonas! E', tambem, o brasileiro que aqui trabalha, que aqui constituio familia, que aqui vive; é, tambem, o estrangeiro — qualquer que seja a sua nacionalidade — que veio para o nosso Estado nos trazendo, uns, o capital dinheiro, outros, o capital-trabalho, o capital-atividade, base fundamental de todo o progresso.

Amazonenses somos todos nós que labutamos de sol a sol, q ue nos alegramos e que nos entristecemos juntos, quando nos é provocada a alegria ou quando nos é imposta a tristeza; amazonenses são todos esses quínhentos mil habitantes que vivem nas avenidas de Manáos ou em luta heroica e tremenda contra as forças da natureza, perdidos pelo vasto interior amazonico, longe da civilização, esquecidos dos poderes da Republica; amazonenses são todos aqueles que amam verdadeiramente esta imensidão de aguas e de florestas, este estupendo celeiro que ha de abastecer, em futuro não remoto, esse gigante que é o Brasil; amazonenses são todos aqueles que se levantam quando o grandioso Amazonas é insultado pelo estrangeiro atrevido ou pelo patricio ignorante; amazonenses são todos aqueles que empregam o melhor de suas forças e a maior parte de seus anos de vida, a trabalhar pelo alevantamento desta maravilhosa gléba; amazonenses são todos aqueles que colocam o interesse do Estado acima de seus interesses pessoais; amazonenses são todos aqueles que não temem vir á liça em defeza da terra dos Barés; amazonenses são todos aqueles vinculados á este pedaço da Patria Brasileira e que trabalham pelo seu progresso nas multiplas ramificações do saber humano; amazonenses, patriotas, brasileiros, são os que procuram a ordem, a paz, a união no Estado do Amazonas, visando, assim, esse Brasil maior, mais forte, mais digno, esse grandioso .Brasil de amanhã, produto direto do acendrado amor de seus filhos.

SEGUNDO os jornais locais, possue o Amazonas a sua primeira eleitora. E' a senhorinha Constança Teixeira Guedes, alistada sob numero 317, em Urbanopolis, séde da comarca de Canutama. As opiniões a respeito da emancipação da mulher estão divididas, pensando a maioria, com espanto, que o feminismo significa a liberdade absoluta da mulher. Em parte têm razão os que assim pensam: certas mulheres, que se rotulam de modernas, não fazem mais do que procurar até renunciar o sexo a que pertencem. Mas, se algumas assim procedem, não ha motivo para alarme quanto a grande maioria. O feminismo bem compreendido, não é mais nada do que a exigencia da mulher que pretende obter o lugar que lhe compete e que legisladores retrogrados de dezenas de anos atráz lhe negaram, limitando sua ação, benefica sob todos os pontos de vista, ao interior do seu lar. Assim procedendo, demonstraram os homens, que negaram todos os direitos ás mulheres, um egoismo tipicamente masculino. Sou daqueles que pensam que a mulher, como membro importante da familia humana, tem todos os direitos que as leis concedem ao homem, exceto aqueles que não convem ao sexo. Por que lhe negar o direito do voto se não se lhe cassa o direito de ser governada? Para que aceite o governo do homem é justo que contribua para a formação desse governo. E, quem melhor do que a mulher que é mãi, poderá tomar parte ativa nas eleições quando são escolhidos os homens que virão a legislar para a sociedade, para essa mesma sociedade criada por ela, — ela que dá os filhos á Patria? Não é a mais interessada no futuro do povo? Por tudo isto a mulher tem direito de tomar parte ativa na politica das nações. Ela estará sempre ao lado da justiça. Haverá escrupulo de sua parte na escolha dos governantes. Isso representará a felicidade de seus filhos, a sua propria felicidade. A mulher é capaz de governar póvos: o exemplo que nos dá governando os nossos lares, prova-o de sobejo. Nós é que pomos em duvida sua capacidade administrativa, temendo que sejemos atirados ao ostracismo politico, nós que havemos demonstrado a nossa incapacidade para governar a maravilhosa Terra de Santa Cruz. Mas, ingressando na politica, tomando parte ativa no governo da nação, a mulher será, antes, um auxiliar eficiente do homem. Nada ha a temer. O patriotismo da mulher é tão grande como o nosso. E o seu destemor, sua coragem, são muito maiores do que os do homem. A mulher-mãi, a mulher

solteira que a si propria se mantem, que trabalha comnosco pelo progresso do Brasil nas multiplas ramificações da atividade humana, tem mais direito a tomar parte na politica, na escolha dos governantes, na direção dos publicos negocios, do que muito homem que por aqui anda: ela, pelo menos, será movida pelo seu patriotismo, pelo amor de seus filhos, irmãos e maridos, enquanto a muitos homens nenhum desses sentimentos move, agem de cocoras, de acordo com a maior ou menor quantidade de azinhavre que reveste o seu carater. Que venha, pois, a mulher brasileira, comnosco trabalhar em pról de um Brasil mais forte, maior, mais progressista e mais feliz.

Se ainda é necesaria uma prova para atestar o esforço do povo amazonense; se ainda é necessaria uma prova para atestar a heroicidade do honrado commercio do Amazonas; se ainda é preciso que se apresentem factos concretos, verdadeiros, para demonstrar o acendrado amor que nós — povo amazonense, comercio amazonense, industria amazonense — nutrimos por este rincão amado, por este querido pedaço do Brasil, aí está a exposição comercial e industrial de produtos do Amazonas, inaugurada, ha dias, na séde do Instituto Geografico e Historico. Nenhum de nós pode saír de lá sem sentir grande orgulho. Naquele espaço exiguo do Instituto, se encontra tudo aquilo que já produzimos; ali se vê, na mudez dos objétos expostos, o trabalho herculeo, feito em surdina, tenazmente, heroicamente, abnegadamente, nos desmoralisadissimos tempos dessa epoca negregada quando a renda toda do Amazonas era canalisada para as algibeiras sordidas de uma oligarquia que nos oprimia. Os artefatos de borracha, os trabalhos de carpintaria e marcenaria, cinematografia, panificação e confeitos de J. G. Araujo & C.ia Ltda., honram não somente o Amazonas como tambem o Brasil. A industria de objétos de jarina, de moveis de vime, de cadeiras tipo austriaco, de cerveja, de guaraná, os trabalhos fotograficos, os em ceramica, a panificação, tudo isto atesta o nosso progresso, o nosso trabalho forte, tremendo, em pról de um Amazonas grandioso e feliz, em pról deste Estado brasileiro que nós todos amamos, vitima, até ha poucos anos, das ladroeiras de homens sem patriotismo. Se merecem aplausos os nossos dignos industriais, tambem os merecem os homens que, á testa desse Instituto, levaram a efeito tão patriotica exposição. O Amazonas resurge, progride, graças a nossa constancia, ao nosso grande amor, a nossa fé no colosso em que nascemos e vivemos: a exposição, no Instituto, é a prova insofismavel do que afirmamos e do justo orgulho de que estamos possuidos.

---

Ecoou dolorosamente pela cidade a nota oficial do Serviço Sanitario declarando que depois de «verificadas pelos Snr.s Dr.s Lourival Muniz e Angelino Bevilaqua, diretor e ajudante da Diretoria de Terras e Obras Publicas, respetivamente, as más condições do estado de conservação e segurança do atual predio onde funciona a casa «Dr. Fajardo» (enfermaria regional para crianças) sita á Praça da Saudade n.º 12, o Serviço Sanitario vae propor á «Liga Protetora da Criança Pobre», o fechamento temporario daquele pequeno hospital, até que sejam vencidas as dificuldades surgidas para a transferencia definitiva para o predio proprio que é o palacete Afonso de Carvalho adquirido por compra ha alguns meses». Vai, assim, desaparecer esse hospital necessario, esse abrigo que tem salvo dezenas de pobrezinhos; vai, assim, desaparecer o belo trabalho dessa abnegada protetora dos pobres que é Mãisinha, moça distinta que dedica toda sua vida aos infelizesinhos que agora vão ficar sem o tecto amigo que os protegia. Desaparecer, sim, porque, uma vez fechado, *temporariamente* como diz a nota oficial, havemos de esperar eternamente pela instalação no *predio proprio comprado em Novembro do ano passado.* A «Liga Protetora da Criança Pobre», associação benemerita fundada por um grupo de senhoras amazonenses e que conta para mais de trezentos socios, está na obrigação de recusar a proposta do Serviço Sanitario, e de procurar por todos os meios ao seu alcance, vencer as dificuldades encontradas para a instalação da casa «Dr. Fajardo» no edificio que lhe pertence. Fechar um hospital tão necessario como este, devido a dificuldades que, estou certo, podem ser sanadas, é um crime contra o qual não posso deixar de lavrar meu protesto: os pequeninos amazonenses que estão sob a guarda de Mãisinha, pedem, imploram, em nome da geração futura, em nome das crianças desprotegidas da sorte, em nome dessa legião de impaludados, que se faça a transferencia imediata de seu hospital afim de evitar que ele se feche, que seja incluido no já grande ról de cousas bôas que só existem em projétos.

---

SERVIÇO SANITARIO publicou sua nota oficial a respeito do fechamento da casa « Dr. Fajardo » a 28 do corrente e, a 29, os pobresinhos que lá se achavam foram enviados para diversas partes, foram despejados, deshumanamente expulsos, do hospital que é mantido por contribuição publica. Sempre julguei que, uma vez publicada a nota oficial que asseverara ir o Serviço Sanitario propor á « Liga Protetora da Criança Pobre » a idéa triste e antipatriotica, alguns dias se passariam antes de ser essa idéa absurda aceita por aquela associação. Qual não foi o meu espanto ao presenciar a despedida dos pobresinhos que lá se achavam internados, na tarde de 29 deste mez, tarde em que desapareceu uma das grandiosas obras que se ha encetado em Manáos! Hoje, as creancinhas que se achavam sob a egide de Mãisinha estão espalhadas pelos suburbios da capital, a mercê da velocidade dos carros da « Tramways », a aprender o vocabulario pornografico dos moleques de rua e, o que é peior, sem a assistencia medica que lhes proporcionava o hospital mantido por subscrição popular. De nada valeu o meu protesto contra o ato deshumano e nojento. Preguei no deserto: a « Liga Protetora da Criança Pobre », ao envez de procurar vencer as *dificuldades* que surgiram quando da transferencia para o predio proprio, comprado em Novembro do ano passado, amunhecou covardemente e atirou ao léo da sorte um punhado de amazonensesinhos que não têm culpa de não ser a lei respeitada no nosso Brasil. Cabe á população de Manáos, agradecer o gesto que teve a diretoría da « Liga Protetora da Criança Pobre » aceitando, dentro de 24 horas, a sugestão antipatriotica do Serviço Sanitario do Estado que, juntamente com ela, se declarou incapaz de vencer as dificuldades, ( se é que existem ) para a transferencia da casa « Dr. Fajardo » para o predio Affonso de Carvalho, que de fato lhe pertence, atirando á pobreza, sem amparo, os inocentes que se abrigavam sob o tecto dessa casa de amor e caridade. Havendo protestado contra a nota, aqui reafirmo o meu protesto contra a deliberação impatriotica que vem de tomar as diretorías do Serviço Sanitario do Estado e da « Liga Protetora da Criança Pobre », duas entidades que, se existem, não justificam, de maneira alguma, a razão de sua existencia.

---

A MINHA admiração pela mulher amazonense — mulher abnegada, mulher digna, mulher corajosa — já não tem limites. Testemunha imparcial de seu proceder quando dos tres annos e meio de angustias que passámos, testemunha muda de sua coragem indomita quando da emancipação do povo do Amazonas, eu sempre admirei e idolatrei a mulher de minha terra, representada pela minha santa Mãi, pela minha idolatrada Esposa e pela minha querida Filhinha: longe do convivio da sociedade, punido sem haver cometido crime algum, atirado á margem, esquecido, ignorado pelos falsos amigos, era a mulher amazonense que, como um raio de sól deslumbrante, penetrando atravez as grades que me separavam de meus semelhantes, suavisava esses momentos de terror e de incerteza, essas horas amargas que somente as masmorras podem proporcionar. Vencí. Continúo a vencer. Quem não deve não teme! Que são seis mezes e dias de prisão para quem tem a consciencia limpa e tranquila? E, se alguma vez o desespero procurava me aniquilar, era a mulher amazonense, representada por essas tres mulheres que constituem a minha vida, a minha felicidade, a minha alegria, que me encorajava a cada passo, a cada momento, que evitava fosse eu vencido pelo destino infeliz, E' por isso, é por causa dessas tres mulheres, que me bato pela minha terra, pelo meu querido Amazonas; é por causa delas, elas que para mim tudo representam — Patria, Familia, Religião, Amor — que bradei contra o gesto impatriotico da «Liga Protetora da Criança Pobre» aceitando a proposta extemporanea do Serviço Sanitario do Estado para que a casa «Dr. Fajardo» fosse fechada; é por isso, é por causa delas, que sinceramente agradeço a carta assinada pela Mulher Amazonense ante-hontem recebida, dando-me o seu apoio incondicional nesta campanha que o meu amazonismo crónico me obrigou a encetar, e que só abandonarei quando os meus pequeninos e pobres conterraneos tiverem o seu pequenino hospital instalado no predio que lhes pertence.

---

PENHORADO me confesso pelas manifestações de apoio que diariamente recebo, nesta santa cruzada em pról da reabertura da Casa « Dr. Fajardo » no predio proprio comprado em Novembro do ano passado. Entre as muitas cartas que me têm chegado ás mãos, ha uma assinada pelo Snr. José de Araujo Góes, proprietario da « Tinturaria Ipiranga » e na qual péde que eu transmita á « Liga Protetora da Criança Pobre » a resolução que tomou com referencia a essa associação. Resolveu ele entregar á « Liga », de cada trabalho executado em sua casa comercial, a bonificação de 100 réis que pode ser recebida, á rua Henrique Martins n.º 25, no dia 1.º de cada mez. Estou certo de que outros comerciantes virão em auxilio desse pequeno hospital infantil caso a *dificuldade* que originou seu fechamento seja devido á falta de dinheiro. Além disso a diretoria da « Liga Protetora da Criança Pobre » deve promover a cobrança das contribuições de 2$000 mensais, dos trezentos e tantos socios cujos nomes estão escriturados no livro de registo. Uma cousa deve ficar bem patente: a população do Amazonas não permitirá que o hospital se feche assim sem mais nem menos e fará o possivel para que ele seja reaberto no mais curto espaço de tempo. E' de justiça declarar que diversos membros da diretoria da « Liga » foram contrarios á medida drastica, tomada de afogadilho, e que não consulta o bem estar dos infelizes que lá se achavam em tratamento. Neste assunto temos que ir para deante custe o que custar. Precisamos olhar com desvelo e carinho pela geração amazonense futura impedindo que morram ou que se percam pelas ruas esses pequeninos infelizes que não tiveram a sorte de nascer ricos. Não têm culpa de sua desdita, não contribuiram para adquirir a doença que os ataca. Culpa teremos nós, amazonenses, se consentirmos no desaparecimento desse hospital; culpa teremos nós, amazonenses, se crusarmos os braços, em atitude covarde, ante esse ato que é a negação completa da caridade e do amor, ante essa falta de justiça para com conterraneos nossos, pequeninos, indefesos, cujo unico crime que têm é o de não serem filhos de pais ricos que ocupem posição de destaque na sociedade.

---

ESTA questão do fechamento da Casa «Dr. Fajardo», esta questão vergonhosa que atenta contra os nossos fóros de cidade civilisada, já pertence ao dominio publico. Lancei meu brado de alarme contra essa medida estupida antes de ser ela aplaudida e adotada pela maioria dos diretores da «Liga Protetora da Criança Pobre»; o snr. deputado Pédro Thimoteo, logo em seguida, protestou contra a medida odienta; *Barésinho*, pelas colunas de «O Libertador», deu-me sua solidariedade no assunto; a Mulher Amazonense lavrou, tambem, o seu protesto na carta que ha dias trancrevi; Hemeterio Cabrinha, interpretando o sentir do operariado amazonense, dirigio uma carta aberta ao snr. Presidente do Estado, pedindo sua proteção para os infelizes conterraneos, para os pequeninos inocentes que se acham sem tecto, sem amparo, sem alimentação, sem assistencia medica; o Snr. José Góes, enviou-me uma carta pondo a disposição da «Liga» a bonificação de 100 réis por obra executada em sua casa comercial. E, mesmo assim, a Casa «Dr. Fajardo» se mantem fechada aos infelizes que nela estavam abrigados e que estão agora espalhados pelos suburbios da cidade, á mercê de toda a desgraça pois, apezar de ser seu hospital mantido pelo povo, eles foram estupida e deshumanamente expulsos da casa a que têm direito; foi-lhes deshumana e estupidamente negada entrada na casa que lhes pertence. De quem é a culpa? Do Serviço Sanitario do Estado que propoz o fechamento? Da diretoria da «Liga Protetora da Criança Pobre» que até agora não veio a publico explicar porque razão aceitou esssa proposta humilhante e odienta? Do advogado do hospital que, tendo a lei a seu lado, não procura agir em beneficio de menores, de criancinhas pobres e indefezas? Vamos, expliquem-se, para que o povo saiba, quem é o culpado. Essa historia de culpar um homem, sem ao menos declinar-lhe o nome, já é muito conhecida... Se a Casa «Dr. Fajardo» tem, de fato, direito ao predio, procurem esses senhores agir a prol dos infelizes internados. Mas se o *predio comprado em Novembro*, para esse hospital, não pode, de acordo com a lei, ser desocupado, que a diretoría da «Liga Protetora da Criança Pobre», que a diretoría do Serviço Sanitario, que o advogado da Casa «Dr. Fajardo» venham a publico declarar, afim de evitar explorações tolas e descabidas. Esta é a opinião sincera de quem foi o primeiro a lançar protesto contra o ato deshumano, — e por que não? — irritante, injustificavel e vergonhoso.

NUNCA fui incondicional e sempre segui idéas e não homens. E' por isso que, como amazonense nato, como moço, como trabalhador pelo alevantamento deste formoso rincão que por felicidade tive por berço, venho hoje prestar meu apoio á idéa grandiosa de Raul de Azevedo publicada em « O Libertador » de ha alguns dias. O Amazonas ha atravessado diversas fazes de martirio que culminaram nessa bambochata ridicula e aviltante que foi o governo que destruimos. Felismente houve um furação que derruio a bastilha infame e iniciou a éra honesta que hoje usufruimos. Nada mais justo do que procurarmos — nós que muito sofremos, nós que aqui nascemos ou que aqui constituimos familia — auxiliar o Estado no pagamento dessa formidavel quantia de 68 mil contos que ele deve aos credores estrangeiros. Como foi gasto esse dinheiro? Para onde foi? Não nos interessa saber: o que nos interessa é salvar o Amazonas ora redimido; o nosso dever, é auxiliar o homem que está á testa dos negocios do governo com aplausos de toda a população; o que devemos fazer é contribuir para o pagamento dessa divida vultosa que, com o auxilio de todos nós, desaparecerá como por encanto. Mãos á obra amazonenses, brasileiros, extrangeiros que residem no Amazonas: mostremos que temos amor a esta hospitaleira terra, mostremos que estamos prontos a salvar o Amazonas da insolvencia completa, aplaudindo, auxiliando, levando avante a idéa feliz — talvez utopista na opinião de meia duzia de pessimistas inveterados — mas que redundará em beneficio de todos nós. Eu, pronunciado pela Justiça Federal, em processo regular, por haver contribuido para a éra honesta que hoje temos, hipotéco toda a minha solidariedade á idéa nobre de Raul de Azevedo, pondo á disposição do meu muito amado Amazonas o credito que tenho no Tezouro do Estado até 23 de Julho de 1924, dinheiro ganho honestamente, cumprindo o meu dever e que os ladrões embolsaram antes de partir para a Europa, deixando o Estado responsavel pela divida para comigo.

HA uns dias atraz, achando-me nas proximidades da antiga Fazenda Aurora, resolvi dar um pulo até lá e visitar o elegante predio que, diariamente, ao passar de bond, diviso ao longe. A' medida que avançava, lembrava-me do *bungalow* que lá existia, dos gostosos *lunches* que o cosinheiro chinês do Sutton nos proporcionava aí por 1910 e 1911; do arvoredo denso em toda a extensão do terreno, onde armavamos nossas maqueiras para a sésta da tarde; dos bons amigos que lá encontrava, uns já mortos, outros em longinquas terras. Mas agora tudo isso desapareceu: a ladeira ingreme que dava para o igarapé, foi substituida por uma enorme muralha de pedra; no logar do *bungalow* ergue-se um vistoso e moderno predio; a mata — o *jungle* como nós a denominavamos — foi toda posta abaixo e, onde ela era mais densa, foi construido lindo jardim de sessenta metros quadrados. Tres degraosinhos dão acésso ao predio; colocado no primeiro, li o *placard:* — «E' proibida a entrada a pessoas extranhas» — Cumpridor de de toda ordem, fiz-me anunciar. Fui recebido imediatamente, pela figura simpatica de Aluysio Araujo que, sem mais preambulos, convidou-me a percorrer o edificio, fornecendo-me todas as informações que a minha curiosidade natural desejasse obter. Entrámos no salão terreo: muito arejado, muito grande, contem, no centro, duas filas de tanques, todos ladrilhados; á direita, estão colocadas as maquinas para triturar a borracha e, á esquerda, as maquinas laminadoras. Ao norte do salão, estão os gabinetes sanitarios e banheiros, — amplos, higienicos — e, mais além, uma pequena enfermaria onde serão prestados os primeiros socorros nos casos de acidentes. Subimos ao primeiro andar: das mesmas dimensões do outro, ha um salão para a secagem da borracha para lá transportada em possante elevador; ao lado, será instalado o laboratorio. Fomos ao segundo andar — secção de embalagem —: este departamento tambem é amplo e bem instalado. Foi isto que vi durante minha curta visita. A Fabrica Brasil-Hevea ainda não está pronta e os detalhes acima, talvez conhecidos já do publico, foram, para mim, uma revelação: vi constatei, tive a prova, da grande energia, da brilhante iniciativa, da formidavel atividade, desse batalhador infatigavel que é Joaquim Gonçalves de Araujo. Quem não conhece o velho J. G.? Quem não está ao par de sua vida comercial, de suas vitorias, de seus sofrimentos? Mas é um vencedor. Auxiliado por esses dois moços

que se desdobram numa grande atividade — Agesilau e Aluysio Araujo — ele bem representa a fortaleza do comercio do Amazonas. Ao sair da fabrica em construção, lembrei-me da ultima vez que me encontrei com J. G.: era um feriado nacional, quasi seis horas da tarde. Com o coração oprimido, vendo a realidade negra da desdita que me avassalava — a mim e aos meus companheiros de prisão — entrou no nosso alojamento um velhinho para nos visitar. Era o velho J. G., homem-trabalho que, não tendo tempo para cousa alguma, inventara-o, arranjara-o, para ir levar o seu conforto a um punhado de homens sofredores. Um som agudo de corneta anunciou a hora de arriar a bandeira. Fomos todos para a janela: lá em baixo, o batalhão garboso se estendia em linha; o jardim estava apinhado de gente; nós lá em cima, e, entre nós, a figura veneranda de J. G. Aos primeiros acordes do hino nacional — esse hino sacrosanto que nos eleva, que é capaz de transformar um poltrão em valente, que meche com todos os nossos sentimentos, que nos entusiasma e nos sacode, que faz sempre com que nossos olhos se encham de lagrimas — lagrimas que representam alegria — nos perfilámos todos em homenagem a nossa grande e extremecida Patria. Os tambores rufavam, a banda continuava, e nós, mudos, elevados, entusiasmados, esqueciamos até que estavamos presos. Bem vi que aquele coração de velho, bem senti que aquele ancião que ali estava comnosco, pulsava, vibrava, fremia, se alegrava ao ouvir a musica maravilhosa de Francisco Manoel. Depois fomos com ele até ao portão: lá, em frente da sentinela, nos despedimos agradecidos. J. G., com sua visita, trouxera-nos grande encorajamento. E' por isso, pelo muito que ha feito pelo meu amado Amazonas, pelo muito que ha sofrido, pelo conforto que nos levou nesse feriado memoravel — quando eu e meus companheiros necessitavamos ouvir palavras que nos animassem nessa temporada negra que atravessámos — é por isso, por tudo isso que, toda vez que me encontro com J. G., mesmo á distancia, ergo o chapéu: é a minha homenagem ao patriota, ao português-brasileiro, ao homem-energia, ao homem-trabalho, ao glebario, ao grande amigo do Amazonas.

NESTA hora suprema, hora de alegria, hora de felicidade, quando o Amazonas parece ressuscitar, recebemos terrivel nóva: morreu Octavio Sarmento. Já não quero me referir a minha dor pessoal, já não quero mencionar o meu acabrunhamento. Somente devo citar e registrar a tristeza enorme que sentiu o povo da minha terra ao receber essa noticia desgraçada. Amazonense nato, manauense, Octavio Sarmento bem encarnava o sentir dos amazónidas. Amante extremado de nossa terra — terra que ele adorava — Octavio — quanta vez? — cantou-a aos acordes de sua lira maravilhosa. Patriota exaltado, esteve lá em Canudos, nessa memoravel e sanguinolenta campanha contra Antonio Conselheiro. Depois voltou para sua terra, constituio familia e continuou a trabalhar em pról da planicie amazonica. Quem não conhece « *A evolução sentimental dos Neengahibas?* Quem desconhece suas poesias, todas elas regionais, esparsas pelos jornaes e revistas de Manáos? Quem o ignora como professor de um curso secundario? Alí, naquele casarão amado, naquele enorme edificio que ele muito queria, — o Ginasio Amazonense Pedro II — deu as maiores provas de seu coração de ouro, da enorme bondade que o caracterisava. Octavio era contrario a toda reprovação: muita vez eu o vi doente, cabisbaixo, triste, por não poder aprovar toda a turma. Octavio era um bom, era um digno, era um amazonense. Membro fundador da Academia Amazonense de Letras, seu corpo baixou á sepultura em silencio — silencio aterrador, silencio que atestava a grande dôr do Amazonas. E Octavio desapareceu de entre os vivos sem os discursos espalhafatosos que, afinal de contas, nada significam. Acompanhou-o a nossa dôr sincera, a nossa lagrima de saudade, o nosso soluçar que significa e afóga todo o nosso sentir — dôr, lagrima e saudade que exprimem bem o golpe rude que o Estado do Amazonas sofreu.

---

AINDA ha muita gente por esse mundo afóra que se ilude a respeito do povo amazonense. Um cabotino qualquer, não sei porque razão, resolveu vir até nós. Chegou. Saltou. Fez dinheiro, ficou rico e danou-se a escrever que isto aqui era o fim do mundo, o *inferno verde*, u'a malóca, era o diabo, emfim. Depois, outros que aqui se fizeram, que aqui deixaram as calças de fundilhos remendados que vestiam ao chegar, quando já ricos, foram para a capital da Republica proclamar que do Amazonas só querem a distancia, que isto não é terra para civilisado viver, etc. Em vez de aprendermos com a lição da experiencia, em vez de pormos de quarentena as *importações* sordidas que aqui chegam, nós, — povo amazonense — continuamos a recebe-las de braços abertos, fieis a nossa tradição de povo hospitaleiro, tratando com desprezo as mentiras que escrevem e dizem contra nós quando com as algibeiras recheiadas e já longe daqui. Porém — é preciso frizar bem — o povo do Amazonas não é nada tolo nem imbecil como muita gente pensa. Em materia de teatro, então, a platéa manauense é muito dificil de contentar. A razão é muito simples: centenas de amazónidas, muitos brasileiros filhos de outros Estados e que aqui vivem, estão acostumados a ver cousa que preste, já assistiram o que ha de melhor nos palcos do Rio, de Londres, de Paris, de Berlim e de Nova-York. Esta historia de declarar que « *um artista bom aqui nunca veio, que Manáos ainda não vio nem verá nos proximos dez anos uma atriz ou uma cantora que iguale a Fulana ou a Beltrana* » é uma asnice de se lhe tirar o chapeu! Depois, esses fugachos estupidos, não constituem a melhor maneira de angariar amigos. E' verdade que, toda vez que chegam aqui artistas de real merecimento, o povo corre logo a incentiva-los, homenagea-los, enchendo as casas onde eles representam. Mas — e é esta a bondade deste grandioso povo — muitas vezes essas casas se enchem quando artistas réles aqui aportam. E' isto sinal de que a platéa amazonense não é culta? E' isto prova que não sabemos distinguir o bom do ruim, o verdadeiro artista do conto de vigario? Ao envez de ser uma homenagem ao réles, ao ignorante, é, unica e exclusivamente, uma deferencia ao patrono do festival, geral-

mente pessoa de destaque politico que esses piratas sempre arranjam. O que precisamos fazer é deixar de patrocinar esses festivais; o que devemos fazer é seguir o exemplo do snr. presidente do Estado. Se o artista é digno, é competente, terá o apoio do povo, fará dinheiro. Se não o é, representará, trabalhará, para as cadeiras vasias, dar-nos-á o prazer de sua ausencia, pouco nos importando o que ele dissér a nosso respeito por aí afóra. As outras platéas o julgarão depois de ouvi-lo!

---

NA repartição dos correios vem de ser instalada uma maquina eletrica para carimbar cartas. E' a primeira que temos no Amazonas e, dora avante, a correspondencia expedida pela nossa repartição postal, ostentará pequeno quadro onde é feita a propaganda dos produtos brasileiros. E' justamente sobre esse quadrinho, carimbado a tinta roxa numa carta que hoje recebi, que versa o assumpto desta coluna. Em tipo elegante e esguio, caixa alta, se lê o seguinte: —

RUBBER — BRAZIL NUTS — TIMBER
FIRST CLASS PRODUCTS
Borracha-Amendoas do Pará-Madeira
Productos de primeira ordem

No meu fraco entender está todo errado esse carimbo. Analizemos essas quatro linhas que o correio envia aos quatro ventos. Se as duas linhas ultimas representam a tradução portugueza das duas primeiras, o moço que as traduzio merece ser reprovado! Onde, quando, AMENDOAS DO PARÁ já foi a tradução de BRAZIL NUTS? Amendoa, em inglez, é *almond* cujo plural se faz acrescentando um *s*. Ora, para que a tradução fosse corréta, era necessario que estivesse escrito PARÁ ALMONDS. Como está — BRAZIL NUTS — qualquer principiante de inglez só traduzirá por CASTANHA DO BRAZIL. Isto, quanto ao inglês. Agora, quanto á propaganda que julgo ser o fim vizado por esse carimbo. Se a propaganda é de um produto BRAZILEIRO, esta certo, sem a tradução, claro! Mas, desde o momento que ela visa tornar conhecida a procedencia do produto, desde o momento que no carimbo deve ser declarado o Estado onde ele existe, porque não escrever AMAZONAS, que é a verdadeiro *habitat* da *bertholetia excelsis*, cuja produção é muito maior que a do Pará? Porque devem as cartas enviadas pela nossa repartição postal, levar a todo mundo a nóva de que no Pará existe castanha e silenciar sobre o Amazonas que, mais do que o Pará, necessita de propaganda? Não acham os meus leitores, que a Diretoria Geral dos Correios, andou mal neste assunto? Andou mal e merece uma *bruta* reprovação em inglês! Porque, afinal de contas, e com licença do *sabio* que fez a tradução, *nut* é castanha, e amendoa é *almond!* Depois, apezar dos inumeros paradoxos que aqui existem, a castanheira ainda não deu amendoa! E, ao que me conste, ainda nenhuma amendoeira produzio castanha! Verdade se diga que *jaqueira* já deu *cupuassú*...

A um fato interessante nesta nossa capitalzinha: a maneira que certas pessoas tomam os bonds. Já repararam? Parece que o bond lhes pertence! Horario? Querem lá saber de horario... Horario, metodo, disciplina, tudo isso foi feito para soldado! Uma pessoa que se préza, que pertence ao *haute-gomme*, deve levar tempo a tomar um bond! Somente os da patuléa pulam no veículo! E é de ver a cara solene que adotam as matronas e as melindrosas, passeando paralelamente ao estribo á escolha de um logar! E fazem isto convencidas que denotam sangue azul. Amarram a cara, lançam um olhar de desdem para os pobres diabos que já estão a bordo e iniciam o passeio, partindo da beira da calçada. Uma vez escolhido o banco começam a subir: as matronas, embrulhadas em largas e antiquadas saias e as melindrosas a mostrar até ao meio da coxa e, muitas vezes, umas ligas descoloridas que lhes sustentam as meias! Se o pobre do motorista, já atrazado, apressa-as com uma campainhada, é logo fulminado com um olhar medonho e a velha exclamação: «Atrevido, está com pressa?» Não teem a menor noção do tempo! Para elas, tanto se lhes dá fazerem o percurso em uma hora como em dez minutos! Contanto que sejam vistas, contanto que chamem atenção! O *time is money* dos inglezes não lhes dá nenhuma idéa! Desconhecem o valor de ambos ou não lhes dão valor de especie alguma. Daí, talvez, dizerem os que nos visitam que somos indolentes, móles, vadios... Influencia do clima? Quem sabe? Mas, que ha uma certa dóze de vaidade nesse *footing* desnecessario e ridiculo não ha negar! Falando sobre isto hoje pela manhã, e recordando a vida intensa das capitais européas neste seculo de *zepelins*, hidroaviões, televizão, radiotelefonia etc., o assunto foi terminado com a exclamação categorica do Joaquim Leite da «Panair»: «Em Londres, esta cambada ia mesmo a pé p'ra caza!»

---

LORD BIRKENHEAD, é um individuo austero e circunspecto. Em 1916 ou em 1917, apertou-me a mão, durante uma visita que fez á Faculdade de Engenharia da Universidade de Liverpool, onde, então, estava eu matriculado. Relembro esse fato agora, ao ler o « Daily Express », de Londres, de 14 de Abril passado, onde anuncia seu novo livro — *The world in 2030 A. D.* (« O mundo em 2.030 A. D. »). Lord Birkenhead, como diz esse jornal, com seu livro, vem causar uma verdadeira revolução na vida conjugal. Nada mais faz do que prever o povoamento do solo — o decantado povoamento — por meio de crianças geradas, criadas, nutridas em boiões de vidro! E' o nascimento ectogenetico, como ele o denomina. Que diabo disto é aquilo? Muito simples, explica Lord Birkenhead: é o desenvolvimento de uma criança, de uma celula fertilizada tirada do corpo de sua mãi e criada num boião de vidro, cheio de serum, em cima da meza de um laboratorio. Acrescenta que as experiencias hão demonstrado que a ligação entre a mãi e a criança ainda não nascida é puramente quimica, e, portanto, não é para cauzar espanto se um dia os biologistas venham imitar essa ligação quimica em um laboratorio. De modo algum ele profetiza a creação cientifica de pimpolhos mas a simples separação de uma celula humana fertilizada do corpo da genitora. E' o que ele chama « eugenia pratica ». Depois, o velho Lord enumera as possibilidades, mesmo dentro de cem annos: — poder-se-á encerrar numa caneta-fonte a força de 600 H. P.; a televizão stereoscopica em suas côres naturais; uma festa na Australia poderá ser apreciada de Londres; os debates na Camara serão ouvidos em toda parte e as eleições tomarão apenas vinte minutos; as doenças todas desaparecerão; a agricultura será substituida por alimentos quimicos; os *beefs* serão produzidos, ás toneladas, nos laboratorios; o pão, o assucar e os vegetais serão sinteticos e mais baratos do que a agua; trabalhar-se-á durante uma semana e o descanço, para cada semana de trabalho, será de tres semanas. Não haverá mais nacionalidades diferentes. Que me dizem os leitores de tudo isto? Estará Lord Birkenhead maluco? Duvido! Julio Verne, tambem, avançou idéas julgadas, então, absurdas, e o zepelin esteve prezo pelo nariz em Recife! Eu, de minha parte, só uma cousa almejaria: nascer no ano 2.010 A. D.!

---

ESTE Brasil querido é um paiz das arabias. Diariamente damos a prova da nossa falta de compostura, da ausencia de nossa pseudo civilização, do deboche nacional! O Brasil, digam o que disserem os patrioteiros que por aí andam, continúa a ser um paiz carnavalesco. Todos estes pensamentos rodopiam em meu cerebro, ao ler o telegrama estampado hoje no «Estado do Amazonas», noticiando a proclamação do Municipio de Princeza como territorio federal. De duas uma: ou esse snr. José Pereira merece um castigo severo, pela audacia de seu gesto, ou merecem os mentores da politica nacional a repulsa unanime do povo brasileiro, se é que esse decreto imbecil representa o pretesto para a almejada intervenção na Paraíba. Não discuto se o snr. João Pessoa tem ou não razão na atitude que assumira, apezar de respeitar-lhe o direito de obedecer ordens do Catete ou de se insurgir contra elas. O que me revolta é esse decreto que bem demonstra a falta de policia em nossa terra. Então, um chefete politico qualquer, num municipio paraibano que é o unico a não acompanhar a politica — boa ou má — do presidente do Estado, dana-se e cria mais um Estado na Federação Brazileira? Que sofrerá esse paranoico? Haverá alguem que leve a serio qualquer cousa que saia do cerebro de um homem que se chama Zé Pereira? Estamos ou não em pleno carnaval? Mas, o atual é muito mais nocivo, mais vergonhoso, mais caro que o outro. Custa-nos muito, em dinheiro, em sangue e, sobretudo, em reputação. Depois de ler o decreto que bem demonstra o atrazo de um povo, aguardo, pacientemente, a proclamação de Lampeão — esse outro abnegado patriota: — que pedaço do Brasil escolherá o Coronel Lampeão para imitar o gesto de seu amigo o Coronel Zé Pereira?

---

OCÊS já repararam na trajetoria de um foguete de rabo? Se ainda não, vamos, aqui, brincar de *faz de conta!* Faz de conta que eu tenho na mão esquerda um foguete de rabo e, na direita, um trabuco de cem réis, já queimado até ao meio; encósto o trabuco no foguete, depois de lhe fazer, com a unha, umas cocegazinhas na parte onde está a polvora, o bicho começa a chiar e, de repente, dana-se para os ceus! Mas, ao atingir o limite de seu pulo, depois de estourar, lá vem o bruto, de cabeça p'ra baixo, rumo da terra, doidamente, estupidamente, sem estrepito, rodopiando sobre si mesmo, e esparrama-se no chão, onde é logo preza do molecorio impenitente. Tal qual o foguete de rabo, são certos individuos que eu conheço. Nulos, ôcos, vazios, começam eles a chiar estrepitosamente, ao contacto de qualquer homem de prestigio. Alardeam uma amizade ficticia, invocam uma viagem feita no mesmo vapor, dão-se ares de importancia. Depois, preparado o terreno, largam-se em disparada para cima. A carreira é desenfreada, e lá vão eles, rumo da lua, convencidos que são, realmente, o que julgam ser. Mas, não ha mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe. Se a subida foi repentina, inesperada, estrepitosa, inesperado, repentino, estrepitoso é tambem o estouro, lá bem ao alto, quando já julgavam conter o rei na barriga. O estouro ecôa, e todos estendem o pescoço para apreciar a descida: e, tal qual o foguete de rabo queimado nas noites de S. João, lá vem o bruto, de cabeça pr'a baixo, rumo da terra, doidamente, estupidamente, sem estrepito, rodopiando sobre si mesmo e esborracha-se no chão. Mais infeliz do que o foguete de rabo, a multidão se retira sem ao menos lançar-lhe um olhar de piedade. E' que o foguete de rabo tem taboca e eles, — pobres diabos convencidos e empavonados — somente possuem um rabão de palha, que daria para fazer uma comprida torcida chineza. A vida é isto mesmo, e, afinal de contas, deve sempre se contar com o *survival of the fittest.* Depois, como já o dizia o velho Blancheau, um dia depois do outro é a melhor obra da creação!

---

RAUL DE AZEVEDO, esse espirito brilhante, já uma vez, entusiasmado com a beleza e com a felicidade que Manaus, irradia, chamou-a a «cidade-risonha». De fato é bem linda a nossa cidadezinha! Qual perola perdida na floresta, encravada nesta vasta estensão de aguas e de matas, Manaus sorri, sorri graciosamente, ao viajante que sóbe o Amazonas. Ela bem representa enorme revelação áquelles que, durante a monotona viajem rio acima, já vão julgando que Manaus — dada a distancia que a separa do mundo civilizado — é alguma cousa mais horrivel e mais rustica do que as chamadas cidades que se encontram nas margens do grande rio. Mas, avistando-a ao costear Marapatá, ao deparar a cupola multicor do Teatro Amazonas, as graciosas torres da Catedral, o imponente edificio da Fabrica de Cerveja, triade que representa a civilização, a religião e a industria, o viajante tem logo a certeza de que chega a uma cidade que rivaliza, em tudo, com qualquer cidade européa. Mas, ha certas cousas na «cidade risonha» que clamam providencias, porque depõem contra os nossos fóros de capital civilizada. E a mais revoltante de todas elas é a correição de cães. Ainda hontem, em plena avenida Eduardo Ribeiro, ás 15 horas, presenciei uma cena vergonhosa. Uma carrocinha, dois fiscais da Prefeitura e um bando de moleques, todos de laços na mão, a correr em perseguição dos pobres cães que ali se encontravam. Cercavam o infeliz animal, o laço era atirado e, quasi enforcado, era o pobrezinho arrastado até ao carro-gaióla. Prova mais forte de barbaridade não pode existir; espetaculo mais degradante, não póde ser presenciado; cena mais revoltante não nos póde ser oferecida. Em que péze a necessidade de aprisionar os cães vagabundos, julgo que esse serviço deve ser feito á noite, quando, realmente, os cães sem dono vagam pelas ruas. Em todo o mundo existem sociedades que protegem os animais. Aqui, na «cidade risonha», com toda a nossa bazofia de civilização e de humanidade, atiramos na cara daqueles que nos visitam, esta medida estupida que nos rebaixa. Apélo ao snr. Prefeito Municipal afim de pôr um paradeiro a essa caça selvagem que nos nivéla aos Zulos. Era preferivel caçar, em plena via publica, certos animais que de homens só teem a aparencia, do que perseguir o cão que é o unico amigo verdadeiro que possuimos. Olegario Mariano, referindo-se ao seu *Floc*, já o disséra: —

«Ha muitos homens por aí que nada valem
Porque não teem o Sentimento
Nem a Sinceridade do meu Cão».

Eu sempre, desde que me entendo, tive uma forte aversão pelos ingratos. Em téze, admito todos os crimes: o assassinio, o roubo, o furto, a rebelião, o atentado á honra, a calunia, tudo isto eu encaro como uma cousa toda natural, como uma consequencia logica do gráo de civilização que atingimos. Mas o ingrato, o individuo que nos deve um favor qualquer, o homem — ou, antes, o arremedo de homem — que nos deve favores impagaveis, que depende de nós, que ocupa uma posiçãozinha, muitas vezes imerecida, somente porque nos puzemos a seu lado; e que, uma vez de posse dela, nos dá o ponta-pé da pragmatica, esse é o ingrato, o typo nojento por excelencia; o homem — ou, antes, o arremedo de homem — esse que levamos a nossa casa, com quem repartimos o que ha na meza para comer, ou as luzes do nosso conhecimento e que, depois, nos dá o coice, esse é o ingrato, o tipo asqueroso, o tipo sórdido, o tipo completo e acabado do individuo nojento, isto é, do pulha que se rebaixa para conseguir o favor e que se eléva — que se julga elevar — uma vez satisfeita sua ambição. Não devemos fazer favores neste mundo: quem tiver brio, honestidade, prestigio, capacidade, vergonha, atividade, sempre sóbe, mesmo depois de sofrer todas as vicissitudes. O patife incapaz, o invertebrado, o individuo que depende da palavra, do prestigio, da inteligencia, da delicadeza, do desprendimento, da coragem de um outro, esse é o eterno infeliz, esse é o predestinado a ir dar com os costados nas profundas do inferno. Oh! os ingratos, quão numerosos eles são! Andam por aí aos magótes, a espiar-nos, a nos mendigar favores, a nos endeuzar e, todo o tempo, a preparar o coice com que nos hão de retribuir o favor feito, a posição que ocupam! Oh! os ingratos, essa infamerrima léva de infames, que tudo nos devem e que tudo fazem para nos rebaixar! Oh! os ingratos, os eternos imbecis que embriagados pelos posições altas e temporarias que ocupam, já se julgam muito acima daqueles que os ajudaram a subir! Oh! os ingratos, classe baixa e desavergonhada, como eu os desprezo! Não fossem eles — eles que representam grande numero do genero humano — este mundo seria um paraizo...

---

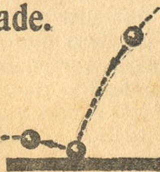
I, hontem, o primeiro exemplar saído do prélo, do «Paiz das Pedras Verdes», o novo livro de Raimundo Morais. Travei conhecimento com o notavel escritor aí por meiados de 1926, quando me ofereceu ele o seu «Na Planicie Amazonica», livro que despertou a curiozidade dos nossos patricios sulinos pelas cousas do Norte. Depois, recebi o «Cartas da Florestas». Tanto no primeiro (premiado pela Academia Brasileira de Letras) como no segundo, Raimundo Morais cantava a beleza amazonica em todo o seu explendor maravilhoso. Não fazia côro com os pseudo escritores que vivem a bater na técla enfadonha e mentirosa da indolencia do caboclo, da inclemencia do tempo, da crueldade do seringueiro. Antes, combatia essa propaganda estupida e infame, aniquilava a lenda do inferno verde, creando a verdade do Paraizo Verde, sempre solicito, sempre hospitaleiro, sempre estupendamente, desmezuradamente grande, no seu acolhimento aos que o procuram. Morais tornou o Amazonas conhecido. Foi esta a sua grande realização. Agora surge-nos com o «Paiz das Pedras Verdes», cujo primeiro exemplar eu vi hontem á tardinha, á hora suave da Ave-Maria, quando as almas bôas levantam suas preces ao Todo-Poderoso, e os maus procuram abater os homens que se não vergam. Folheei, com vagar, as trezentas e vinte paginas do volume. Ante minha vista deslumbrada, passaram as conchas, os idolos, os talismans, os fetiches, os machados, os petroglifos, os caracteres simbolicos, toda a ceramica nheengaiba, a louça marajoára com seus curiosos alguidares, pratos, jarros, igaçabas, urnas, ofertorios; lá está a jaquiranaboia e o jabotí; a seringueira, a castanheira, o apuizeiro, o assaizeiro! Tudo isto em lindos e nitidos clichés, elegantemente colocados nas paginas. Abre-o formidavel oração á mocidade amazonica. E' um grito de guerra — guerra máscula, nobre, patriotica — em pról da abençoada Planicie Verde. Seguem-se-lhe, como num interessante e instrutivo caleidoscopio, os capitulos intitulados «O Pindorama», «A nossa arquiavó tapuia», «Do Pandemonio á Amazonia», «Cidade das Colinas», «Nave Telurica», «Um batedor dos sertões», «O Eldorado dos naturalistas», «A Mundurucania», «O Marido das viuvas» «A Pagelança». E durante todo o tempo que me deliciei folheando o livro, sentia que Moraes procurava advinhar meu pensamento; compreendi o interesse que tinha o escritor amigo, conciente de seu trabalho, em saber a opinião, — mesmo a opinião humilde de

um obscuro cronista de jornal — que tinha a respeito do «Paiz das Pedras Verdes». Não lh'a dei ao entregar-lhe o volume que moveu todo o meu amazonismo. Em silencio, passei-lhe o volume ás mãos. Preferi dizer nesta colunazinha o meu pensar. E' este: qualquer que seja a expectativa, qualquer juizo que possam fazer do livro que muito breve será posto a venda, por melhor que seja, por mais otimista, ficará muito aquem do que ele realmente é.

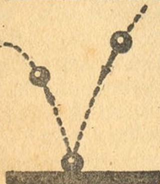
---




# O Salto de Borracha não é luxo nem fantasía, mas uma necessidade.

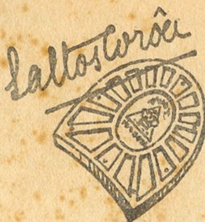


Jogue uma bóla de couro ao chão: ela pouco pulará.



Ao contrário, uma bóla de borracha conservará, depois de tocar no chão, uma grande parte da energia impulsiva, pulando sensivelmente mais alto.

Do mesmo modo o salto de couro "perderá", no contacto com o sólo, a maior parte da energia do passo enquanto que um **BOM** salto de borracha facilitará o passo seguinte.




**EXPERIMENTE OS SALTOS COROA**
fabricados
com borracha de lei

Tome nota da data em que os começar a usar

Repare no serviço que lhe vão prestar

Exija **SALTOS COROA** porque ha saltos de borracha fabricados sem borracha.




A MARCA DA COROA DENTRO DO TRIANGULO
GARANTE A QUALIDADE.

SENTIDO! é a ordem que se impõe!

Dentro de dois dias viajará para a capital da Republica o snr. Interventor Federal.

E' mais uma tentativa que faz, por intermedio de seu chefe supremo, para pleitear seus direitos, o infeliz Estado do Amazonas.

Diz um velho brocardo popular que a historia sempre se repete.

Oxalá que se não repita agora.

O snr. Antonio Rogerio Coimbra, quando á testa da administração, foi ao Rio diversas vezes defender o Estado que lhe deram para governar.

O fracasso de suas viagens, de seus apelos em favor de uma população faminta e desamparada, apagaram de sua mente toda a fé que possuia na regeneração da Republica.

Não voltou.

Demitiu-se.

Agora, segue o snr. Interventor Nelson de Melo.

S. S., levando seu relatorio que abrange todos os problemas do Estado, vai animado dos melhores e dos mais dignos propositos.

Mas, em que péze toda a sua bôa vontade por todos nós reconhecida; toda a justiça com que ha empunhado o bastão governamental; toda a honestidade com que desempenha sua missão, visando o interesse coletivo sem se arrecear de constituir inimigos, S. S., talvez, não consiga rehaver para o Amazonas aquilo que lhe foi arrancado á força: o Territorio do Acre, ou a sua indenisação; a séde da Região Militar, da Flotilha do Amazonas, da Amazon River; a Escola de Aprendizes Marinheiros; o Laboratorio de Analises da Alfandega; a linha de navios frigorificos do Lloyd Brasileiro.

E S. S. segue.

Vai ao Rio defender junto ao poder descricionario o grande Estado que governa — grande em extensão territorial como o é em desdita.

Olhemos, com carinho, para essa viagem.

Acompanhemo-lo com entusiasmo, com patriotismo, com

amazonismo, perfilando-nos, mão á pala do quépi ou cabeça descoberta, em continencia ao snr. Interventor Federal Nelson de Melo que vai defender os nossos direitos de Estado Federado da Republica dos Estados Unidos do Brasil ou, caso não obtenha exito, em homenagem respeitosa ao esquife no qual será encerrada, indo para o ról das cousas esquecidas, a autonomia do Estado do Amazonas.

Amazonenses: sentido!

---

Se não nos falha a memoria foi Blancheau ou o Conselheiro Acacio que declarara ser o Brasil um paiz essencialmente agricola. De qualquer forma o autor desta afirmativa de cunho filosofico tão profundo, não nos interessa, pois com ela não concordamos. Contestamos, com todas as nossas forças, em que péze a opinião do sabio francez e do filosofo portuguez, ser o Brasil um paiz agricola. Ele é, essencialmente, carnavalesco. Discordam? Ora vejamos: cultuamos diariamente a Republica, forma de governo aqui implantada ha mais de quarenta anos. Mas, de todos os dias do ano, escolhemos um para dedicar, exclusivamente, a essa respeitavel matrona: o 15 de Novembro. Reverenciamos a bandeira, simbolo sagrado da patria. Religiosamente nos descobrimos toda vez que ela passa. Mas, dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, tiramos um quando esse culto é mais puro: o 19 de Novembro. Amamos o trabalho que traz a fortuna e o progresso: quotidianamente aplicamos as nossas energias no afan masculo e honroso que nos garante o pão de cada dia; mas, dos dias que compõem as cincoenta e duas semanas do ano, ha um, quando não se trabalha porem quando se rende culto ao trabalho: o 1.º de Maio. Olhamos com carinho pelas creancinhas de hoje, homens e mulheres do Brasil de amanhã. Mas, de todos os 12 mezes do ano, reservamos um aparte para que o culto pela criança seja maior: o 12 de Outubro. Rendemos nossa homenagem diaria á natureza, dando graças a Deus pelo sol que nos dá vida, pela chuva que ameniza o calor. Mas, de todos os dias do ano, um é assinalado para um mais festivo culto á natureza, representada pela Arvore: o 24 de Junho. Vivemos num eterno carnaval. Nada levamos á serio. Reverenciamos Momo desde 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro de cada ano. E' a epoca alegre de nossa alegrissima vida. No carnaval, afivelando a mascara, é quando somos verdadeiramente nós mesmos: engatamos por sobre as orelhas a mascara da pandega para encobrir a mascara da hipocrisia que trazemos grudada á caraça durante toda a vida. Que é o carnaval? O carnaval é um gostoso «shimmy» com todo o seu tremelique; é o desengonçamento do «charleston»; é o regimem da ordem na desordem; é o silencio no barulho ensurdecedor dos tambores, bombos, pratos e clarins. E, carnavalesco como é, o brasileiro, que dedica um dia á republica, um dia á bandeira, um dia á criança, um dia ao trabalho,

um dia á arvoré, deposita aos pés do imperador da farra,treis longos dias de regabofes. E' que para ele, o carnaval, a orgia, o desbragamento, estão acima da Patria, da Republica, da Bandeira, do Trabalho, da Natureza, da Geração futura. E dizer que devemos ao estrangeiro perto de dez milhões de contos de réis... Ah! a fornalha humana sonhada por Silva Jardim... Talvez se ela existisse e fosse posta a funcionar, o Brasil viesse a ser a grande terra de promissão!

---

COM o desaparecimento do professor Placido Serrano Pinto de Andrade, perde a instrução publica do Amazonas — primaria e secundaria — um de seus mais fortes baluartes. Conhecio-o ha uns vinte e oito anos, ao tempo em que, após haver feito meu exame de admissão ao Ginasio, nele me matriculei. Placido Serrano era, então, diretor do Estabelecimento, cargo que ocupou durante muitos anos. Exigente, rispido, severo, justiceiro, era, por isso mesmo, querido da rapaziada. De uma feita aplicou-me a pena de exclusão das aulas por oito dias. Foi a unica penalidade que sofri durante os treis anos que estive como aluno no Ginasio de minha terra. Relembrando o fato, ha tantos anos sucedido, sinceramente confesso que a mereci. Depois, a «lei de madureza», tornou inocuo o curso ginasial. Todos debandaram. Segui para a Inglaterra. Voltei. Candidatei-me á catedra de inglês. Placido Serrano que anos antes reprovára o aluno que não estudava essa disciplina — eu — aprovou o candidato que demonstrava conhecimento. O destino nos unia. Tornaramo-nos colegas. Mas aquela veneração, aquele respeito que por ele eu tinha como ginasiano, continuavam a ser os mesmos agora que estavamos no mesmo nivel. Quiz ainda o destino que enfrentasse, logo ao ingressar no corpo docente do colegio padrão de ensino secundario, o governo mais despotico que o Estado já teve a infelicidade de suportar. Nós, os professores do Gynasio, fomos os primeiros visados. Era natural. O governicho de então não podia compreender a independencia de um punhado de homens que ocupavam catedras conquistadas em concursos publicos. Estava acostumado ao sabujismo e á subserviencia. E teve o desbrio de nos procurar punir. Punir pelo suplicio da fome e da miseria. Começámos a subir a ribanceira ingreme da luta pela vida, tendo tudo contra nós. Não nos pagavam os nossos vencimentos. Placido Serrano, com familia a sustentar, rifou a sua riquissima biblioteca. Rifa em que não havia bilhete branco. E, com quanta dôr, com quanta magua, mas, tambem, com quanta coragem e estoicismo, Placido Serrano entregava aos portadores de bilhetes da rifa, um pacote de amigos, amigos de todos os momentos, que eram os seus queridos livros! Nunca faltou ao Ginasio. Podia não haver o almoço em sua casa devido a perseguição infame que sofria por ser integro e honesto, mas a aula não faltava ao ginasiano. Cumpridor fiel de seu dever, organisou, em 1925, o primeiro e unico numero

até agora publicado, do «Anuario do Ginasio Amazonense Pedro II». De repente, ainda mais uma vez, o destino me guindou ao cargo de Diretor do Ginasio. Após haver olhado Placido Serrano como meu mestre e diretor; após haver trabalhado no Ginasio tendo-o como meu chefe passava a ser seu superior hierarquico. O mesmo respeito que lhe dedicava o ginasiano de 1912, era-lhe prestado pelo diretor da casa em 1934. Ainda sabado passado, Placido Serrano mandou-me um recado pelo professor Antonio Telles: prometia enviar-me segunda feira os vinte pontos para a prova parcial de alemão; que eu a fiscalisasse e mandasse as provas pois devolve-las-ia, corrigidas, na terça feira. Porem na segunda feira em que deveria se realisar a prova de alemão, Placido Serrano morreu. Morreu deixando para mais de cento e vinte contos de vencimentos em atrazo no Tezouro; morreu com o pensamento voltado para o Ginasio que tanto amou e ao qual dedicou toda a sua vida limpa e eficiente. Ante sua sepultura recem-fechada eu me descubro em homenagem ao meu grande mestre, ao meu velho amigo, ao meu querido colega. Até logo, Placido Serrano.

---

A tempos, aí por meiados de Junho de 1925, o «Hildebrand» aqui aportou trazendo uma léva de touristas britanicos. Entre eles veio um que ficou e a quem fui apresentado. Chamava-se William Montgomery Mc Govern, era doutor em filosofia pela Universidade de Oxford e professor de chinês e japonês na Universidade de Londres. Ele contou-me suas aventuras por este mundo afóra, forneceu-me dados a respeito de sua pessôa, seu cliché, e a minha coluna em a «A Liberdade» embandeirou-se em arco e descreveu o grande explorador e escritor, suas viagens cheias de perigo, seus livros, suas intenções. De repente ele atira-se para o mato e, de repente outra vez, aqui aparece, ostentando espessa barba adquirida nas selvas amazonicas. Um belo dia desapareceu de novo e nunca mais vi o meu filosofo itinerante. Ante-hontem, porem, tive oportunidade de receber noticias do homem que conseguio penetrar na «Lhasa proibida». Foi lendo a tradução de seu artigo publicado no «Sunday Express» e transcrito no «Estado do Amazonas». Ele fala no peixe-boi, no pirarucú, na piranha, no jacaré, no mucuim, nos edificios, *com pretenções arquitetuais,* nas febres, nas ruas bem calçadas, nos cafés e, até, na mãi dagua! E, lá pelo meio do seu gosmado, topei com o seguinte topico: — «*Os fatos brancos* (em Manáos) *constituem uma raridade e os chapeus coloniais inglezes, são desconhecidos. A minha mais dolorosa experiencia do calor tive-a eu quando me vi obrigado a ataviar-me com uma casaca e colarinho alto, afim de ir visitar o governador da Provincia do Amazonas. Não me envergonho de confessar que levei o colarinho no bolso e só o coloquei quando me aproximava do portão do palacio*». Agora, vamos avivar a memoria do leitor. Quem escreveu isto, andou aqui em Manáos vestindo uma calça de flanela e um casaco azul de sport; ostentava um chapelão de palha, desses usados pelos caboclos, e dava a impressão de tomar banho uma vez por mez... Pois bem: imaginemos o nosso heroe, ás 3 horas da tarde, subindo á pé a Avenida 7 de Setembro todo enjambrado numa casaca quente, camisa de peito duro, sapatos de polimento, as unhas longas e de luto, a cabeleira revolta... e o colarinho no bolso! Ao chegar ao portão de palacio ele coloca o colarinho no pescoço, entra, fala ao governador da Provincia (!) e... acorda,

Julgando que seu sonho, decerto, era uma realidade, escreve a estirada que vem de ser publicada no «Sunday Express». Haverá por aí alguem que acredite nessa balela? Mc Govern de casaca? Upa, e eu que pensava que seu *trousseau* constava unicamente daquela calça de flanela e daquele casaco de sports sujos, surrados, sebentos... Mc Govern de casaca e sem colarinho!... *Wonderful! Marvellous!*

---



Snr. Mc Govern, na Inglaterra, é muito conhecido como escritor, havendo viajado bastante. Sua opinião portanto, é sempre ouvida e acatada pelos inumeros leitores que possue nas Ilhas Britanicas. Por isso mesmo torna-se necessario desfazer o que está escrevendo a nosso respeito e que, absolutamente, não representa a expressão fiel da verdade. Acredito que ele realmente haja estado durante *dezesete minutos de relogio,* empunhando um caniço a beira de um lago que considera *verdadeiro paraiso para um pescador* e que durante esses ligeiros minutos conseguio *pescar vinte e oito peixes;* que haja contado 100 jacarés ao redor do bóte em que viajava, *supondo, entretanto, que deviam existir por ali nada menos de 300;* que os ovos de invisiveis insetos, depositados em sua pele, houvessem causado forte irritação e que *depois se abrissem e permitissem o desenvolvimento de sua nova geração.* Porém, o que não engulo, é a historia da casaca e do colarinho no bolso, nem tampouco o seguinte periodo, altamente insultante, e que bem demonstra seu despreso pelas nossas cousas e pela nossa gente: — *As mulheres do Pará são exoticamente belas; possuem, combinados, o langor das portuguêsas, as linhas delicadas do negro e um leve toque de melancolia do indio.* Eis a opinião que tem de nossas patricias, esse homem que por aqui passou á cata de *specimens* para o Museu Britanico; eis a opinião de quem aqui esteve, enchendo as ruas de pernas, e escrevendo para o «Sunday Express», para o «New York Times» e para o «Berlin Post». Manáos, diz ele, é uma pequena Paris. Mas, acrescento eu, diferencia-se da gente de Paris em muitas cousas principalmente em não recolher ás grades os idiotas que escandalisam o povo com seus trajes imundos e grotescos, com essa chamada *fleugma* cujo fim é achincalhar uma sociedade toda, na qual, felismente, ele nunca se encontrou. O Snr. Mc Govern, com todos os seus diplomas e toda a experiencia adquirida nas suas estupendas e longas viagens; com todo seu conhecimento de chinês e de japonês; com toda a sua sapiencia obtida na Sorbonne e em Oxford, nivelou-se aos viajantes — escritores de meia tijela, tão prolificos na Europa, que visitam um paiz, nada sabem a seu respeito, desco-

nhecem a propria lingua e escrevem sobre ele as mais deslavadas mentiras, procurando fazer graça e se esqueçendo que a posição de um homem, ás vezes, não permite que ele, para ganhar fama, venha bancar o *clown* nas colunas de um jornal! O Museu Britanico perdèu uma bôa ocasião de economisar alguns guinéus, conservando em seus mostruarios a figura exotica de Mc Govern, *specimen* raro do inimigo do aceio e do contador de lorótas.

---

A CIVILISAÇÃO de um povo é avaliada pelo que ele produz, pela sua atividade, pela sua energia, pelo seu trabalho. Os povos civilisados são justamente aqueles que se compenetram do cumprimento do dever e que tudo fazem em prol da terra que lhes servio de berço. Temos um grande exemplo entrando-nos pelos olhos a dentro: os Estados Unidos da America do Norte. Que grande colmeia não representa o colosso da bandeira das listas e das estrelas, com os seus milhões de abelhas a esvoaçar, a se imiscuir em todos os ramos do conhecimento humano, a aperfeiçoar o que já é conhecido, a inventar cousas outras de grande importancia e de beneficios transcendentes para a humanidade! Não ha homem, haja ele nascido onde quer que seja, cujo entusiasmo não vibre ao testemunhar a carreira vertiginosa dos *yankees* para as mais altas finalidades da vida. Abraham Lincoln, Woodrow Wilson, Theodore Roosevelt, Rockefeller, Henry Ford, Morgan, Carnegie, são americanos de nascimento mas pertencem ao Universo tão grandes os beneficios que fizeram e as ações nobres que praticaram. Dizem que o americano possue a idéa sordida do dinheiro. E por que não? Por que sordida? Se Ford, Rockefeller, Carnegie não fossem economicos, não possuissem ideais, não amontoassem fortunas á custa do trabalho constante e diario, poderiam eles ter esses gestos de filantropia, fundando instituições medicas, bibiliotecas publicas pelo mundo afóra, desbravando matas virgens em paizes longinquos? Claro que não. De uma visada rapida, compreenderam a significação da fraze que todo mundo repete sem compreender: a mola de tudo é o dinheiro. Que disparidade brutal entre o americano a amealhar *dollars* que o hão de tornar apto a praticar boas ações, e o «*coronel*» seringueiro, bronco e boçal, com um rolo de notas sujas no bolso, a acender charutos com *pelegas* de 500$000! Qual o selvagem? Qual o irracional? Qual o civilisado? E' por isso que nunca havemos de progredir. A nossa vida é ficticia, vasia, ôca... Nada fazemos. Enchemos cada dia que passa com 24 horas inuteis e irrecuperaveis. Rimo-nos de tudo, tudo levamos no deboche. Somos um povo carnavalesco. Blazonamos aos quatro ventos as lendas absurdas sobre iaras, muiraquitans, boiunas, bôtos de cabeça furada, como se tudo isso nos elevasse no conceito de alguem; mostramos aos touristas que nos visitam araras multicores, vitorias-regias, linguas secas de pirarucú, aba-

nos, macacos, papagaios palradores, como se tudo isso fosse o resultado do nosso trabalho. Escrevemos linguados enormes, em estilo lamécha, sobre o amor e sobre o *flirt*, defendendo o pirão diario nas costas do proprietario do frége; procuramos destruir, com o deboche que já está inoculado na massa de nosso sangue, tudo aquilo que é bom, tudo aquilo que se inicia, movidos por uma inveja que só possuem os despidos de iniciativa, os pobres diabos da imprensa da picuinha. Convem que nos levantemos. Urge, já e já, tomar esta iniciativa. Trabalhemos todos, cada um na esfera de suas atribuições, em prol do Amazonas. Abandonemos esta maneira estupida de viver a espera de auxilios; ergamo-nos com os nossos proprios esforços e, sobretudo, deixemos de ler os livros piégas de Julio Dantas, enveredando pelas obras fortes de Henry Ford que enobrecem que ensinam, que masculinisam, especialmente os beocios literaticados, que tudo atacam porque nada podem assimilar.

---

Em minha ultima crónica disse que o Snr. Mc Govern, na Inglaterra, é muito conhecido como escritor. Hoje apresento a prova de minha afirmativa transcrevendo, depois de traduzido para o português, um suelto que encontrei na pagina 164 do *Home Notes,* de 16 de Outubro de 1926. Não é necessario fazer comentario algum, e o publico que viu essa figura exotica que por aqui se arrastou, as pessôas que foram suas companheiras de viagem em uma lancha, quando elle foi para o interior, pasmem ante a senceremonia desse loroteiro que, para ganhar fama escolheu o Amazonas para bóde espiatorio! Devo declarar que as duas crónicas anteriores, esta, e qualquer outra que eu venha a escrever sobre Mc Govern, são passadas para o inglês e enviadas para a Inglaterra, bem como á Embaixada Brasileira em Londres e ao Consulado do Brasil em Liverpool, onde deixei e ainda possuo bons amigos. Na transcrição abaixo os grifos são meus: — « *Para as moças que se entusiasmam com os livros de Miss Hull e outros da Sheick School, o Dr. William Montgomery Mc Govern, famoso explorador, deve possuir todas as qualidades que exigem em seus heroes. Tem somente 28 anos de idade, mesmo assim, conseguiu acumular nesses anos bastantes aventuras capazes de satisfazer o apetite pelo perigo, de um homem normal tres vezes a sua idade. A ultima vez que o encontrei ele havia chegado de uma* PERIGOSA *viagem no inexplorado territorio do Amazonas onde,* POR LONGO ESPAÇO DE TEMPO, *se alimentou de* FORMIGAS E DE CARNE DE MACACO... » O suelto segue neste diapasão chamando-o de *sonhador, valente, encantador, figura distinta,* etc, etc. Querem ver que Mc Govern tomou banho ao chegar á Inglaterra?! Alimentava-se de formigas!... Oh! tamanduá duma figa! Teu logar, — agora vejo o erro que cometi — não é num mostruario do Museu Britanico e sim numa gaiola do Jardim Zoologico de Londres!

---

NA hora exata em que o Amazonas enveréda na trilha do progresso; quando o governo central, enfim, olha com olhares paternais para o Estado Setentrional; quando, afinal, nos é enviado algo por conta da indenisação do Acre; quando nos é dado ter a certeza de que se iniciou a marcha ascencional da Terra Amazonida, eis que o Estado é abalado por horrivel nóva que o sacode brutalmente, cobrindo-o de crépe em todos os quadrantes: morreu Silverio Nery! O brado desolador se alastra, se infiltra pelo interior, atinge as fronteiras, transpõe-nas e vai levar a todo o Brasil a noticia da perda irreparavel que vimos de sofrer. Na hora inquiéta e grave que atravessamos, não ha um substituto para Silverio Nery! Ele foi, em vida, a encarnação mais completa do verdadeiro amazonismo. Carater caldeado á chama da energia, venceu, de dificuldade em dificuldade, as lutas em que se empenhou, jamais levando aos arraiais dos adversarios o desespero da derróta, antes, partilhando com os vencidos as vantagens da vitória. Governador do Amazonas, deu ao Estado o melhor de suas forças e toda a sua grande bôa vontade. A lei do beneficiamento da borracha, a construção do porto de Manáos, são dois marcos rutilantes de sua fecunda administração. E, acima de tudo, o braço forte que deu aos patriotas acreanos, tornou possivel a integração dessa imensa faixa de terra que é o Acre, no territorio nacional. Em 1926, quando sofriamos as consequencias ilegais e escorchantes do governo do Snr. Arthur Bernardes, foi a figura altiva de Silverio Nery que se levantou no Senado da Republica contra a emenda ao artigo sexto da Constituição que vinha ferir a autonomia do Estado que lhe servira de berço. Tendo sempre em mente a defesa e o bem estar do Amazonas, da tribuna do Senado colocou-se desassombradamente ao lado dos patriotas que fizeram raiar para uma população faminta e sofredora o sól redentor de 23 de Julho. E Silverio Nery morreu! Curvemo-nos ante a lei inexoravel do destino. Mas, ao mesmo tempo, assumamos, intimamente, um compromisso de honra: unamo-nos todos; esqueçamos as rixas partidarias; pensemos, unicamente, no Brasil, batalhando denodadamente pelo Amazonas. O nome de Silverio Nery será, d'oravante, a nossa bandeira. Honremos sua memoria trabalhando, desinteressadamente, pelo soerguimento moral, economico, financeiro do Estado onde ele nasceu, do pedaço do Brasil que ele governou e, por longos anos, representou. Silverio Nery é bem digno de figurar entre os « Repre-

sentative men» de Emerson. E lá da eternidade onde se encontra, ao olhar para a terra que amou com tanto ardor, Silverio Nery sentir-se-á satisfeito em ver que o seu exemplo dignificante foi seguido pelos seus inumeros irmãos da Gléba Baré. Vamos, amazonenses! Obedeçamos a ordem de Silverio Nery: apertemo-nos as mãos, unamo-nos e... tudo pelo Amazonas, tudo pelo Brasil!

HA tres dias, pelo correio, anonimamente, recebi um pacote. Intrigado com o embrulho, abri-o. Qual não foi a minha surpresa ao deparar com o livro NA PLANICIE AMAZONICA, de Raymundo Moraes. E a surpresa foi maior ao deparar na setima pagina, escrito com minha propria letra, o meu proprio nome, a data — 9/4/1926 — e o logar onde me achava na ocasião — Quartel de Policia. — Imediatamente lembrei-me desses 187 dias lá vividos e, especialmente, dum quando, entregando ao soldado de fachina uma nota de 10$000, pedi-lhe que fosse á Livraria Classica comprar um exemplar do livro unanimemente elogiado pela critica da minha terra. O livro veio, escrevi meu nome e a data, li algumas paginas e, depois de grande insistencia, emprestei-o a um de meus *companheiros de viagem!* Ele o leu. Passou a outro. Depois, foi parar ás mãos de um terceiro até que afinal fomos postos no olho da rua graças á bondade e ao civismo do Snr. Presidente do Estado e, na afobação natural, ao ter certeza que daí por diante poderia andar sem escolta, esqueci-me de procurar saber em poder de quem se encóntrava o livro. Uma vez livre, esgotada a edição, não pensei mais em tal cousa. Quando anunciam a segunda, eis que recebo o meu exemplar da primeira enviado por um de meus queridos companheiros de prisão. Li-o de um folego, E, depois de le-lo, não posso deixar de aplaudir o áto do Governo do Amazonas mandando que ele seja adotado nas escolas. E' desta literatura que precisamos: regional, tipicamente amazonica, visceralmente patriotica, onde a mocidade possa aprender a amar o formoso país onde nascemos e, em particular, esta Amazonia opulenta, grande, estupenda, feliz. As 242 paginas dessa obra contêm belos ensinamentos á mocidade amazonica que adquirirá farta soma de conhecimentos lendo-as com atenção. E' o brado de um dos filhos da planicie, brado patriotico e, por isso mesmo, digno de ser acolhido e respeitado. Li-o de um folego, disse eu. E' a pura verdade. E, a medida que virava as paginas, meu entusiasmo crescia, aumentava, e não sei que mais admirar: se a grandiosidade maravilhosa da terra onde nascí se a beleza da forma, a admiravel maneira de escrever de seu autor. NA PLANICIE AMAZONICA é uma obra patriotica, digna de ser lida por todos os brasileiros e, em particular, por todos os amazonidas. «*E o vale do Amazonas que teve antes a forma de uma garrafa, segundo alguns geologos, tem agora a de uma lira*», lira cujas cordas serão tangidas pela nossa mocidade, num hino bendito de agradecimento, por haver nascido nesta vasta, rica e linda planicie cortada pelo maior rio do mundo.

De todos os jornais do Rio o que mais aprecío é «A Manhã». Talvez seja porque Mario Rodrigues, seu diretor, é um desses jornalistas verdadeiros e sinceros, um desses homens que nunca se acovardam; talvez seja porque Mario Rodrigues tambem já curtio cadeia, pelo fáto de possuir atitudes francas e dignas. Quem sabe? O certo é que, assim que aqui chega um vapor do Lloyd, corro imediatamente ao Cocello e compro os exemplares de «A Manhã». Num deles chegado pelo «Macapá», deparei com a noticia da fundação da *Associação dos Amigos da Russia!* Que diabo disto é aquilo, decerto perguntará o leitor abelhudo que não está ao par do que se passa por este Brasil afora! Muito simples: um bloco numeroso de obreiros, estudantes e intelectuais do Rio, resolveu fundar essa associação que tem por fim estudar e tornar conhecidos no Brasil, os belos resultados obtidos pela Russia dos Soviets! Acrescenta a noticia: — «Na quasi totalidade dos paizes cultos existem identicas associações, bastando citar aqui a *Gesellschaft der freunde des nenen Russland,* na Alemanha, e a *Associacion Amigos de Russia,* na Argentina. Depois deste periodo vem uma estirada demonstrando as vantagens que obteremos conhecendo tudo que é russo, tudo que aconteceu e está acontecendo na Russia, facilitando todas as informações sobre assuntos russos, criando uma biblioteca com material russo e de informação politica, social e literaria, publicando a revista «A Russia Nova», promovendo reuniões periodicas nas quaes se falará sobre cousas russas e fazendo toda propaganda necessaria. Ora muito bem: porque a Alemanha e Argentina possuem uma associação desta natureza, os «obreiros, estudantes e intelectuais» do Rio julgam que nós tambem devemos possuir uma semelhante! E, para isso, se agremiam, gastam tempo, energia e dinheiro afim de tornar conhecida de seus patricios a... Russia! Ora bolas! Que temos nós com a Russia? Por que não se agremiam esses homens afim de tornar o Brasil conhecido dos brasileiros? Por que não viajam eles até nós para dizer-nos o que é o sul e declarar por lá o que é o norte; por que não fazer conhecidas no Brasil a heroicidade do nordestano que desbrava as selvas amazonicas, as necessidades do caboclo e a miseravel vida que leva? Por que esse «bloco numeroso» não faz a propaganda do Brasil, se batendo pelo soerguimento do nosso povo, pelo combate ao analfabetismo, pelas medidas sanitarias de que tanto carecemos?

Por que esse pseudo patriotismo, por que esse desperdicio de energias por uma causa — a da Russia — que em nada nos interessa? Elevemos o Brasil! Tornemos conhecidas, não somente a beleza natural, mas, tambem, as cousas bôas que possuimos! Procuremos harmonisar todos os brasileiros como ponto de partida para o alevantamento moral, economico e financeiro de nossa terra, que agora se inicia. Acabemos com as pequenas rixas entre estados visinhos, constituamos uma grande, forte e indissoluvel nação, respeitada pelo estrangeiro, porém, em primeiro logar, respeitada por nós mesmos. Isto, sim, é nacionalismo, é patriotismo, é brasileirismo! Quanto a essa idéa *maravilhosa* pró Russia, como comentario, tomo a liberdade de plagiar Leonardo Motta: — « *Associação dos amigos da Russia é a sua... Avó* ».

---

Os jornais locais, faz dois dias, nos dão noticia da atitude nobilitante da mocidade estudiosa de S. Paulo, empastelando as oficinas tipograficas da publicação intitulada « *Review of Brazil* » por haver o seu editor estampado um artigo ofensivo á sociedade brasileira em geral e á amazonense em particular. O gesto dos estudandes de S. Paulo teve logo o apoio de seus colegas da capital da Republica. E não era para se esperar outra cousa: já é tempo de nos levantarmos, de repelirmos energicamente os insultos baixos que, de quando em vez, recebemos de individuos sem moral, ebrios, idiotas, que têm ao seu dispor um jornal que dá guarida a toda sorte de infamias que escrevem. A sociedade amazonense, então, ha sido vitima desses patifes: William Montgomery Mc Govern foi o primeiro; depois apareceu J. C. Cutcliffe Hyne, mais tarde, daqui mesmo, um irresponsavel que por aqui andou a exibir a vergonha de seu corpo e que acode pela alcunha de Mello Silva, e que a ironia popular traduziu por *Dr. Bondinho,* deu-se ao prazer de ofender a mulher amazonense. Agora é o editor de um jornal estrangeiro, cuja publicação é vergonhosamente permitida pelas autoridades brasileiras, que procura nos rebaixar aos olhos do mundo civilizado. O insulto deve ser sempre repelido na altura: não se pode usar luvas pelica para enfrentar asnos. E este editor que escreveu ou que é responsavel pela impressão desses insultos, é tão infame e tão indigno como Mc Govern, Cutcliffe Hyne e Mello Silva; o insulto que atirou á mulher amazonense, que é brasileira em primeiro logar, recocheteou e foi atingir a uma senhora que, sem conhecer, considero digna: sua mãi. Sim, porque segundo suas proprias declarações, ele é filho de uma senhora brasileira Aqui fica o meu protesto contra a publicação infame, o meu aplauso aos estudantes paulistas e cariocas e o registo de mais um na minha lista: o editor da *Review of Brazil.*

---

Nos ultimos jornais recebidos da Inglaterra, li a descrição do enforcamento de dois criminosos: Sidney Fox e William Podmore. O espetaculo desses dois homens, jovens ainda, acabando suas vidas de maneira tão horrivel, nos comove e provoca a nossa piedade. Afinal de contas, somos humanos. Mas os crimes que cometeram foram horriveis. Não nasceram criminosos: a má educação, a falta de cuidado dos pais, as pessimas companhias, tudo isso contribuio para que enveredassem pelo caminho do crime até chegar ao pé da forca. No decurso de suas vidas desregradas, certamente estiveram sob bôas e más influencias. E as ultimas, com certeza, foram as mais fortes. Os bons sentimentos, a sociedade, a familia, a honra, o brio, nada conseguiram. Inclinados ao crime, incentivados a cada passo, começaram a trilhar o máu caminho. A serie de crimes pequenos que vinham cometendo, impunemente, encorajou-os a praticar o que os devia levar ao *scaffold.* A sociedade não pode estar exposta a seres que de homens só têm a aparencia. Mormente uma sociedade como é a inglesa. Na Inglaterra a lei existe e é cumprida; ha o respeito mutuo do homem para o homem, não o temor pela superioridade das armas, mas o respeito que todos nós devemos ter para com o nosso semelhante. Ninguem póde negar ser a Inglaterra um país civilisado. Para mim, é o paiz ideal. Quem déra que existisse aqui tambem a pena de morte em vez da chicana de advogados! Quem déra que não mais presenciassemos, neste nosso Brasil querido, as absolvições vergonhosas de assassinos reincidentes. Mas, se a pena de morte existisse, jovens como somos, quantos erros imperdoaveis não seriam praticados. Quanto inocente não seria trucidado em nome da Lei! Portanto, fiquemos por aqui, comentando, por alto, a execução de Sidney Fox e de William Podmore pois, se nos alongarmos mais, nossos pensamentos voarão naturalmente para a celebre fornalha humana idealisada por Silva Jardim...

---

A IDÉA lançada hontem, em carta que ao «O Dia» dirigio Cosme Ferreira, merece ser apoiada e prestigiada por todos nós. De fato, já é tempo de nos movermos, de fazermos algo em pról do soerguimento do Amazonas. Não devemos cruzar os braços e assistir, impassiveis, numa atitude mussulmanica, o esfacelamento, a ruina do maior Estado da Federação Brasileira. Já é um segredo publico a crise apavorante que nos assoberba; já ninguem ignora que Manaus morre a olhos vistos. Já não somos crianças para acreditar em fadas nem em varinhas de condão. Precisamos agir. Precisamos nos mover. O momento não admite vacilações nem delongas. O fim terrivel que nos aguarda — é bom que saibamos já e já — está mais proximo do que imagina a maior parte da população amazonense. E' necessario muito trabalho, muito criterio, muita coragem, muito desprendimento. Devemos tirar o pensamento da borracha, uma vez por todas: o tempo da borracha já passou! Devemos abandonar qualquer esperança de auxilio do governo federal: ainda não nos foi paga a indenização do Acre, desse Acre que é nosso, e que venderam, deram ou emprestaram, sem ao menos pensar no interesse do Amazonas! Devemos fazer qualquer cousa, contanto que não estejamos nesta posição acocorada e humilhante, á espera das migalhas que caem da mesa onde se banqueteiam os magnatas da politica sulista. O dinheiro é pouco para fomentar revoluções, para banquetear ricaços, para mobilizar tropas, para fantaziar eleições. Não chega para auxiliar o Amazonas! O Amazonas já não rende o que rendia mensalmente, nos tempos das vacas gordas, para sustentar a Republica. Que morra esse Estado infeliz! Não ha tempo para pensar na sua sorte: elle é todo tomado pelas demarches para a dególa de representantes legitimamente eleitos, para municiar e movimentar cangaceiros com o fim de depôr governadores que não rezam pela mesma cartilha dos mandões do momento! Levantemo-nos, amazonenses, não com o fuzil na mão, mas com a enxada que trará o progresso e a independencia economica do Estado onde nascemos.

---

POR intermedio de Vivaldo Lima chegou-me ás mãos o numero especial do «The Osaka Mainichi and The Tokyo Nichi Nichi», dedicado ao Brasil. Já ha tempos Leopoldo de Mattos — esse velho amigo tão prematuramente falecido — enviou-me o suplemento do «Osaka Assahi», e, mais tarde, o sr. Tadao Kuwabara, presenteou-me com a edição do «Osaka Mainichi Shimbum». Todas essas edições, impressas em inglês, visam, principalmente, tornar mais estreitas as relações entre o Japão e o Brasil. E lendo-as, aplaudo essa atitude da grande imprensa niponica. Esse é bem o jornalismo sadio que revela a educação de um povo. Não é o jornalismo acocorado que grosseira e infamemente insulta por detráz das secções irresponsaveis, os «tourists» que nos visitam; não é o jornalismo vesgo, que debocha, na irresponsabilidade da mesma secção inepta, a defeza da honra ultrajada. E' o jornalismo digno, que eleva o jornalista e dignifica a nação.

O Japão, cada dia que passa, nos surpreende com o avanço enorme que faz. Ali só existe um fim, um ideal: o bem estar da Patria. Pequeno em extensão territorial, grande, imensamente grande, em progresso, em energia, em atividade, o Japão olha para os demais paizes como um campo vastissimo onde o «surplus» de sua população possa exercer sua atividade, de maneira pacifica e enobrecedora, representando, cada um, a terra grandiosa onde nasceu. Ainda conservo na memoria as palavras incizivas do Barão de Shidehara, quando ministro dos negocios estrangeiros: — «Sendo a politica do Japão clara, simples, pacifica, não agressiva, o ministro dos estrangeiros não encontra dificuldades no cumprimento do seu dever. Nada desejamos além do trabalho em prol do nosso Imperio, cada um de nós se esforçando pelo seu proprio melhoramento dentro dos limites de nossa terra, fazendo o nosso melhor — poeta, artista, estadista, quimico, comerciante, artifice, ou o que quer que sejamos, — afim de aumentarmos suas glorias e suas dignas tradições. Desejamos ver as demais nações apresentarem a flôr de sua civilisação, demonstrando sua escelencia no mundo todo. Não somos atacados de megalomania. Não desejamos entrar nos outros paizes senão como bemvindos emigrantes, prontos e anciosos a aceitar sua cultura e seus habitos, e esperamos ser recebidos com todas as vantagens proporcionadas aos povos de outras nações». Eis palavras simples, pronunciadas por um homem de grandes respon-

sabilidades e que devem aquietar aqueles que vêm na emigração japonesa um perigo á soberania brasileira. O Amazonas, Estado federado quasi que sem população, tão rico como a mais rica terra mundial, não tem ainda progresso, quasi que nada produz, não se suporta a si mesmo, depende, totalmente, para a vida de seus habitantes, da importação de todos os generos — mesmo aqueles que com vantagem e facilidade podiam aqui ser obtidos — devido, unicamente, á falta de braços. A solução deste problema transcendente está na vinda de emigrantes: que sejam eles brancos, amarelos, caboclos, mulatos, negros, pouco importa. O principal é que sejam ativos, energicos, honestos; o essencial é que se dirijam, que sejam encaminhados para o interior, e não permitidos a viver como parasitas na capital; o necessario é que sejam localizados nas atrazadas cidades do Amazonas, que levem para elas, não só a força produtora, como tambem as medidas sanitarias que o governo tem obrigação de tomar. E os japoneses, em materia de trabalho, de atividade, de honradês, não ficam aquem das demais raças. Ao contrario: o procedimente dos emigrantes japoneses localizados no sul, ha demonstrado que eles constituem um dos melhores elementos. Quanto a estragar a «raça» é tolice: não temos raça de especie alguma. O brasileiro é o resultado do cruzamento do indio com o portuguēs, com o francês, com o holandês, cruzamento que data do seu descobrimento e, atualmente, com o inglês, com o alemão, com o italiano, com o russo, com o sirio, etc. Portanto, país jovem e cosmopolita, só teremos a lucrar introduzindo em nosso meio a atividade e a capacidade japonesas. Os japoneses brasileiros serão tão patriotas como o são os descendentes dos demais estrangeiros que aqui constituiram familia, e virão trabalhar, conosco e com eles, a pról do soerguimento do Estado e da Republica, a pról deste maravilhoso, hospitaleiro e querido Brasil!

DIA, desde ante hontem, vem publicando detalhados informes sobre o horrivel incendio ocorrido na penitenciaria de Columbus. Dizem os despachos que até hontem haviam sido encontrados para mais de 300 vitimas, muitas das quais estavam sem mãos o que denotava haverem os prezos decepado-as movidos pelo natural instinto de conservação, e na ancia de se libertarem das correntes. Povo religioso por excelencia, mesmo assim, o *yankee* não facilitou: mil e quinhentos policias, — daquelles policias que já estamos acostumados a ver ali na téla do Politeama — armados de baionetas, metralhadoras e gazes, cercavam a prizão afim de impedir a saída dos detentos. Hoje numa roda amiga, comentavamos o fato. E todos se insurgiam contra tão deshumano ato; os pobres americanos do norte, sofriam as acuzações dos meus amigos e companheiros de moka, e não houve uma voz unica que se levantasse em seu favor. Esperei que um quebrasse o silencio, procurando justificar essa atitude da policia americana que impedio que os prisioneiros viessem para fóra. Mas, qual, todos eram unanimes em focalizar quanto de selvagem havia nessa medida cruel, deshumana, barbara. Houve um até, que avançou a idéa de haver sido o incendio propozitadamente iniciado. Em que péze esse juivo temerario e, na minha opinião, completamente absurdo e impossivel, penso que a medida posta em pratica pelos nossos irmãos da America lá de cima, mais uma vez denotou esse admiravel senso pratico, commum a todo o patricio do meu amigo Kirk. Sim, porque, dos quatro mil e trezentos prezos ali recolhidos, quantos aguardavam a cadeira eletrica? E, sabem, por ventura, os meus amigos, quanto ganha o cidadão que com um movimento da mão abre a corrente eletrica que leva um seu semelhante desta para uma outra vida melhor? Ora, deixando que o fogo os carbonizasse, as autoridades *yankees* unicamente anteciparam a data da execução de cada um, e economizaram o ordenado do carrasco! Depois, — que diabo — o numero de executados pelo fogo, constitue um *record* mundial! Não são os americanos os detentores de todos os *records?* Logo, aquilo que alcunham de selvageria, crueldade, barbaridade, etc., etc., não é nada mais, nada menos, do que simples e mero *sport!* Não acham?

---

HONTEM á noite, depois de uma palestra agradavel com um velho amigo, fui para casa a pensar na mania que certos individuos possuem: ser escritores, escrever, encher linguados! E' uma das manias mais nocivas que existem. Eu, de minha parte, fico alegre quando não sou obrigado a obedecer a um pedido do administrador aqui das oficinas. Já é com terror, tremendo dos pés á cabeça, que faço a pergunta de costume: «Como é: falta bucha?» E os meus amaveis leitores não imaginam minha alegria quando a resposta sôa: «Ha bastante para hoje». Mas, isto, nem sempre acontece. A's vezes falta bucha mesmo e, por dever de oficio, deixo que a pena corra celere sobre o papel, afim de entopir um galeão... Não pensem os que passam a vista sobre o que acima fica escrito, que eu tenho prazer em escrever. Não, senhores: faço-o, por obrigação. Porque, tal qual Socrates, julgo que só uma cousa sei com absoluta segurança: nada saber. Se todos esses jornalistas e escritores, que por aí andam a encher colunas e colunas de nossos jornais, pensassem como o velho e profundo filosofo, que de magnificos artigos, que de estupendos livros, não estariam a deleitar-nos, a instruir-nos, com o seu idealismo! Escrever! Oh! o grave, o imperdoavel perigo dessa função traiçoeira! Se é verdade ser ela a que melhor demonstra a capacidade humana, outra não ha tambem, que melhormente exiba a humana incapacidade. Escrever! Oh! o grave erro dos que escrevem por sport! Oh! a grande necessidade dos que escrevem por obrigação! Uns e outros, são dignos de lastima! E por aqui vou ficando visto já haver rabiscado o bastante para encher o buraco que havia aqui neste cantinho da edição de hoje!

---

AMAZONENSES: o momento angustioso que atravessamos, quando nos vemos face a face com a mais terrivel crise que jamais sofremos; quando os nossos dois unicos produtos de exportação — a borracha e a castanha — estão com seus preços sensivelmente diminuidos; quando o Estado não arrecada numerario bastante para pagar o funcionalismo, requer, exige de cada um de nós, todo o sacrificio. Chegou o momento de mostrarmos que sabemos querer a maravilhosa gléba que nos servio de berço. Chegou a ocasião de pormos em pratica tudo que de belo pregamos pela tribuna, pela imprensa, pelo livro. O momento não admite vacilações. Qualquer delonga, qualquer minuto que paremos para pensar nisto ou naquílo, redundará em prejuiso do Amazonas. E' a hora do sacrificio. E esse sacrificio deve ser feito por todos. A Assemblé Legislativa vem de aprovar um projéto cortando durante o exercicio financeiro de 1931, 10 % nos vencimentos do funcionalismo publico; o leader do governo declarou, em sessão dessa casa, haver sido de 31 para 30 dias o mez de subsidio, dispensado estes nas sessões preparatorias e diminuida a verba de representações. A magistratura, cujos vencimentos não podem ser tocados, estou certo, virá tambem, voluntariamente, num gesto patriotico e dignificante se reunir á legião dos homens que tudo sacrificam em pról do Amazonas. E' fáto virgem na historia politica de nossa terra esta solidariedade ao homem a quem foi entregue a direção do Estado. O sr. Presidente, nesta hora dificultosa para a nacionalidade brasileira, está cercado e prestigiado por toda a população do Amazonas. E não podia se esperar outra cousa: somente quem está ao par da situação aflitiva de nossas finanças, somente quem compreende a hora grave por que atravessa o Brasil, pode admirar, apreciar, aquilatar, o quanto de esforço e trabalho representa o governar o Estado. Amazonenses: vamos dar um exemplo de civismo aos nossos patricios. Vamos demonstrar-lhes que o caboclo do Amazonas vilipendiado, debochado, ridicularisado, esquecido, impaludado, sabe, no momento oportuno, fazer sacrificio em beneficio do seu torrão natal, sabe nos tempos de paz, esquecer o fuzil para empunhar a enxada, sabe mantet a ordem e iniciar o trabalho que enobrece e dignifica. Amazonenses: a cartada está jogada. Unamo-nos todos e trabalhemos pelo soerguimento do Amazonas!

COMO a provar o movimento do povo do Amazonas em próI do soerguimento moral e material deste grandioso Estado, vem de se realizar em uma das salas do quartel da Força Policial uma reunião dos antigos socios do Tiro de Guerra n.º 10, com o intuito de reorganisar essa agremiação patriotica. Fundada em 1908 sob a denominação de Sociedade de Tiro Amazonense, foi incorporada, em 1909, passando, então a se denominar Tiro de Guerra n.º 10. Foi, portanto, uma das primeiras associações a ser reconhecida pelo Departamento da Guerra, demonstrando este fato a vontade do amazonida em se adestrar para a defeza da Patria Brasileira. Quem não se recorda do batalhão do Tiro Amazonense, com um efetivo de 380 homens, a fazer combates simulados, a formar na inauguração da Alfandega, a marchar garbosamente pelas ruas de Manáos. Quem, nascido nesta maravilhosa gléba, não se ufana de haver sido a associação Amazonense, uma das primeiras incorporadas? Quem não envidará todos os esforços para faze-la reviver? As sociedades de tiro muito fizeram para preparar o terreno, acabando com o pavor do serviço militar obrigatorio; de suas fileiras saíram milhares de reservistas do Exercito Brasileiro, que nada custaram á Nação. São, portanto, de grande utilidade não só para o País, como, tambem, para o individuo que pode obter sua caderneta de reservista dedicando poucas horas por semana aos exercicios militares e ás aulas teoricas ministradas por um instrutor nomeado pelo Departamento da Guerra. País pacifista, possuindo a mais liberrima de todas as constituições, mesmo assim, o Brasil precisa estar preparado para qualquer emergencia. Os nossos visinhos, principalmente uma *grande amiga* que nos tóca lá pelo sul, se armam anualmente, convertendo cada um de seus filhos em soldado apto para o que der e vier. Intuito muito nobre esse, não resta duvida, mas nós, brasileiros, não devemos fechar os olhos nem cruzar os braços: é preciso tambem que nos preparemos, que nos armemos, que estejamos prontos e capazes de enfrentar o inimigo ou o *amigo* a quem *tudo nos une e nada nos separa.* Para fazer bons soldados, para auxiliar o Brasil a contar com todos nós, é que fóram fundadas essas associações civico-militares que existem em todo o territorio nacional. Preparemo-nos para o futuro, aprendamos o manejo das armas, cerremos fileira em torno do pavilhão auriverde para que ele sempre tremule altivo e invencivel. Amazonenses: alistai-vos sem demora nas fileiras dessa escola de civismo que é o Tiro de Guerra n.º 10!

AFINAL, um cronista! Já estava me atacando os nervos o silencio — já não digo da imprensa de Manáos, mas dos intelectuais, dos criticos, tão apressados em tecer elogios aos poetões, poetastros e poetinhas que nos visitam — sobre o livro *As Horas Lentas*, de Raymundo Monteiro. Esse cronista que quebrou o gelo, que veio, desassombradamente, enfrentrar a léva de invejosos impenitentes que vivem a se incensar mutuamento numa farça que seria ultra-comica se não fosse supinamente ridicula, foi o Francisco Galvão, poeta futurista. Sua crónica sincera, tratando do livro do Mestre, do Principe dos Poetas Amazonenses, veio como uma clarinada acordar os criticos de nossa terra. O Galvãosinho lavrou um tento! Não se compreende, não se pode compreender, este silencio anti-amazonico. Raymundo Monteiro — se é que isto vale alguma cousa — é um nome nacional; não está e nem poderia estar na mesma plana dos medalhões! Equivale isto a dizer: *a bon entendeur...* O francês pode ser máu mas, convenhamos, a intenção é bôa. O caboclo velho, não veio com *As Horas Lentas*, caçar elogios. Nem tampouco salamalequear ante a critica provinciana! Nada disso, senhores criticos. Nome feito em todo o territorio brasileiro, aclamado por esse outro principe da poesia amazonense que é Alvaro Maia, em crónica estampada na «Folha do Norte», antecipando o aparecimento de *As Horas Lentas*, o velho tabelião, o amigo sincero, não visa lucros com a publicação de seu livro! E, o que é mais, não visa elogios. Nome feito, repito, poeta dos maiores, que venham os poetastros — da prosa ou do verso — critica-lo! Virão eles? Duvido. O trabalho é em surdina, no escuro! Mas, ao envez de perder, Raymundo Monteiro muito ganha com essa campanha ridicula. *Amazonida*, a revista cabocla por excelencia, dirá dentro de poucos dias: «o livro *As Horas Lentas*, passa a ser, desde hoje, um biblia para todo amazonense, um breviario para todo brasileiro, um missal para todo homem que fala esta ductil lingua portuguêsa». Monteiro enviou, fraternalmente, seu livro aos seus colegas de Academia, aos criticos, aos jornais. Foi além: remeteu exemplares a individuos que não o abriram. Que culpa tem o fulgurante poeta de existir gente que não possue espátula e desconhece a vantagem de abrir e lêr um livro? Nós, geralmente falando, quando escrevemos, o fazemos para quem sabe lêr. Neste caso, Monteiro errou: mandou seu livro a todo gato sapato que se empavona por aí afóra.

Errou! Mas, *errare humanum est!* Que importa o coice colossal? Que importa o silencio imerecido mas que eleva? Quem não tem cão caça com gato! E eles, os pobres diabos da literatura, os liliputianos da imprensa da picuínha, não têm cão nem gato: têm morcego que, segundo o meu velho e bom amigo Agenor Matta é «*meia rata meia passarrinha!*» O. K.!

---

NESTES tempos calamitosos quando discutimos a constituinte, o combate á lepra, o equilibrio do orçamento, o pagamento da formidavel divida do Brasil, eis que aparecem uns jornalistas cariocas, possuidos de um nativismo vesgo e idiota, a propor a substituição da tradicional expressão «Papá Noel» pela expressão vasia e ôca de «Vovô Indio»! Quer dizer: enquanto o mundo todo avança e progride, enquanto todos procuram esquecer ou encobrir as faltas do passado, nós, com um sentimentalismo piégas, queremos voltar aos tempos das correrias dos tupinambás e tupiniquins... Já vejo a caraça de muito patrioteiro por aí a insurgir-se contra a minha falta de patriotismo! Ora muito bem: fiquem todos com esse atrazo mental que eu caminharei para diante, seguindo a lei natural do Universo. Que os primitivos habitantes do Brasil hajam sido indios, amerindios, bugres, o diabo, isto todo mundo já sabe. E' um fato historico que não podemos negar. Honre-nos ou deshonre-nos. Mas querer substituir a figura lendaria de «Papá Noel», com aquele roupão escuro, aquelas veneraveis barbas brancas, um saco cheio de brinquedos em cima dos hombros, a entrar, pé ante pé, nos nossos quartos e depositar em nossos sapatos lembranças lindas, por um indio de tanga, tacape em punho, arco e flexa a tiracolo, olhar sinistro, vendo em cada movel, em cada objéto, um inimigo, não é nativismo, não é patriotismo, não é brasileirismo, não é cousa alguma que acabe em ismo: é simples e unicamente besteira e besteira grossa! Não acham?

---

ESTE ultimo domingo consegui devorar um pacote inteiro de jornais do Rio. E, francamente, diverti-me mais do que assistindo uma das fitas sincronisadas e excessivamente anunciadas ali do Politeama. Tomei conhecimento das demarches para a constituinte, dos crimes barbaros, dos incendios, das prisões de malandros, enfim, fiquei ao par da vida turbilhonante da capital dessa respeitavel matrona que é a nossa muito querida e rejuvenescida Republica. E a chuva continuava a cair em bagos capazes de fustigar a caraça de qualquer mortal. Terminei o pacote. Enveredei pelos anuncios e, já quasi no ultimo deparei com o seguinte:

> «*Missa em ação de graças.* – O Dr. Fulano de Tal convida os seus amigos e clientes a assistir, amanhã, quinta-feira, 9 do corrente, ás 10 horas, na Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, á avenida 28 de Setembro, a missa em ação de graças que manda resar em comemoração á data do nascimento da *Martir Santa Apolonia,* padroeira de suas Assistencias Dentarias, á praia de Botafogo e avenida 28 de Setembro. Serão distribuidos aos convidados, pequenas imagens da Martir, flôres, grande quantidade de pasta dentrificia, Kolinos, Synorol, Cessatil e outros produtos para dentes».

Ora aí está uma pequena e util moda. Se ela pegar, teremos muito em breve convites para a missa em ação de graças pelo aniversario natalicio da padroeira dos vendedores de galinha, quando se fará farta distribuição de pintos, ovos, frangos e frangas, galos e galinhas, Leghorns, Plymouth Rock, vagabundas de pescoço pelado, etc. Depois, naturalmente, virá a missa em homenagem á padroeira dos fruteiros. Nessa, então, haverá grande animação: que estupenda distribuição de frutas não será feita! Os tucumans, os abacates, as mangas, os abricós, as laranjas, os ingás, e a formidavel quantidade de bananas! O diabo é se o fruteiro dono da missa mandar *distribuir* ananaz...

---

AMAZONENSES: ensarilhar, armas! São 10.30 da noite de 3 de Maio de 1935. Acabo de vir do Palacio da Justiça onde estão sob a guarda de uma força policial embalada e de representantes dos partidos que se degladiaram, as urnas contendo os votos dos eleitores deste pedaço do Brasil. Amanhã, pela noitinha, será conhecido o resultado do pleito mais liberrimo que já presenciei no Amazonas. As eleições correram sem o menor atrito, com a maior liberdade, garantidas pelo sr. Interventor Federal. E' mais um padrão de gloria que s. s. acrescenta a sua patriotica administração. Amazonenses: ensarilhar, armas! E' o brado que lanço aos que tiveram a felicidade de aqui nascer ou de aqui ser hospitaleiramente recebidos. Empenhamo-nos numa pugna civica quando quatro homens foram eleitos para representar o Amazonas á Constituinte. Quais são eles? Isto não me interessa. Quaisquer que sejam, nesta hora já estão eleitos. Sem quebrar o sigilo do voto secreto declaro que votei em quatro nomes: o primeiro foi o candidato de toda a população; o segundo da chapa Trabalhista-Liberal-P. R. A.; o terceiro, da União Civica Nacional; o quarto, um avulso. Serão vencedores os nomes por mim escolhidos? Não sei nem me importa. Manda a maioria e eu sempre me curvo ante ela. Manda no entanto, tambem, a minha consciencia — unico mentor que admito na vida — declarar que o meu desligamento do Partido Liberal do Amazonas não foi um gesto rebelde ante o acôrdo feito com o Partido Trabalhista e P. R. A., porquanto isso se deu em assembléa geral do primeiro, em 19 do mez passado, quando ainda não cogitavam seus dirigentes fazer qualquer acôrdo. Aqui continuo na minha coluna como jornalista, graças á gentileza do corpo redacional de «A Nação». E é dela que, com todo civismo, com lealdade, sinceridade, franqueza, amazonismo, brasileirismo, lanço um brado patriotico: amazonenses: ensarilhar, armas! Cerremos fileiras ao redor dos quatro nomes vencedores; eles não mais representam este ou aquele partido; não mais defendem esta ou aquela bandeira e sim o Estado do Amazonas, o nosso Estado, a nossa Terra, a nossa Gente. Vamos prestigia-los, vamos dar uma prova de que acima de nossos interesses partidarios pomos o interesse do Amazonas e de sua população. Vamos, amazonidas natos ou de coração! Ensarilhar, armas! E concientes, patrioticamente, perfilemo-nos em continencia á querida, linda e maravilhosa Terra Baré!

TEMOS mais um andarilho na terra! De vez em quando somos visitados por esses magicos que andam a palmimilhar o globo refastelados nos convezes dos navios ou nos acolchoados compartimentos dos caminhos de ferro. Em 1925, se não me falha a memoria, esteve por aqui o andarilho Kargsack, polaco, russo ou cousa que o valha, que por sinal era coxo!! Agora aparece-nos outro, de calção caqui, enchendo as ruas com um par de pernas nuas e cabeludas e que se propõe a fazer a volta ao mundo em nada menos de 20 anos!! E' o cumulo! Em pleno seculo XX, quando se transformam em realidade as previsões de Julio Verne; quando os feitos de Santos Dumont, no seu «Demoiselle», de Gago e Sacadura, de Ribeiro de Barros, são suplantados pelos de Lindbergh, Ramon Franco, De Pinedo, Estremadoyro, Mermoz, Mollisson; quando aviadores colombianos saem de Bogotá e chegam a Manáos no dia seguinte; quando o Graff Zeppelin leva quatro dias da Europa ao Brasil, são ridiculos esses raids que nada trazem de util á humanidade. Justamente agora, quando a radio-telefonia e a radiotelegrafia encurtam as distancias nas comunicações entre as nações, quando se cogita de fazer a volta ao mundo em cincoenta horas, num aereoplano com inicio em Nova-York, que deve chegar em duas horas a Chicago, a S. Francisco em sete, a Tokio em vinte e quatro, a Constantinopla em trinta e cinco, a Paris em quarenta e estar de volta em Nova-York em cincoenta, eis que surge um homem se propondo a percorrer o mundo em vinte anos. Grande façanha! Luiz Carlos Prestes, com seus irmãos de ideal — esse, sim — fez atravez dos sertões brasileiros, perseguido por tropas legalistas, o mais lindo raid pedestre que se pode imaginar. E jamais alardeou esse feito. Que utilidade pode trazer um raid ao redor do mundo feito por um homem de calças curtas e sapatos de *tennis?* Um livro que escreverá? Já alguem leu ou teve noticias de livros escritos por *globe-trotters?* Que os andarilhos robustos ou raquiticos, sãos ou coxos, de calça curta ou de culote, colimam um fim todo seu, não ha negar. Eles são milhares e espalharam-se pela face da terra, indo de país em país, de cidade em cidade, de vila em vila, viajando em navios, em caminhos de ferro, em automoveis, em todas as especies de veiculos imaginaveis, mas nunca a pé, afim de encontrar — para esgana-lo, para enforca-lo, para mata-lo — o homem que inventou o trabalho.

NÃO é demasiada qualquer propaganda que fizermos em prol da agricultura no Amazonas. A terra é fertil e ha extensões de milhares de quilometros somente á espera do trabalho do homem para recompensa-lo regiamente. Milhares de contos de reis se escôam para outros Estados na compra de muita cousa que já deviamos e que podemos produzir. A propria farinha dagua, para citar somente um exemplo dos mais corriqueiros, mandamos vir do Pará em grande quantidade. Tudo isto porque nos deixamos empolgar pelo lucro facil que nos deu a borracha em tempos idos. Vivemos a sonhar, vivemos no mundo da lua a esperar, mussulmanicamente, a volta dos tempos aureos. Sentamo-nos comodamente esperando um milagre do céu ou um auxilio do inferno. A borracha é a causadora unica da crise que nos assoberba, da miseria em que vivemos. E' a nossa aza negra. Desde pequeninos que ela nos persegue, na fórma de pipo ou chupeta que nos dão para não chorarmos; mais tarde, quando mal ensaiamos os passos, aparecem-nos as bolas e os bonecos de borracha, a encher as nossas horas infantis; depois, quando já frangotes, com fumaças a homem, escolhemos sapatos de sola de borracha afim de realçar a nossa figura apolinea; quando nos julgamos senhores do nosso nariz, iniciando as farras alegres, voando pelas estradas, é ainda a borracha que contribue para esse divertimento tão custoso em dinheiro como em saude, transformada em pneumaticos de automovel; é ainda a borracha que nos ajuda a raspar as cousas sérias! Ela nos persegue desde o berço, durante toda a nossa vida, acompanha-nos a todo o momento, grudada tal qual nossa sombra e, finalmente, quando é chegada a hora de entregarmos os pontos, de nos despedirmos desta vida encrencada, é ainda uma vez a borracha, a decantada borracha, a maldita borracha que nos serve de companheira eterna na morte como nos perseguiu sempre e sempre na vida: é de seringueira barriguda que os armadores constroem os nossos caixões...

---

SEGUNDO telegrama do «Jornal do Comercio», de 28 do mês passado, o leprologo Dr. Souza Araujo, encarregado de estudar no norte o mal de Hansen, afirmara que «de Santos ao Acre a população global é de treze milhões e seiscentas mil pessoas, das quais, mais ou menos, quatorze mil são leprosas, oito mil fichadas, alem de dezenove mil recolhidas aos isolamentos». Nova mais dolorosa, mais desgraçada, não podia o telegrafo nos transmitir. Começa, infelizmente, a transformar-se em horrivel realidade a previsão de Belisario Penna. Na Vila Leprosaria que tem o seu nome, estão internados 340 doentes. Em Manaus, para não irmos mais longe, existem centenas de leprosos perambulando pelas ruas ou recolhidos ás suas residencias. O povo brasileiro ainda não compreendeu o perigo horripilante da lepra. O governo ditatorial que tanto zelo mostra pela interventoria de S. Paulo, pela presidencia da constituinte, pela mudança da bandeira nacional, pela volta ou pela estadia fora do país dos exilados, relega para um plano inferior o problema mais transcendente da nacionalidade: a LEPRA. A lepra é uma doença que só existe nos países considerados sujos. Duvido que se constate um caso de morféa na Inglaterra, na Allemanha, na França, na Italia e em outros países civilisados. Lá a lei é um fato. Atinge aos grandes e aos pequenos. Aqui, é o que se vê. Nem é bom falar para não ofender melindres... E á medida que as horas passam, somos, pela desidia das autoridades, expostos á contaminação da doença mais miseravel que conhece a ciencia. Para quem apelar? Sómente para Deus, pois os homens que estão a testa do governo são surdos ou ignoram o perigo que eles e nós corremos. Enquanto o Estado, sem auxilio do governo central, contribue com uma ninharia mensal para a defesa da coletividade, para o conforto, vestuario e alimentação de 340 patricios segregados da sociedade em Paricatuba, o zépovinho que geme sempre e que tudo sofre, contribue mensalmente para a defeza da população. Ah, uma terceira republica que praticamente adote os ideais nobilitantes de Benjamin Constant! Ah, um diluvio de sangue que regenere os costumes politicos, caridosos e humanitarios da Republica dos Estados Unidos do Brasil!

---

 VOLUME que enfeixa os *Poemas Amazonicos,* de Francisco Pereira, recebido ha dias com amavel dedicatoria, trouxe-me á lembrança esse passado triste mas digno, essa temporada de fogo e de perseguições que ambos, em companhia de doze outros, atravessámos, pelo simples fato de havermos cumprido o nosso dever e de não nos havermos acovardado na hora da punição dos brasileiros que a injustiça da justiça considerava criminosos. De fato, os *Poemas Amazonicos,* não constituem novidade para mim: horas e horas a fio, noite a dentro, eu os datilografava enquanto silencio aterrador reinava no escuro e grande alojamento do quartel policial para onde fomos atirados. E nesses momentos angustiosos sómente o tic de minha «Royal» e a voz do Pereirinha eram ouvidos no casarão da briosa e valente policia de minha terra. Depois nos «serões da baiuca», eram os poemas recitados de cambulhada com as historias tetricas do meu sempre lembrado Aguiar, as anedotas alagoanas do Jobin, do Olegario, do Paulino, do Oliveira Lima, do Washington... Que mezes atrozes, que dias negros, que horas amargas! Mas, tambem, que momentos felizes esses, quando nos sentiamos afastados, longe, muito longe, do convivio dos transfugas e covardes, dos *amigos* de hontem que temiam até nos cumprimentar quando passavam pela frente do quartel... E foi nesse ambiente de tristezas e de duvidas, ameaçados de deportação, incomunicaveis diversas vezes, com sentinela á vista, que o poeta primoroso que é Francisco Pereira, escreveu esse maravilhoso livro de versos amazonicos, todo voltado para a beleza da planicie, no momento mesmo em que não tinha o necessario para entregar a sua digna e santa esposa para o mercado do dia seguinte. Foi lá, na nossa sempre lembrada *baiuca,* cercado pelos seus verdadeiros amigos e irmãos de ideal que surgiram esses lindos poemas. E todo esse passado negro e triste, toda essa odisséa que suportámos, volta-me á memoria ao folhear o livro de Pereirinha, com todos os pequeninos incidentes, todos os detalhes, todas as angustias, mas, tambem, todas as atitudes dignas e nobres desse punhado de brasileiros que tudo sofreram para que gosassemos, com o povo do Amazonas, a éra de honestidade que ora atravessamos. Que sejam estas palavras, sinceras e simples, o meu agradecimento ao velho amigo pelo presente regio que me enviou.

NOITE alta. Não posso conciliar o sono. Poder, talvez, fosse possivel, se o «jazz» de uma bagunça carnavalesca aqui na visinhança me permitisse pregar olho. E' o carnaval! E' a farra! E' a alegria! Está certo! Assim, impossibilitado de cair nos languidos braços de Morfeu (será Morfeu esposo da Morféa?) abro um livro a esmo tirado de uma das minhas estantes. Lanço a vista para a lombada. Lá está impresso: «De rebus pluribus» — «Santo Thyrso». Já leste esse livrinho, leitor amigo? Se ainda não, compra-o imediatamente, pois muito lucrarás. O Visconde de Santo Thyrso foi o maior humorista da lingua portuguesa. «Em geral quem faz rir não se faz estimar», disse La Bruyere. Mas Santo Thyrso, devido ao seu bonissimo coração, ás suas maneiras cavalheirescas, á sua cultura, fazia rir e era profundamente estimado. Folheando o livro já ha tanto tempo lido, corri os titulos dos capitulos: «Fantasmas vivos, Nec solo panen..., Gens canina, Gens felina, A imperecivel criança, Dos sete pecados capitais, Da mediocridade...» e tantos e tantos outros. Este ultimo, então, adapta-se ao nosso meio tal qual uma luva. Segundo Santo Thyrso, a mediocridade «é o que os economistas chamam genero de primeira necessidade». E têm razão os economistas. A mediocridade proporciona-nos diversões mais alegres do que «Harold Trépa-Trépa», falada, cantada e sincronisada, que o Vasco ha dias exibio. Mas o Vasco cobra a entrada! Mesmo nós, os ratos de imprensa, que vivemos a procurar assunto, temos agora de pagar ali na borboleta, o tostãosinho do imposto de caridade. Os mediocres, não, nada cobram, nada exigem. Ficam até muito satisfeitos, muito honrados, se os patrocinamos. E é de ver a carinha alegre que apresentam quando sorrimos ao ouvir suas asnices!!! E' de arrebentar de rir! Falam de assuntos que não entendem, fazem sugestões asnaticas, empanturram-nos com adjetivos empolados, azucrinam nossos ouvidos mas... contribuem, eficazmente, para desopilar os nossos figados! Uma conferencia literaria, filosofica, pedagogica feita por um mediocre, produz efeito mais rapido e mais salutar nesse orgam do que as pilulas que o prof. Armond compra ali na farmacia do Studart. Jamais percas essas conferencias meu querido leitor. Nada aprenderás, é certo. Mas, tomando as precauções necessarias para que não desaprendas aquilo que sabes, frequenta-as pois te garanto que, mesmo se tua educação não permitir rir ás bandeiras despregadas, inti-

mamente soltarás gostosas, sonoras, estupendas, formidaveis gargalhadas! E isto muito contribuirá para o bom funcionamento de teu figado. Poderia aqui citar diversas passagens desse capitulosinho gosado do livro de Santo Thyrso... Porém, é preferivel que o compres... O que mata o escritor e o jornalista é, justamente, a mania que ha de se emprestar livros e jornais. E' uma mania revoltante e atentatoria ás nossas algibeiras já, por si sós, quasi vasias... Adquire o livrinho, lê-o de cabo a rabo, e manda-me dizer se o capitulo acima mencionado não se adapta ao nosso meio tal qual uma luva!

---



Lopes — José Lopes Rego — proprietario dos restaurants «Central» e «Comercial», fez anos no dia 20 do corrente, dia esse que a concepção nitida de brasilidade de um tipografo anonimo deu como sendo terça-feira gorda! O Lopes é uma figura simpatica e ativa: tipo do português com idéas americanisadas. De uma feita associou-se ao Rocha — outro português com idéas progressístas — e foi instalar o Restaurant «Ford», na Fordlandia. Depois, amigavelmente, dissolveram a sociedade, ficando o Rocha na Fordlandia e o Lopes á testa do «Central» e do «Comercial». Mas como ia dizendo, o Lopes inteirou tempo. E convidou um pequeno grupo de amigos para comemorar a data almoçando no «Central». Fui um deles. Ao chegar, já lá estavam os demais: professores Raymundo Nogueira e Waldemar Pedrosa, monsenhor Oliveira, drs. Marcionilo Lessa, Daniel Sevalho Junior e Gentil Bittencourt. O *Coisa,* tambem convidado, excusara-se, pois ainda não está muito agil no manejo do talher! Antes de nos amezendarmos o Lopes todo risonho fez-nos uma comunicação: todos nós ao terminarmos o almoço, deveriamos pagar nossas respectivas contas e os que não possuissem o numerario necessario, assinariam um valesinho para ser satisfeito no fim do mez! Não tivemos outro geito sinão concordar. E fizemos entre nós outra combinação: absolutamente não haveria discursos! Tudo isto assentado, sentamo-nos á meza. O cardapio era excelente: petisqueiras brasileiras e portuguesas, bons vinhos, licores, whisky do Andrade, charutos, café, etc. Durante o *baco-baco* quasi ninguem falou: todos avançavam galhardamente nos petiscos que o garçon trazia. O unico que comia com o mesmo apetite e falava todo o tempo, era monsenhor Oliveira narrando-nos as peripécias (como é Chevalier: perípecias ou peripecías?) de sua ultima visita ao Canadá e aos Estados Unidos. *Au dessert,* iniciou-se a conversa fiada! O Nogueira discorria sobre a vantagem da Escola Preparatoria anexa á Escola Normal demonstrando a tolice de criar uma outra na capital que viria somente satisfazer caprichos de prestigios passageiros; o Waldemar não se cansava de elogiar o baile da União de domingo gordo, o melhor da temporada, como afirmava, e onde se arrastou a mais comprida e mais animada cobrínha!». «Carnaval de papouco, interrompeu o Sevalho (Zozó), realizava-se na tribu dos Parintintins! Vocês não podem fazer uma idéa da animação e do respeito! Tudo era dirigido pelo pagé e

não havia trabalho para o promotor nem para a policia depois da festança! Mas o Rondon e o Bento Lemos, com idéas absurdas, resolveram, disque, civilisar os pobres indios: o primeiro foi por lá, distribuio umas missangas, leques e quejandas besteiras, enquanto que o segundo enviava córtes de seda, luvas, sapatos salto Luiz XV! Eu fui arrancado das selvas e aqui estou em Manaus! Não ha carnaval que se compare com o dos Parintintins!». Duas lagrimas rolaram-lhe pela face abaixo. Respeitámos as saudades do nosso bom amigo. Falei eu: «Era uma vez um inglês que possuia um cavalo...» Basta, basta, gritaram todos: então você não tem nada original a nos contar e vem com uma historia velha, batida, como a do cavalo do inglês? Emcabulado, fechei-me em copas. O Marcionilo quebrou o silencio: «Vocês sabem a historia mas desconhecem a do peixe que viveu fóra dagua. Aí vai: era uma vez um *homem* bom ao extremo, que resolveu ensinar um *peixe* a viver fóra do seu elemento natural, a *agua*. Apanhou um e colocou-o no tanque de sua residencia. Todos os dias retirava o peixe e suspendia-o fóra dagua durante alguns minutos; quando o bichinho começava a estrebuchar ele soltava-o. Fez isto diversos dias, sempre aumentando o tempo. E, num certo dia, milagre! o peixe todo lampeiro não sentia mais a diferença entre o viver nagua ou respirando o ar. O *homem* amarrou um cordão ao redor da cintura do *peixe* e pendurou-o no galho de uma arvore que se debruçava sobre o tanque, afim de que ele sempre avistasse o seu elemento natural, *agua*. Mas, devido ao sol e á chuva, o cordão foi apodrecendo e, certa tarde, partio-se: o peixe caío nagua e morreu afogado! Todos gostaram da historia. Mas o Gentil, concertando as cangalhas no nariz, falou: «Está tudo muito certo! Esqueceu-se, porem, o Marcionilo, de traduzir a historia. O *homem* representa os governos que temos tido desde que a borracha desandou; o *peixe* é o funcionalismo publico que foi acostumado a viver longe do seu elemento — dinheiro! Aí vem o capitão interventor com doze mil pacotes! Não vá o cordãosinho rebentar e o funcionalismo morrer afogado, asfixiado, sob o pezo de seus inumeros vencimentos em atrazo no Tesouro...

---

PSIU! Psiu! Psiu! Ia eu num bond de Saudade com o meu amigo padre Thomé. «Psiu! Psiu! Psiu! Oh! Mané!» Agora era comigo. Virei-me. Na borda do passeio do Leão de Ouro estava o meu colega e amigo Ricardo Amorim. Chapeu de massa na mão, grossas bagas de suor escorriam de sua lusida caréca. «Vem cá, meu Mané!» Deixei o padre e saltei. Que é que ha? inquiri, curioso. Vamos tomar um mocasinho e, então, ler-te-ei uma mensagem que hontem recebi afim de te comunicar. Mais curioso ainda fiquei. Uma mensagem para mim? Seria do Getulio ou do Negus da Abissinia? Que desejariam? Intrigado sentei-me á mesa onde, escrito a lapis, estava o celebre Anauê dos engraçados integralistas. O Ricardo puxou um enorme lenço encarnado (lembrança do 24 de Outubro) e enxugou a caréca. «Falei hontem com o Barão de Sant'Anna Nery e ele pedio-me que te lesse isto». Retirou algumas tiras de papel do bolso interior do casaco, pigarreou, endireitou os oculos e começou a ler: «Mané, meu amigo velho, quem esta envia é o Barão Frederico de Sant'Anna Nery. Ha anos que deixei o involucro humano e me libertei das torturas terrenas. Como sabes, nasci no Pará mas, mesmo durante minha passagem transitoria pela terra, sempre combati as fronteiras internas do paiz. Devemos ser todos brasileiros, acabar com as picuinhas entre Estados. Por questões politicas, por atitudes francas, fui mandado para a ilha Fernando de Noronha, onde sofri pelo grande crime de amar demais o meu Brasil. Depois, comecei a comer o pão do exilio na França. Não imaginas as saudades que eu tinha da patria distante! Um homem só compreende o que é patriotismo quando está longe da terra em que nasceu. Os olhos fitos no auri-verde pavilhão, comecei a escrever. Escrevi sobre o nosso Amazonas; tornei-o conhecido; coloquei-o no cartaz! E, certo dia, o inevitavel aconteceu: larguei o aparelho! Meus restos mortais vieram repousar no campo santo do Amazonas. E os meus concidadãos fizeram-me justiça erigindo, numa das arterias de Manaus uma herma em minha homenagem. Num outro local, homenagearam o meu conterraneo Tenreiro Aranha. Foi um ato de justiça, tambem. Quantas vezes, noite alta, conversámos! Otimistas ambos, fitavamos o nascente, á espera do resurgimento do Amazonas! Nunca duvidámos! A crise será passageira, pensavamos! Mas o Tenreiro, muito mais velho do que eu, aborreceu-se e declarou-me

que o colosso do Norte jamais se levantaria! Foi a primeira rixa entre nós: procurei convence-lo de que laborava em erro. Não quiz me ouvir. E, numa tarde banhada de luz, viajou, pela primeira e unica vez, de automovel ¡que, por sinal, era um auto-caminhão! Instalou-se no centro da praça da Saudade que nem o chaleirismo dos conselheiros municipais da epoca conseguio alcunhar de Washington Luiz. Acintosamente deu as costas para o nascente aguardando, enfarpelado naquela casaca de bronze, espada á cinta, o ocaso do Amazonas! Zanguei-me e roguei-lhe uma praga que pegou: de quando em vez um urubú pousa em sua veneranda cabeça! Bem feito! Fiquei sosinho a espiar para o sol todas as manhãs. Nas horas monotonas e lentas que passavam comecei a olhar para a cidade. Tú já te déste ao trabalho de percorre-la com os olhos de quem quer ver? Está toda embelezada! Dentro em pouco, será uma das capitais mais lindas do Brasil. Ali no fim da rua dos Andradas, que era um beco sordido, será instalada a praça «Amador-Pereira», como lembrança da luta em homenagem ao ministro colombiano dr. Cano! Já lá está uma linda alegoria ao feito, representada pelo javali e pelo cão! Tudo isto se deve ao Emanuel Moraes. Jamais pensei que um joven militar se revelasse o administrador progressista e ativo que é. Os amazonidas devem guardar no coração o nome dele. Ha errado algumas vezes! Mas, Mané querido, quem não erra? Porem, balanceando os erros do Emanuel com os seus acertos, todos os amazonenses têm que se perfilar á passagem do prefeito de Manaus. A mim, pessoalmente, me fez um grande beneficio. Tu não podes imaginar quão paulificante é estar, ano após ano, encarapitado no alto de um pedestal. O Emanuel mandou-me para a *ilha dos prontos* onde eu continuo a aguardar, olhos fixos no nascente, o resurgimento do Amazonas. Tirou-me do local primitivo fazendo-me um enorme favor: eu já estava cançado de cheirar amoniaco... »

---

A *mi me gustan los curas!* disse-me o meu amigo Ricardo Valencia hontem a noite ao jantar. *Y a mi tambien, caramba!* lhe respondi. De fato, não vejo porque tanta celeuma contra os padres, principalmente contra os padres e frades estrangeiros. Eles são camaradas! Falam de nós, porém, na minha fraca opinião, têm carradas de razão. Nós falamos dêles... E' simples represalia, legitima defeza. Já ouviste, leitor amigo, um sermão pregado por um desses padres e frades? Não os percas. São tão necessarios como os mediocres a fazer conferencias literarias, filosoficas, pedagogicas, assunto que tratei em minha ultima crónica. E quantas imagens maravilhosas não são empurradas pelos nossos ouvidos a dentro! Aquela, então, do *foguetone* subindo para os céus, somente uma inteligencia privilegiada pode conceber! Mas, ao escrever esta crónica quero me referir a um padre que a abelhudice de Mario Bhering me apresentou pelas colunas da revista «Sul America» e que a gentileza do Omena Farias, agente dessa conceituada companhia de seguros, fez chegar ás minhas mãos. Trata-se do padre Bernardo de Lima e Mello Bacelar, prior no Alentejo. Esse prior, no ano da graça de 1783, fez publicar um dicionario português de sua autoría. Como bem o declarou nesse interessante volume, trata-se de um «dicionario da lingua portuguêsa em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau e todos os mais dicionarios juntos; a sua propria significação; e a seleção das mais usadas e polídas; a gramatica filosofica e a ortografia racional no principio, e as esplicações das abreviaturas no fim desta obra. Obra de primeira necessidade para todo aquele, que quizer falar, e escrever com acerto a lingua portuguêsa; por ser impossivel que pelos livros atégóra impressos possa algum saber a terça parte do idioma português». Agora, tiremos a esmo algumas palavras com as suas respetivas significações. Aí vão elas: *Abantal* — panno, etc. que vae diante do estomago... *Accuar* — cahir de... costas. *Alfinete* — fio de metal que pica. *Alguem* — hum delles. *Antipodas* — os de pés contra pés no globo. *Assuar* — alimpar o suor do nariz. *Axillar* — veia do subaco. *Bilha* — vaso que faz o som bil bil ao vasar. *Bocca* — buraco da cara. *Tripa* — o canal que acaba o comer. *Ventana* — janella de lavar a casa com o vento. *Carneiro* — ovelha macha. *Catinga* — fedor de cão ou de negro. *Cocoras* — modo de estar como a gallinha sobre os óvos. *Corno* — osso da testa. *Colica*

— dôr de certa tripa. *Dente* — osso de mastigar. *Embigo* — parte por onde estava o féto unido a mãe. *Engatado* — cheio de gatos. *Epidemia* — doença de muito povo. *Erriçado* — teso o cabelo como o do bóde. *Escoba* — cousa que alimpa a poeira. E assim por diante. Nem Mark Twain, nem Santo Thyrso, nem Upton Sinclair, nem Fradique Mendes possuem o senso perfeito do humorismo como possue o padre Bernardo de Lima e Mello Bacellar, autor dessa obra primorosa que, com certeza, o inspetor escolar indicará afim de ser adotada nas escolas. Agora, leitor amigo, se gostaste deste pequenino pano de amostra, resta-te segurares tua vida (vá lá o anuncio gratuito, Benjamin!) na Sul America que te será periodicamente enviada essa revista toda cheia de leitura agradavel e ótima.

---

RAÇAS a Deus (não sou ateu!) são poucos os inimigos que possuo. Esses poucos são gratuitos pois jamais ofendi a quem quer que fosse. Vivendo num ambiente de amigos, natural é que mantenha relações de amizade com os homens que estão no poder e com aqueles que dele foram apeados. O meu velho, bom e querido amigo André Araujo está incluido entre os primeiros. Subiu! E' perna de governo! Dirige um dos mais importantes departamentos da administração publica — a instrução. Procurei-o, ha dias, para entrevistá-lo. Não o encontrei. Voltei. Estava ocupado. Vai daí resolver eu fazer uso dos conhecimentos mediunicos do Ricardo Amorim e linguisticos do Vivaldo Lima. Este ultimo, não sendo ainda grande mestre do japonês, advertio-me de que muitos vocabulos niponicos são intradusiveis. Não gostei da advertencia por saber que o stock de «k» e de «u» nos caixotins de *A Nação* é muito diminuto! E, mediunicamente, ás 12 da noite (24 horas, pelo fuso) de uma primeira sexta-feira do mês, entrevistei o meu amigo André Araujo. (Leiam «Gog», de Papini, e verão que podemos nos comunicar, mesmo a grandes distancias, com os vivos). — «André, comecei, podes me dizer algo do teu programa?» — «Pois não, Mané amigo, tú sabes que a nossa velha camaradagem é e será sempre a mesma. Ainda não disse cousa alguma a ninguem mas, uma vez que me pedes, vou te ser franco. Sei que és um grande admirador do Japão. Eu tambem o sou. Admiro o clarão solar do cerebro de Yamagata; a chama vulcanica do talento de Ynoyé; as cintilações fulgurantes da cerebração de Okuma; o genio fecundo, potente, de Ito; o muque do conde Koma; a atividade do Borsa; o amor niponico do Vivaldo! Por isso mesmo é que vou traçar meu programa em linhas orientais. Todo ano letivo será iniciado com festas semelhantes ás realisadas em Asakusa, centro dos prazeres em Tokio. Naturalmente, nesse dia e nos subsequentes, serão fechados os «Meishuya» (bars) porém poderão funcionar os «Shinbun-juram-sho» (salões de leitura), «Kitchaten» (casas de chá), «Soba-ya» (casas de macarrão) e «Sushiya» (casas onde se vende arroz cosido misturado com vinagre, peixe, ovos e legumes), para gaudio da petizada. A's «Geishas» (mulheres damas) não será permitido tomar parte na semana da festa e nem que cometam «hara-kiri» (áto de abrir o ventre com um alfange). «Keiram shochu» (whisky) será permitido aos suditos britanicos e aos

hitleristas! Todas aş professoras virão em «rikisha» (carro de duas rodas, puxado por um homem, especie do nosso burro sem rabo, porém mais confortavel). Abrirá os festejos um animado «joruri» (canção de opera) que será ouvido no «Teikoku-Goekijo» (teatro oficial) onde será instalado um bem sortido «Kagetsu» (restaurante). Quasi que com certesa apreciaremos o «Samisen» (banjo japonez de três cordas). E' de grande efeito. Chofêrs, em frente á Leitaria e ao Bar Americano, abordarão os freguezes: «Danna, oyasuku mairimasho?» (senhor, posso leva-lo a qualquer parte?»). E virão á nossa festa. Os escolares cantarão:

«Nanishi owaba
Iza koto-towan
Miyako-dori
Waga Omohito wa
Ariya nashiya to!»

(Teu nome é passaro da cidade; pergunto-te se o meu namorado na cidade ainda vive ou não!) Durante a semana niponica instituir-se-á o «sakuraya» (agua quente com três folhas de cereja, ou, melhor, banho publico) onde, fugindo da piscina, os malandros da dita poderão ir nadar. Alem de tudo isso haverá dois espetaculos no Politeama gentilmente cedido pelo Vasco, onde o publico poderá apreciar «matches» de «Shiroto-zumo» (luta entre amadores). A mocidade muito lucrará praticando esse sport. Na praça da Saudade, para onde mandaram o velho Tenreiro Aranha, haverá «Kawa-biraki» (fogos de artificios em homenagem á abertura dos rios) que se não realizará na Praça de São Sebastião, junto ao monumento, por não haver muito espaço. O prefeito ordenará uma «Torinomachi» (feira livre) que dará mais realce ás nossas festas. «Joruri-katari» (cantores de operas), «te-odori» (dançarinas) e muitos e muitos outros numeros serão apresentados, mas, Mané amigo, constituem surpresa. Aí, desapareceu! Agradeci ao Ricardo Amorim e ao Vivaldo Lima o haverem me prestado tão grande favor e êles chisparam, o primeiro para o Templo da Verdade, na rua José Clemente, e o segundo para o Nacional Fast Club!! O. K.!!

---

ESTA Manáusinha muito querida é fertil em paradoxos e, o que é mais, em cousas inéditas que jamais acontecerão em terras outras a não ser, claro, se a moda pegar. A população sempre ordeira e pacata foi notificada pela policia — em cartazes assinados pelo sr. delegado auxiliar e afixados nas paredes e portas da cidade — que estava terminantemente proíbido o porte de armas. Mas, que é uma arma proíbida? Naturalmente é um revolver, um estóque, uma navalha, uma *lambedeira*, uma *quicé*. Agora outra pergunta aos senhores da policia: um cachorro é arma proibida? Já vejo a hilaridade causada entre os guardas, os escrivães, os investigadores, os comissarios a qual se comunicará ao delegado e até ao proprio chefe de policia: « Bôa pilheria a desse escrevinhador de jornal », dirão; « quando já foi um cachorro, pirento ou não pirento, considerado uma arma proíbida? Quá, quá, quá!! Esse sujeito está doido, doido varrido!!! ». E rirão á bandeiras despregadas da minha pergunta inocente. Pois bem senhores da policia, um cachorro, grande ou pequeno, bonito como o do Agesilau Araujo ou feio como o Vampa do Freitas Pinto, é uma das armas mais perigosas que um homem pode empunhar! E se não, vejamos: terça-feira passada ao descer a ladeira ao lado do Pavilhão um bond em disparada (como, aliás, sempre trafegam esses veículos do Kirk) apanhou um infeliz cão cuja morte poderia ser evitada pelo motorista, possuisse ele um coração menos cruel. O dono do animal, revoltado e enraivecido, apanhou o corpo ainda quente do seu xerimbabo, partio para a estação de bonds, enfrentou o motorista e deu-lhe formidavel *cachorrada* na cara! Fechou o tempo entre choférs, motoristas e condutores e o charivarí teria maiores proporções se não houvesse a interferencia de terceiros. Ora aí está a razão porque o meu contra-parente Ismael de Almeida que, como bom delegado conhece o caso acima narrado, deve incontinente incluir a carcassa morta de um cachorro na lista de armas proíbidas pela policia. Dar uma *cachorrada* na cara dum cidadão?!! Esta Manaus tem tanta cousa...

---

MERECE os meus mais francos e calorosos aplausos o áto n.º 2.371 do Snr. Waldemar Pedrosa, *estabelecendo, obrigatoriamente, a marcação exterior dos volumes contendo generos estadoais, destinados á exportação, com a legenda MANAUS — AMAZONAS, em letras bem visiveis, substituindo-se a palavra Manaus pela do porto de embarque, quando este se faça em outra localidade do Estado.* Atos como este calam bem no espirito publico porque provam que o governo já se móve para tornar o AMAZONAS conhecido; que já se inicia, embora em pequena escala, a propaganda do AMAZONAS; que já se começa a dizer que a borracha é do AMAZONAS, que o guaraná é do AMAZONAS. Devemos gritar aos quatro ventos que vivemos, que queremos viver, que temos direito á felicidade usufruída por todos no mundo; devemos proclamar as riquezas inumeras que possue o AMAZONAS (caixa alta, tipografo, toda vez que o vocabulo AMAZONAS aparecer nesta cronica) para que os povos adiantados e empreendedores, ativos e progressistas, venham aqui empregar seus capitais, venham comprar nossos produtos. Vamos, todos unidos, pôr o hombro á grande roda que dará vida ao AMAZONAS. Larguemos de mão, uma vez para sempre, a esperança de um auxilio dos poderes constituidos desta engraçadissima republica que ha sido sempre madrasta para o AMAZONAS. Abandonemos esta atitude mussulmanica e acocorado a esperar, eternamente, por uma dadiva do ceu ou por um milagre do inferno. Para a frente, amazonidas, todos unidos, honestamente, corajosamente, até elevarmos com a nossa atividade, com o nosso esforço, com o nosso amor, com o nosso amazonismo sincero, o grande Estado que nos serviu de berço, o glorioso AMAZONAS, que jamais será aviltado ou humilhado por quem quer que seja!

---

A EPOCA atual é de velocidade: a navegação aerea, a radiotelefonia, a radiotelegrafia, a televisão, a substituição do carvão pelo oleo, tudo isto prova que somente os paises onde se estuda, onde se constróe, onde se inventa, onde se trabalha, marcham na estrada do progresso. Somente as nações fracas e atrofiadas vivem do passado! Este é irrecuperavel; o futuro é incerto; o presente é o unico que temos a enfrentar. Ha um exemplo na historia das nações: o Japão. Que era o Japão ha setenta anos passados? Um país retrogrado, um país cheio de lendas absurdas, de *samurais* e *mandarins*, a ensinar a juventude o desenho de golfinhos em cores berrantes, a praticar o *hara-kirí*, a passeiar em *rikisha*, a adorar Buda! Agrupamento de ilhas e de ilhotas, o paiz do Sol Nascente via dia a dia, esse mesmo sol que adorava, desaparecer no longinquo horizonte de seus ideais antiquados... Mas, uma rajada de progresso tirou o povo niponico da letargia que o matava aos poucos: seus filhos foram enviados á Europa e á America a estudar a civilisação do ocidente. Movia-os um grande, um acendrado amor pela terra dos *chrysantemos* e das *geishas*. Trabalharam, estudaram, se aperfeiçoaram, e voltaram ao torrão patrio a ensinar, a pregar, a incutir no espirito de seus patricios, a lição de civilisação que aprenderam. E o Japão, da noite para o dia, se transformou completamente: civilisou-se, educou-se, construio poderosa esquadra, disciplinou formidavel exercito, tornou-se uma potencia mundial. E conseguindo isto, o Japão não operou milagre algum... Fez, unicamente, aquilo que qualquer país, qualquer pedaço de país, pode fazer. Provou, com essa metamorfose espantosa — da barbaria para a civilisação — que o unico factor necessario é o homem, o homem trabalhador e honesto, o homem ativo e energico, o homem que põe o interesse da patria acima do interesse individual. Ainda que mal comparado, o Amazonas de hoje assemelha-se ao Japão de setenta anos atraz: continuamos, estupidamente, a adorar o nosso Buda — a borracha; persistimos em produzi-la pelos metodos corriqueiros, quando paises outros a produzem por metodos cientificos; esquecemo-nos de outras fontes de riquezas que aos milhares possuimos, empolgados pelo lucro facil e passageiro que, com longos intervalos e por bamburrio da sorte, nos proporciona a moribunda *hevea brasiliensis*. Daí o nosso atraso, daí a nossa miseria, daí o desdem com que nos olham os nossos

irmãos do sul. E' preciso reagir! E' necessario abandonarmos esta atitude, a esperar, eternamente, que os especuladores elevem o preço do produto que já foi exclusivo da Amazonia, e que hoje é obtido em condições melhores, em mercados outros, ou de um auxilio miseravel dos poderes centrais. Esta atitude é justificada nos vencidos da vida! Em nós, amazonenses, não! Devemos nos mover, devemos reagir, devemos trabalhar, devemos contar, unicamente, com o nosso proprio esforço. Se não quizermos, por motivo de falso patriotismo, emular o exemplo de uma nação estrangeira como é o Japão, vamos imitar a iniciativa e o patriotismo de irmãos nossos que se fizeram, que progrediram, prosperaram, conscios do papel que deviam representar no cenario brasileiro — os paulistas. Avante, amazonenses: vamos encostar o hombro á roda que dará vida ao nosso Estado; vamos iniciar e incentivar a agricultura em todos os recantos da terra Baré; vamos relegar ao passado a elasticidade suprema da nossa borracha; vamos tratar a hevea como um produto secundario; vamos criar e manter outras fontes de receita; vamos, emfim, com o nosso trabalho, com a nossa coragem, com o nosso desinteresse, com o nosso patriotismo, provar que somos dignos, que merecemos a grande felicidade de nascer no Amazonas.

---

LÁ nas alterosas, onde nasceu o feio snr. Alfredo Sá, onde, atualmente, se prega o liberalismo sanhudo do snr. Arthur Bernardes, existe um partido politico: o Partido Republicano Mineiro. Obedece — naturalmente — á direção do snr. Antonio Carlos. O P. R. M. possue um orgam oficial: o *Diario de Minas.* E o pistolão de algum paredro coloca, de quando em vez, nas paginas do *Diario,* meia coluna assinada por um I. Este snr. arvora-se a bancar Mark Twain! Mas é desastrado! Quando elle quer fazer graça, zás, lá vai besteira! Foi o que sucedeu na sua critica descabida a uma das edições de *Amazonida, a revista da terra do boto,* como ele a classificou, aliás, sem mencionar o nome! Medo da lei inventada pelo Rolinha, sem duvida! Mas nós não iriamos nos espinhar por tão pouco, nem o caso era para irmos ás barras de um tribunal! Por isso I devia escrever AMAZONIDA, com todas as letras. Seria até bôa propaganda! Uma gentileza nossa, faz com que enviemos a certo cavalheiro, residente em Belo Horizonte, exemplares de AMAZONIDA. Estes, não sabemos porque razão, foram parar ás mãos de I, á rua do Espirito Santo n.º 1.011. E o nosso Juan Farmer, o inefavel Mark Twain das alterosas, o I do orgam do *pujante,* coloca o maço (ele não sabe se é com ç ou com ss) em cima da mesa e sorri! Sorri e rasga a cinta que envolve as revistas! E lê o *magazine da terra do boto!* Devia ser uma cena ultra interessante: o escritor da terra do queijo bichado, lendo o *magazine da terra do bôto!* Mas, ao escrever sua cronica ou cousa que o valha, de 29 de Novembro, — *Nomes do Norte* —, tal qual o macaco da fabula, I não olhou para o rabo! Deixando de parte o deboche de I a respeito de AMAZONIDA nos referimos somente á sua surpresa, ao seu espanto, ao seu humorismo ao deparar com os nomes de senhorinhas da sociedade manauense. Todo vermelho, apopletico, I berra, esbraveja, acha exquisito que usemos nomes como Itaguaçú, Violeta, Helmosa, Juita, Esmeraldina, Joia, Eldah, Simy, Aracy, etc. Mas, meu mineiro velho, larga o bond e ouve: porque tanto barulho? Nunca topastes em tua vida com esses nomes? P'ra que tanta *honestidade literaria, artistica, sentimental?* Vira-te p'ra traz, olha p'ro rabo: no mesmo numero do jornal em que saíu tua cronica, eu deparei com os seguintes nomes de senhoras e senhorinhas que tu bem conheces, na coluna social: Elce, Felicissimo, Saphira, Salse, Júju! Com os seguintes masculinos: Ildeu Duarte, Alvimar

Rezende! E os municipios mencionados nesse numero? Ouve: Cabreuva, Passa Quatro, Itanhandú, Tres Corações do Rio Verde, Lavras, Santanna de Matto Adentro, Tremedal, Mar de Hespanha, Santa Luzia de Carangola, Conceição do Serro, Guaxupé! Estás tão perto do centro, declaras. Vá lá! No entanto nós, que dizes estarmos tão longe, não nos zangamos, não nos surpreendemos, não criticamos, não debochamos esses nomes exoticos! Se isso fizessemos, teriamos cortado as relações com vocês ao lermos pela primeira vez o nome do dr. Gudesteu!!... P'ra que a gracinha, meu Julio Camba de fancaria? Sabes tu o que nos surpreende aqui, o que achamos exquisito, o que não levamos a serio? E' o liberalismo que vocês pregam! Mineiro liberal? Quando? Como? Onde? Nem mesmo o bond que o tabaréu teu conterraneo comprou, nos espanta! Já o esperavamos...

---

“*sem desfalecimentos cumprirei meu dever, fazendo tudo aquilo que possa contribuir para a felicidade dos bravos caboclos amazonenses. Não é desprezando e escorraçando os brasileiros, negando-lhes os modernos instrumentos de trabalho, que havemos de fazer esse Brasil que é a nossa grande preocupação*». Este é o final do telegrama enviado á imprensa carioca pelo snr. Comandante Armando Pina, rebatendo as razões do diretor do Lloyd Brasileiro, a respeito do concerto dos frigorificos que existem nos calhambeques dessa companhia e que fazem viagem até Manáos. E' habito antigo de todo individuo que se acastéla num logarzinho mais ou menos alto, visar prejudicar sempre o Estado do Amazonas. Isto se deu na Republica Velha e não mudou em cousa alguma nesta engraçada Republica Nova que inventaram. Não perdem vasa: quando ha uma brécha — zás! — vomitam toda a bilis sobre o Amazonas, que tanto já deu a ganhar aos magnatas do país. Isto eles esquecem. O snr. Comandante Pina pode bradar á vontade: os poderes constituidos do Brasil serão eternamente surdos ás nossas lamentações, aos nossos pedidos, aos nossos protestos. E as raras vezes que o éco de nossas vozes fere-lhes os ouvidos, é aquilo que se vê: arranjam um Catramby qualquer para irradiar o odio que a Republica tem ao maior Estado, ao mais rico e, paradoxalmente, mais pobre, o unico que deve quasi tudo o que possue mas que é tambem o unico credor da União. Continue, Comandante! Quanto a mim, vou ficando por aqui pois, de ha muito, não levo a serio essa cambada lá do Sul!

---



GOVERNO DO ESTADO houve por bem telegrafar ao snr. Getulio Vargas convidando-o a vir até Manáos, logar que ele havia excluido do itinerario de sua excursão presidencial. O snr. Getulio, estou certo, não quer vir ao Amazonas porque sabe a situação de penuria em que nos encontramos. Não deseja nos obrigar a recebe-lo com as honras, banquetes e bailes que o alto cargo que oçupa requer. Mas o governo do Estado quer porque quer a presença do Ditador. Faz-me lembrar uma historia que hontem, ao almoço, me contou o meu velho amigo Professor Armond. Aí vai: havia no Rio, nos tempos dos tilbures, um ministro do Supremo Tribunal, homem austéro e chefe ilustre de uma digna familia, tendo, em casa muitas «letras» a descontar pois era pai de diversas moças em idade casadoira. Para tornar mais facil o conhecimento que sempre termina no *conjugo vobis*, o nosso ministro, todos os sabados, convidava meia duzia de rapazes (nesse tempo o Professor Armond andava pelos seus dezoito agostos) para um chá que não era chá, pois, de cambulhada com o bom presunto, licores finos, doces saborosos, chocolates *etcoetera*, se transformava com grande alegria dos rapazes em agradavel ceiáta. E era de ver o contentamento das moças e dos moços enamorados! Mas, certo dia que não era sabado, dois dos rapazes tiveram necessidade de falar ao ministro. E lembrando-se da lauta mesa, dos petiscos, das mocinhas, foram á casa justamente á hora do almoço. Palmas. A ordem, lá de dentro, veio: «entre». Os dois entraram, surpreendendo o ministro com toda a familia ao redor da mesa, comendo sardinha frita com pirão dagua. Era a boia diaria na casa! Aí vem o Ditador. O snr. Washington Luiz, quando por aqui andou, declarou não vir «ouvir lamurias nem preencher lacunas». Vamos homenagear o snr. Getulio! Apres-tem-se os peritos culinarios, os garçons, os jazzes. Ofereçamos-lhe lautos banquetes e grandes bailes, embora tenhamos que passar a jaraqui frito, duzentos reis a cambada, o resto da nossa vida! Viva a Republica Nova! Vivôôôôô!!

---

NÃO sei porque, quem quer que no Tesouro do Estado ordena as folhas a serem pagas, vota um ódio terrivel á classe de professores. Mensalmente vemos, nos primeiros dias, a piracema de pagamentos a dezenas de repartições. Mas, quando chega a vez de ser pago o Ginasio, a Escola Normal, os Grupos Escolares, a maquinaria financeira desse homenzinho enguiça. Enguiça e não ha mecanico que a faça funcionar. Passam dois, tres e ás vezes mais dias sem ser paga uma folha siquer. E o «Diario Oficial» publica sempre o saldo existente no Tesouro. Mas isso não importa: o homenzinho de lá tem uma grande aversão aos homens e mulheres que tiram as creanças das trévas da ignorancia. Não pode compreender o motivo porque um professor ou professora faça jus a um ordenado e o ganhe honestamente sem ter necessidade de bajular a este ou aquele. O professorado secundario e primario sofre muitos vexames com esta atitude sistematica do Tesouro. Nos países adiantados e progressistas, onde os catões não médram, os membros da magistratura e do professorado são régiamente recompensados e pagos em dia. Aqui é o que se vê: o professorado em atrazo, professoras encanecidas no magisterio, a ir a pé para os grupos escolares a que pertencem, por absoluta falta de dinheiro, enquanto muito almofadinha indevidamente bérra o numero de seu passe nas centenas de viagens a bond que faz todos os dias. E' imprescindivel que a autoridade superior do Estado ponha um cobro a esta prática absurda que é odienta porque é injusta e revoltante porque é sistemática. E isto acontece num país onde se préga o combate ao analfabetismo! Ora bolas!

---

HA um circo em Manáos! Palhaços diversos, entre os quais o Picolino e o «gigante» Bartholo, atlétas, malabaristas, equilibristas, cães e cavalos amestrados (mais inteligentes do que muita gente que conheço), o diabo! A romaria ao circo é enorme, as enchentes se sucedem todas as noites pois o povo está ávido para se esquecer da crise, da constituinte, da Republica Nova! E os niqueis escorrem na bilheteria, tal qual uma pororóca de moedas, todas brilhantes, todas de valor. Os papás cortam os seus cigarros e aperitivos para poder levar os pimpolhos á função; os almofadinhas economizam afim de ir ver as bailarinas; as mamãs respeitaveis para lá se dirigem afim de desengorgitar o figado. E a tropa toda ganha. Ninguem se lembra que ha aqui um circo mais interessante, instalado nesta cidade da Barra, desde o advento daquela outra republica que o idealismo revolucionario, então sincero, derribou em 24 de Outubro de 1930. E' o circo Manáos — unico no genero — com um elenco magistral! E nada custa. De nossas proprias casas podemos apreciar o desenrolar do espetaculo. Ha de tudo neste circo batuta: os palhaços são excelentes; os «equilibristas» formidandos — jamais «caem»! Os boateiros, são da pontinha; os incondicionais, do outro planeta; os intrigantes, os vilões, os telegrafeiros, os sem atitudes, os «saudosistas», os ultra revolucionarios, todos concorrem para o exito da presepada. E os espetaculos sucedem-se com o aplauso geral da colossal assistencia — toda a população de Manáos. E fiel á tradição dessas casas de diversões, ha tambem as vaias! Vaias estupendas e merecidas! De quando em vez o fiáu estruge, anunciando o fracasso de um dos atores! Vamos, rapaziada alegre, vamos todos ao Circo Manáos! A entrada é gratis!

---

SEMPRE tive a maior veneração pela policia militar de minha terra. Policia heroica, ela foi aos campos de Canudos combater Antonio Conselheiro; policia valente, ela arrancou aos bolivianos o Territorio do Acre, integrando-o no territorio nacional; policia amazonida, ela ha sido, em todas as épocas, o simbolo forte do amazonismo sadio. Olho com respeito quasi religioso, o desfilar da policia militar amazonense. Embora dispersa agora, ainda resta, no casarão antiquado da praça João Pessôa, um punhado de policiais que envergam, presentemente, o uniforme do soldado do fogo. Acabo de passar por esse quartel. São quatorze horas de terça-feira, cinco de Setembro, data aurea do Amazonas. Quantas lembranças me vêm á mente! Lembro-me da arrancada bendita de 1850 quando o Amazonas obteve sua autonomia; passam ante meus olhos maravilhados, as figuras formidandas de Tenreiro Aranha, Souza Franco, João Candido de Deus e Silva! A' minha memoria voltam as manifestações populares quando a policia, sob o comando de Candido Mariano, partiu para os sertões da Baía. Mas, como um contraste doloroso, tambem ante mim passa a figurinha minuscula de Catramby, que enricou no Amazonas, autor do projeto que visa nos tirar a autonomia conquistada por homens da envergadura moral dos que acima citei. Mas, nem tudo está perdido. No alto dos mastros das repartições, das casas comerciais, tremula, neste momento, a bandeira do Brasil! E, flutuando á brisa da planicie, brisa amiga e sincera, num preito merecido de homenagem, na fachada do quartel da Força Policial, como nos acenando maternalmente, como a nos encorajar neste momento horrivel que atravessamos, como a nos indicar o cumprimento do dever que a nossa honra, o nosso brio, a nossa dignidade, o nosso civismo nos impoem, lá está, lindo como sempre, o pavilhão alvi-rubro do Estado do Amazonas. Salvé! valorosa Força Policial da minha Terra!

Eu sabia ser o Ditador um homem inteligente e perspicaz, manhoso, porém longe estava de supor fosse ele tão inteligente como vem de se revelar. Vejamos. S. Ex.ª larga-se do Rio para visitar o norte prometendo vir até Manáos. Vem subindo até Belem, afirmando sempre que o termino da excursão ditatorial seria a capital Baré. Mas, eis que lhe chega aos ouvidos que isto aqui está em franca bancarrota, não ha caraminguá, não ha nada; somente um almocinho de pirarucú ser-lhe-ia oferecido, dada a situação de miséria em que se encontra o Estado. Diante disso — eu estou bem vendo — o Ditador, mãos crusadas nas costas, passeiou pelo amplo convez do «Almirante Jaceguay», pensando no assunto. Ir a Manáos passar fome, «ouvir lamurias e preencher lacunas»? Não, mil vezes não! Tornava-se necessaria uma desculpa justa que doirasse a pilula que os caboclos daqui teriam de engulir. E o argentino Justo foi justamente o justo motivo encontrado. Além disso, aquele lembrete do jornal carioca: «Olhe, Manáos é o diabo: o Afonso Pena lançou a pedra fundamental da Alfandega e zás... não terminou o governo; o Nilo foi fazer a campanha eleitoral, e não chegou a ser eleito; o Washington foi banqueteado no Teatro Amazonas e dois anos antes de acabar seu termo presidencial foi exportado para a Europa»! E o Ditador sorrio! E mandou aquele telegrama gentil para o Amazonas! E ao se recolher ao camarote, com o mesmo sorrisosinho todo seu, ao se lembrar da fogueira que pulára, diria, de si para si: «Ao Amazonas, diabo é quem vai: vamos deixar como está para ver como fica!» E chispou para o sul!

---

EM 5 de Setembro passado, um grupo de moças amazonenses, na praça da Saudade, entregou aos alunos do Colegio D. Bosco, a bandeira do Estado do AMAZONAS. Falou em nome da mulher amazonida a senhorinha Olenka Chauvin que disse, não somente do valor da oferta, como, tambem, da idéa patriotica que a animava. Nesta epoca de incertezas que atravessamos, quando se procura retalhar o nosso territorio, quando se sugere a cassação de nossa autonomia, essa festa civica, ali aos pés da estatua de Tenreiro Aranha, na data maior do AMAZONAS, vale por um protesto e uma profissão de fé patriotica das mulheres que nasceram neste pedaço do Brasil. E' o brado angustiado de amor á Gléba, é o grito-alarme ao qual devem responder todos os que aqui nasceram ou se acham radicados, é o toque de sentido para que todos que aqui vivem se reunam, se unifiquem, se esqueçam de rixas antigas, visando, somente, a defeza da integridade territorial do maior Estado da Federação Brasileira. E os moços que alisam os bancos do Colegio D. Bosco, e os meninos que frequentam as aulas desse educandario salesiano que muito honra o AMAZONAS, estão na obrigação moral, na obrigação civica de corresponder a esse gesto da mulher do AMAZONAS, de se sentir orgulhosos e honrados por haverem sido escolhidos para guardas do simbolo augusto do nosso querido Estado. Devem estudar com afinco, devem se portar com compustura onde quer que se encontrem, para, assim, elevar bem alto o nome aureolado da Terra dos Barés. E' este o agradecimento que devem fazer pela preciosa e sagrada dadiva que receberam e que nós todos esperamos seja realisado pela mocidade brilhante que lá estuda e que amanhã, já adulta, virá formar ao nosso lado em pról do AMAZONAS, pelo AMAZONAS, para o AMAZONAS!

---

AMAZONINA LEITE, minha querida discipula: Acabo de assistir a homenagem mais simples porém mais significativa á tua memoria: teus colegas do quarto ano do nosso querido Ginasio, engrossados pelos demais alunos, depois de assistir a uma missa pelo eterno descanso de tua pura alma, foram, em romaria, depositar flores em teu leito eterno. E' que deixaste, durante os quatro anos de tua passagem pelo Ginasio, um sulco luminoso de bondade, de estudo, de comportamento, de coleguismo. Foste o que deve ser todo o ginasiano que se présa: colega de teus colegas. Seriam 8,30 da noite de sabado, 1.º de Julho, quando surpreendeu-me a desoladora noticia de teu falecimento. Estava a bordo do «Rio Curuçá», de partida marcada para Itacoatiara, onde iria representar o Partido Liberal do Amazonas, o vespertino a *A Nação*, a Sociedade Amazonense de Proteção aos Lazaros, e retribuir as gentilezas da sociedade itacoatiarense aos ginasianos que lá foram em Junho do ano passado. Com o pé no portaló, ao saber do tragico acidente de que foras vitima, desembarquei. E' que para mim um ginasiano vale muito mais do que um passeio fluvial. Passei minha incumbencia ao Crisanto Jobim e ao Francisco Pereira e fui velar teu cadaver no necroterio da Beneficente Portuguesa. Tú conheceste ambos ao tempo que ias ao quartel da Força Policial visitar teu tio, o meu querido amigo Domingos Alves Pereira de Queiroz, preso comigo, com eles dois e mais dez companheiros de atitudes amazonicas. Eras, então, uma garotinha de dez annos. Quanta vez brincámos nas imediações do Estado Maior da Força Policial da nossa terra! Depois encontrei-te no Ginasio. Lá convivemos quatro anos. Nas minhas aulas, nos sports, na disciplina, no comportamento, nos estudos, sempre te sobresaiste. Eras a minha discipula prediléta e uma das mais dignas. E, na pujança da vida, em plena mocidade, foste escolhida por Deus para uma de Suas eleitas. Oh! quanta dôr sentimos nós! Teu logar, em minha aula, sempre ficará desocupado. E a pena que sempre se molha no fel para traçar minhas cronicas, hoje molha-se em lagrimas — lagrimas que chorei ao ver teu corpo frio e inerte, lagrimas que verti levando-te ao cemiterio, lagrimas que derramei ao dar minha primeira aula, logo após tua morte, á primeira turma da série em que estavas matriculada. AMAZONINA LEITE, minha querida discipula: da Eternidade onde te encontras, olha e véla pelo nosso amado Ginasio, protege o nosso querido Amazonas.

No torvelinho desta vida de cronista, muitas vezes obrigados a encher linguados á ultima hora, tratando dos assuntos do dia, aparece-nos, de quando em vez, entre os espinhos proprios do oficio, ações que, se não nos envaidecem, pelo menos provam que estamos fazendo o jornalismo construtor que se basea na justiça dos nossos comentarios e na sinceridade de nossas opiniões. Quem escreve para o publico com o intuito unico de informa-lo e de se bater pelos seus legitimos direitos, quasi sempre não é compreendido pelos homens que estão no poder. E' um erro que eles cometem mas o fato não deixa de ser uma verdade inconteste. Ha jornalistas incondicionalmente governistas; outros, ha, sistematicamente oposicionistas. Os primeiros são tão nocivos como os ultimos. O jornalista que tem atitudes, deve ser sincero, leal, franco, justo. Deve sempre se colocar ao lado das bôas causas sem regatear aplausos aos que deles se tornam dignos, nem temer atacar aqueles que o mereçam. Além disso, o papel precipuo do jornalista é o de auxiliar os homens do governo fazendo que cheguem até eles os anseios da multidão anonima. Estas considerações caem do bico de minha pena ao saber do arrocho a que estão sendo submetidos os jornalistas de Pernambuco, perseguidos, censurados, impedidos de circular, por um governo que tanto deve a toda a imprensa do Brasil, imprensa que fez a vitoria da revolução. Não vá a moda pegar e o arrocho chégar até nós...

---

JÁ se está tornando irritante a venda de flores pela cidade, cujo resultado será aplicado em beneficio deste ou daquele santo, ou das almas do purgatorio. Francamente não sei para que os santos e almas precisam de tanto dinheiro. Acresce mais a circunstancia de que as repartições publicas, os bancos, os escritorios comerciais são invadidos por bando após bando de moças e meninas que não se retiram sem vender uma ou mais flores. Tornam-se paulificantes e antipaticas, sem levar em conta a interrupção do serviço que causam. Demais, essas moças e meninas percorrem a cidade toda sob um sol causticante, unicamente para arranjar dinheiro de que o santo precisa. Sempre que vejo tanta energia dispendida, tanta semcerimonia em abordar qualquer desconhecido na rua; quando constato a permanencia dessas moças e meninas um dia inteiro nas vias publicas, fico a matutar: se fossem — essa energia e atividade formidaveis — empregadas em angariar obulos para combater a Lepra, para auxiliar a criar os filhos dos leprosos, construir um hospital para os desgraçados tuberculosos que morrem á mingua lá junto ao forno crematorio, em vez de se construirem altares e igrejas, quão grandes beneficios não adviriam á coletividade! Mas nós não chegámos ainda a esse grau de civilização quando obedecemos aos ditames da nossa consciencia, quando pensamos no bem estar coletivo! Daí ser o Brasil em materia de civilisação, um dos mais atrasados do Universo. E' triste, é doloroso dizer, mas é a expressão fiel da verdade!!

---

PARECE que foi o *professor* Elesbão (por onde andará esse magico?) que afirmou ser a leitura o melhor divertimento do homem! Concordo. Amo a leitura. Leio tudo: livros bons e maus, jornais, revistas, pasquins, guias de turismo, almanaques, cartões de bôas ou más festas, o diabo! Não ha, para mim, maior prazer do que plantar o cachimbo entre os dentes e abrir um livro ou um pacote de jornais, Quis a bondade de um velho amigo e compadre que viessem parar ás minhas mãos alguns numeros de «Jornada», novel periodico que circula no Rio. Seu programa é todo brasileirismo! E' mais: é nacionalista! E' mais, ainda muito mais: é jacobino! Até aqui, muito bem, pois não tenho procuração da colonia lusa para defendê-la dos ataques diarios da redação de «Jornada». Mas, no numero onze de 8 de Dezembro, no artigo em que defende a autonomia da terra carioca, topei com o seguinte periodosinho que arreliou o meu amazonismo crónico: «*Ao carioca não interessa muito que a capital seja aqui, em Petropolis que é mais fresco ou em Goiaz que é mais quente. Interessa a sua autonomia. A sua liberdade. O direito de eleger o seu governador. O direito que tem o Amazonas. E Sergipe*». Por que citar o Amazonas e Sergipe? Por que o deboche? Por que não escrever: «o direito que têm todos os Estados da Federação?» Esquece-se ou desconhece o jornalista jacobino, das fortunas que sairam do Amazonas para os cofres federais? E se, em vez de haver esse artigo sido escrito por um jornalista jacobino, houvesse sido por um português? A «Jornada» pularia na arena afim de defender um pedaço de Brasil do insulto atirado por um estrangeiro! Ah! o brasileirismo de «Jornada»!... Ora bolas!

---

ARNAVAL! Lepra! O carnaval é a vida, toda cheia de encantos, de divertimentos, de alegria, de prazer. A Lepra é a morte mais horrivel, porque é a morte lenta! O carnaval é a ordem na desordem, é a mobilização dos minguados tostões do brasileiro para os três dias de pandega e de forrobodó! A Lepra é a expressão do perigo que nos ameaça a todo momento, abrindo seu manto tetrico e horrivel por sobre nossa linda capital! O carnaval chama os adeptos de Momo ao prazer e á orgia! Sabado passado, nada menos de treze festas carnavalescas se realizaram em Manáos! A Lepra, o problema transcendente da Lepra, deve chamar a postos todos os bons brasileiros para combatê-lo! Quanto dinheiro se gasta durante a temporada carnavalesca? Centenas de contos de reis, numa cidade minuscula como é Manáos. E, para a defesa contra a Lepra? Quantos, por aí, que nada pensam antes de comprar uma duzia de bisnaga, muitas sacas de confeti, diversos pacotes de serpentina, se recusam a dar um mil réis por mês para garantir um conforto relativo aos infelizes brasileiros segregados da sociedade na Vila Leprosaria Belisario Pena? No entanto a Lepra se alastra em todo o territorio nacional de maneira assustadora. «Dentro de mais de vinte anos, a não se providenciar imediatamente quanto ao segregamento dos leprosos, o problema não terá mais solução: o Brasil será um tremendo leprocomio, repudiado por todo o mundo civilizado». São palavras do grande leprologo brasileiro Dr. Belisario Pena. E nós dormimos o sono dos inconscientes, não ligando importancia ao mais importante problema da nacionalidade... E' triste mas é verdade! E' por isso que lanço este apelo aos habitantes da cidade: dispersai uma ninharia da quantia que pretendeis gastar na temporada da farra; enviai-a á Sociedade Amazonense de Proteção aos Lazaros, ás redações dos jornais, á Profilaxia, ao Governo, para minorar os sofrimentos desses trezentos e tantos patricios que se acham no Leprosario, que não têm prazer algum na vida, que não brincam carnaval, que são párias cuja méra presença causa asco, piedade, repugnancia e pavor. Defendamos seu conforto pois assim o fazendo estaremos defendendo a nós mesmos. E contribuindo com pouco, sacrificando o preço de uma bisnaga, de um saco de confeti, de um pacote de serpentina, de uma ou duas horas de corso, avenida acima e avenida abaixo, estaremos evitando o carnaval do futuro quando cada mascara encobrirá uma

orelha grossa e arroxeada, um nariz carcomido e as luvas, a mão atrofiada, ulcerada, apodrecida! Vamos foliões de todas as idades e de todas as camadas: lembrai-vos, em vossa farra, em vossos regabofes, em vossa orgia, em vossa loucura, dos hansenianos de Paricatuba.

---

NÃO admito a existencia de um homem que não possua um ideal que a justifique. De fato, sem ideal, um homem se nivela aos irracionais: não pensa, tendo a faculdade de pensar; não segue os ditames de sua consciencia possuindo-a; esquece-se do sentimento de honra, quando tem obrigação de ser honrado; não se apercebe e ignora o civismo, quando deve amar sua Patria acima de tudo; procede desairosamente quando deve ter pundonor. Ha muitos ideais na vida. Para uns, a idéa sórdida da fortuna, o amealhar de niqueis, constitue o mais belo ideal; para outros, a promoção a um cargo qualquer representa o zenite de sua vida; para mais outros, o apogeu está, justamente, em cumprir, honesta e masculinamente, o seu dever. Eu, de mim para mim, incluo-me no ról destes ultimos. Que é um ideal? Eis pergunta dificil de responder. Se, algumas vezes, o ideal representa a ambição desmedida de um homem, outras vezes, tambem, representa êle o desprendimento, a abnegação, o acendrado amor de um ser vivente. E, quão doloroso é para um individuo ver o ideal que alimentava, pelo qual combatia, desfeito em mil pedaços, qual frágil bibelot de porcelana avaramente guardado por um colecionador inveterado. Ideal!... Combate á lepra, defesa de loucos, conforto de presos, altivez de carater, cumprimento do dever, coragem de opinião, educação, bondade tudo isso constitue um ideal. E, na vida, a maior decepção, é justamente, vêr um ideal ruir por terra. Tudo que de bom existe em nós parece que desmorona, ha como que um fenomeno císmico dentro de nós mesmos, que abala todo o nosso ser. Eu, pessoalmente, possuo diversos ideais. Quais são êles? Não importa. Afirmo, porem, que um deles, apesar de meus esforços, sofreu tremenda derrocada, se espatifou, se despedaçou, se fez em mil pedacinhos diminutos. Mas, graças a Deus, existe, acima de todos os meus ideais, um maior um mais lindo, um que mais de perto me tóca e pelo qual sempre me baterei: é o Amazonas livre, politica, economica e financeiramente livre; é a sua emancipação perante o resto do Brasil; é a sua emancipação perante o mundo civilizado; é o seu bem-estar, o seu engrandecimento, o seu futuro. E' por esse ideal que engloba todos os outros ideais secundarios; é por esse ideal — (ideal não implica pagamento, dinheiro e quejandas formas interesseiras) que dora avante combaterei enquanto não me faltar a voz sincera e desinteressada ou a pena humilde mas desassombrada.

GRANDE alvoroço está causando o celebre imposto sobre o celibato. Os *bachelors* inveterados e as *spinsters* carolas não se conformam com a medida que será adotada pelo governo provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil. E compreende-se bem porque. Os primeiros declaram não aplaudir a idéa pois jamais sentiram a necessidade de possuir em casa um alto falante vivo a lhes asucrinar os ouvidos desde manhã até a noite; preferem a independencia completa, longe e livres dos alugueis de casa, despesas de mercado, corridas vertiginosas passo a passo com a moda feminina, etc. etc. As segundas — se bonitas — livram-se do imposto pois algum mancebo, não querendo, tambem, paga-lo, pede-lhes a mão e faz-lhes a felicidade ou a infelicidade; mas, se feias, coitadinhas, pagarão eternamente o tal imposto pois ninguem se arriscará a pedir nem a pontinha da unha e elas não podem fazer a côrte e solicitar em casamento qualquer rapaz que lhes agrade. Simplesmente porque ainda não é, costume... Não é, absolutamente, por dificuldade de escolha. Quando se chega a uma certa idade e se é mulher, qualquer rapaz é bonito, elegante, bom partido... Tudo que caí na rede é peixe... Mas, que quer o governo com tal imposto? Ora, ora: o aumento da população! Ainda são poucos os gritadores no Brasil! Precisamos de mais alguns milhões para povoar a extensão incomensuravel de terras que possuimos e reclamar contra tudo e contra todos! Porem, a par da obrigatoriedade do imposto para incentivar a constituição da familia, seria de bom alvitre tambem instituir certas penalidades no caso de fracasso: não vejo porque a policia trancafie no xadrez o desgraçado que falsifica dinheiro, multe o que vende leite adulterado, inutilize a mercadoria deteriorada exposta á venda e não puna os pais de filhos aleijados, verdadeiros monstrengos que tanto dó despertam durante anos e anos de vida, e não os multe e não destrua tais rebentos. Aqui fica a idéa aos deputados á futura constituinte... Sim, porque novos brasileiros constituem o principal genero, o de maior necessidade para o Brasil e não convem que sejam falsificados, adulterados, deteriorados.

---

AGORA que tanto se fala em não auxiliar o governo central o Amazonas, é oportuno arrolar aqui tudo que nos ha sido surrupiado pela nossa madrastra — a Republica Brasileira. Comecemos: tiraram-nos o Acre que os amazonenses haviam arrancado da Bolivia e integrado no territorio nacional; tiraram-nos a séde da Região Militar, da Flotilha do Amazonas, da «Amazon River»; tiraram-nos a Escola de Aprendizes Marinheiros; tiraram-nos os bons vapores da linha Rio-Manáos, enviando-nos calhambeques sem frigorificos, com o proposito de matar a industria da pesca que se inicia; tiraram-nos o direito de eleger nossos representantes quando fizeram um tal sr. Lincoln Prates, deputado; rasgaram o diploma que o civismo dos amazonenses entregára ás mãos limpas de Alfredo Augusto Ribeiro Junior. Agora querem tirar a nossa autonomia dividindo o Estado em sectores. Um sr. Catramby qualquer que muito *trabalhou* dirigindo o *calçamento* das ruas e avenidas do suburbio da Cachoeirinha e nas *escavações* em suburbios outros, veio com uma literatice digna de piedade, cuspir no prato onde comeu, sugerindo o aviltamento do Estado onde enricou. E' demais! Se o governo brasileiro não acredita nas possibilidades e no futuro do Amazonas, que siga a sugestão de Arruda Falcão, contida no artigo «Amazonas que agonisa», transcrito na ultima edição deste vespertino: *Dêm o Amazonas a qualquer potencia de 3.ª ordem que, ipso facto, essa potencia passará para a 1.ª ordem.* Só assim teremos a felicidade a que têm direito todos os que vivem na face da terra. Sim, porque as cousas, como têm sido e como são, não podem continuar. Ha um limite em tudo na vida. Até, mesmo, no soffrimento.

---

DOMINGO passado realizou-se a inauguração da torre da igreja de Nossa Senhora dos Remedios. Quanta lembrança me trouxe a visita que fiz á igreja nesse dia! O padre Antéro celebrando o santo sacrificio da missa... o atrio da igreja descoberto, as paredes não rebocadas, a escadaria mal feita... Era a fealdade da cidade, plantada no alto da praça, atirada á cara dos que aqui chegavam. A torre, essa, então, constituia uma vergonha para os nossos fóros de capital católica: a mataria exuberante invadia toda éla, as escadas apodrecidas e mal feitas alí estavam como que suplicando mais amor á religião, mais bom gosto, mais patriotismo. Chegou D. Irineu Joffily. Nomeado Bispo do Amazonas, não podia S.S. consentir que ficassem as cousas no pé em que estavam. Lançou vibrante apêlo aos católicos e o trabalho ingente começou. Diversos vigarios hão passado pela paroquia dos Remedios e cada um deles contribuiu com o seu contingente — grande ou pequeno — para o fim colimado, até que afinal chegou a vez de assumir o paroquiato a figura simpatica e popular de monsenhor Raymundo Oliveira. Os católicos acorreram ao seu apêlo e o resultado dos esforços dispendidos em trese annos ali está: a torre se eleva elegante, embelesando a cidade e provando o amor que temos á religião. Do ultimo andar, até onde a vista pode alcançar, se descortina um dos mais lindos panoramas de Manáos que já hei visto. Vale a pena aprecia-lo. As palavras vibrantes desse orador sacro que é o padre Stelio Dalison disseram, na ceremonia da inauguração, do trabalho herculeo para o exito final. Resta, pois, ao obscuro cronista que esta subscreve, enviar seu abraço a monsenhor Oliveira, pedindo a Deus que olhe pela felicidade do nosso Amazonas nesta fase de incertesas que ora atravessamos.

---

NA data de hoje comemoramos uma grande vitoria: o começo da emancipação do empregado no comercio. Em todos os paizes civilisados, todas as classes sociais gosam de certos e determinados privilegios, e, somente no Brasil, paiz livre, possuidor da mais liberrima de todas as constituições, o pobre empregado no comercio não tem nem o direito de ser senhor de seu tempo. Quem escreve estas linhas fala de cadeira pois, durante dez longos mezes, aturou as enfadonhas e estupidas *noites de mala* e o *whim* revoltante de um patrão sem entranhas. Base principal do progresso de um país, o empregado no comercio representa a verdadeira espinha dorsal de uma nação. Não se pode conceber um país sem comercio, não se pode acreditar possa existir uma terra sem manter intercambio com as demais. Portanto, o batalhador anonimo do progresso de um país é, sem duvida alguma, o homem que nas casas comerciais, nos bancos, nas firmas que vendem a grosso e a retalho, gastam horas e horas a fio, muitas vezes para fazer jús a um ordenado que representa mais um insulto a quem o recebe do que a recompensa da energia dispendida ou do trabalho honesto e nobilitante. E, tratando da classe de empregados no comercio do Amazonas, restringindo o caso, limitando-o a um terreno todo regional, só podemos nos orgulhar em possuir essa classe nobre e digna. Sofredores de ha muito, vitimas indefezas dos patrões deshumanos, *malgrè tous,* eles se nuclearam, trabalharam, fundaram esse monumento estupendo que atesta sua energia e sua força de vontade, essa sociedade grandiosa que se chama ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO DO AMAZONAS. Conhecida de toda a população, admirada, incentivada pelo povo amazonense, ela aí está a atestar o grande e acendrado amor de seus socios, por este rincão brasileiro que todos nós amamos; resultado do esforço herculeo de um pugilo de abnegados, a Associação dos Empregados no Comercio do Amazonas amplamente preenche os fins que seus fundadores tiveram em mente: proporcionar defesa a seus associados, trabalhar a prol da classe que representa, difundir o ensino primario a todo individuo, sem distinção de sexo, nacionalidade, idade, credo politico, e o secundario a seus associados. Esta é a sociedade que hoje abre seus salões para receber a sociedade manauense; este é o nucleo admiravel que, nas caladas da noite, lutando contra todos os obstaculos, trabalha pelo bem estar de todo o empregado no

comercio. Esta coluna que está sempre pronta a elogiar tudo aquilo que redunda em beneficio do Amazonas, embandeira-se hoje para saudar a digna e altiva classe de empregados no comercio do Amazonas, aos heroicos obreiros da grandeza comercial deste Estado, aos moços masculos que, anonimamente, elevam, a cada minuto, cada vez mais alto, o nome grandioso e querido deste pedaço da Patria Brasileira, representados pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO DO AMAZONAS.

---

ESTAMOS no primeiro dia do Ano Novo. E' a ocasião propria para tomarmos as melhores resoluções. Lembro-me ainda dos oito anos vividos nessa ilhóta adjantada e progressista que se chama Gran-Bretanha. Foram oito anos de treino onde muito aprendi pela experiencia: os dias alegres, devorando milhas pelas excelentes estradas, divertindo-me nas praias de banho ou na monumental capital européa, essa Londres maravilhosa, com seu céu sempre nublado, com suas ruas sempre apinhadas de gente e de veículos. Depois, rebentou a guerra. Começaram os dias tristes, dias de incertesas, dias de necessidade, porem nunca, dias de desanimo. Era a educação britanica que triunfava: para a frente sempre, vencendo todos os obstaculos, afrontando todos os perigos, calmamente, tenasmente. E qesses quatro dias de Ano Bom comemorados em plena guerra, quando a ilhóta estava bloqueada pelos submarinos inimigos, nunca vi um inglês deixar de tomar suas boas resoluções ao se iniciar o Ano Novo: trabalhar com mais afinco, para vencer na grande guerra; iniciar e praticar maiores economias; treinar mais soldados; fabricar mais munições; cortar os gastos superfluos; andar menos de bond; frequentar menos os cinemas; fumar menos cigarros... que sei eu? E todas essas resoluções eram cumpridas á risca, em silencio, com uma perseverança admiravel. Era o trabalho diario, a economia quotidiana, o *penny* juntado ao *penny*, o corte nas despesas, a calma espantosa — essa fleugma do bretão — que demonstravam um povo educado, uma coletividade forte que a tudo sobreponha o amor á patria. E isto, estou certo, acontecia na França, na Alemanha, na Austria, na Belgica, na Italia, na Russia. Eram paizes adeantados que, conhecendo a fartura, se preparavam, se mobilisavam, para enfrentar os tempos máus. E' a atitude dos que vencem na vida. E' a atitude dos previdentes. Essa atitude compete-nos assumir: povo jovem, inesperiente, nós, amazonenses, devemos seguir o exemplo dos povos adiantados; devemos alargar o horisonte de nossos ideais; devemos trabalhar com ardor, lançar mão de todas as riquesas que a naturesa nos proporcionou afim de que gosemos o bem estar a que temos direito. Se o preço da borracha não compensa o seu fabrico, conservemo-la em plano secundario, exploremos outros produtos; quando ela vier a compensar nossos esforços, voltemos a esplora-la tenasmente, com maior numero de braços, mas, pelo amor de Deus, não releguemos ao esqueci-

mento a nova industria iniciada. Abandonemos, uma vez por todas, esta eterna espera por auxilios de outrem. A nossa salvação está em nós mesmos. Convençamo-nos desta verdade e o mais breve que o fizermos, melhor será para nós. Unamo-nos todos — governo, comercio, povo — acabemos com as diferenças politicas que tanto mal nos causam, esqueçamos esta atitude de vencidos, encaremos a situação de frente, trabalhemos, com afinco, tendo unicamente em vista o alevantamento do AMAZONAS, o progresso do AMAZONAS, o bem estar do AMAZONAS, que será o alevantamento, o progresso, o bem estar de todos nós. Tomemos esta resolução ao se iniciar o ano de 1932 e todos os outros anos que o sucederem.

---

JÁ é tempo de comentarmos, censurando, os excessos da moda feminina, a mania tola e descabida de grande numero de moças brasileiras de imitar o trajar, o andar, o pintar e até mesmo o mutismo das atrises de cinema. Eu, na minha pirronice crónica de velho, nas poucas vezes que frequento festas, fujo aterrorisado, de um palminho de cara bonita, toda empoada, labios carminados, sobrancelhas feitas a carvão, vestido acima dos joelhos, braços nús, exposição das axilas e enorme e deselegante decote em forma de V quasi até ao umbigo. E sabem por que? Porque 90 % desses manequins com vida, são incapazes de ligar duas idéas: a cabecinha que Deus lhes colocou sobre os hombros é ôca. Nada sabem, nada aprendem, a não ser o remelexo do *shimmy* ou o desengonçamento do *charleston*. Têm, ainda hoje, a mania do Rodolfo Valentino, astro que só podia brilhar na cena... muda. O valor de um homem é o seu saber, a sua inteligencia, o seu carater, a sua cultura, e não a belesa de seu rosto, a cinturinha apertada, a beira do casaco um palmo acima das nadegas, atestados todos da degeneração da mocidade contemporanea. Esses bonecotes masculinisados, esses ridiculos cogumelos, em tudo se assemelham ás melindrosas valentinas. Chapeados, broncos, atrevidos, amorais eles escoceiam com a boca, envergonham o sexo a que pertencem; incapazes de qualquer cortezia ou delicadesa, julgam que é demonstrar conhecimento, provar ser homem, o aparentar intimidade com mocinhas, mantendo, com elas para que outros ouçam, conversitas banais, estupidas, e, muitas vezes, obcenas. Segundo o Dr. Hall, o mundo precisa de moças que sejam o braço direito de suas mãis; moças que saibam cuidar de crianças tão bem como se lhes pertencessem e diminuir o atrito das engrenagens domesticas; moças que façam a felicidade dos pais de outro modo que não seja só pela sua belesa, e cujos irmãos se orgulham por uma outra cousa diferente da arte de dansar bem ou brilhar na sociedade. Precisamos de moças que tenham bom senso, que possuam um ideal bem seu, que levem uma vida independente para o poder seguir; moças que usem vestidos simples e de bom gosto e saibam escarnecer da moda quando esta é horrivel e exagerada; precisamos de moças que sejam boas, candidas, simples, inocentes e puras e que estejam menos ao corrente de todas as especies de vicios, como sucede muitas vezes com meninas de dez anos; precisamos de moças atentas

e prudentes, que compreendam suficientemente os esforços generosos que os pais fazem para lhes proporcionar algum conforto, e a dedicação das mãis que se privam de muitas cousas para que tenham tudo que lhes é preciso, para que saibam calcular a despesa, e traçar a linha de demarcação entre o que é necessario e o que não o é; moças que economisem em vez de gastar; moças sem egoismo, desejosas por serem mais uma alegria e uma ajuda para os pais do que um fardo pesado; moças que tenham coração, que sejam cheias de ternura e simpatia, que saibam minorar os sofrimentos alheios e propaguem, em torno de si, a irradiação de amavel personalidade. Felismente existem milhares de brasileiras nestas condições. As outras, as chamadas viuvas de Rodolfo Valentino, estão em minoria e somente aguardam as oportunas e merecidas chineladas dos papás para abandonarem a vida futil, frivola, vasia e inutil que levam.

---

TELEGRAMAS procedentes da Belgica, estampados na imprensa diaria desta capital, dão-nos noticia de que o governo desse país devido a crise que assobérba o mundo inteiro, proíbio os festejos carnavalescos este ano. Outros despachos tambem aqui publicados, trazem-nos a nóva de que o Snr. Prefeito do Distrito Federal, á titulo de auxilio, mandára entregar a quantia de 25 contos de reis a cada um dos principais clubes carnavalescos da capital da Republica. Estabeleçamos um paralelo entre as duas medidas adotadas; consideremos essa minuscula nação que tanta atenção chamou para si quando da patriotada de 1914. Lá o governo, em face da crise, quando não ha numerario para suprir as necessidades do país, proíbe, as farras idiotas do carnaval; aqui, no Brasil, quando devemos quasi 10 milhões de contos de reis, quando ha Estados, como o Amazonas, que devem tudo por desidia dos administradores da Velha Republica, pela amputação que fizeram do Territorio do Acre, ordena-se, por um méra portaria, o auxilio de uma centena de contos ao regime da farra e do deboche. Pessimismo? Qual pessimismo, qual cousa alguma: expressão fiel da verdade, atitude franca e desassombrada. A verdade, mesmo quando é contra nós, deve ser dita porque esta é a unica honestidade mental. Aqui mesmo em Manáos, onde todo mundo se queixa de crise, da falta de dinheiro, das dificuldades, é só recorrer ás colunas dos jornais para termos a prova de que ingressámos já no regabofe carnavalesco. Não ha dinheiro para as cousas sérias, mas o ha para os Lirios do Cambixe, para os Batutuas de Manaquiry, para os Amorosos do Girão, para os Filhos do Rancho Fundo, para o diabo a quatro. Vendo, anotando e aqui comentando, só temos uma expressão para terminar a palestra de hoje: pobre Amazonas, pobre Brasil.

---

A MANIFESTAÇÃO que o povo do Amazonas, representado pela população de Manáos, hontem prestou ao Comandante Rogerio Coimbra, interventor federal, foi a mais frisante prova de que S. S. já ingressou, de vez, no coração dos amazonenses. Não ha palavras que descrevam o entusiasmo e a alegria reinantes despertados pela volta do jovem interventor. Quem olha os acontecimentos diarios, anotando-os, deve possuir em seu canhenho os fatos que se vem dando desde Setembro do ano passado para cá. Já em discurso, da sacada do Palacio Rio Negro, quando a população lhe foi levar o seu apoio incondicional no caso da Ilha das Cotias, o Snr. Interventor Federal, sobrio como é em palavras, declarou haver notado a friesa da recepção que lhe fizeramos quando aqui aquatisou afim de assumir a Interventoria do Estado. E' que não o conheciamos e egressavamos de uma campanha patriotica sob todos os pontos de vista. Mas seus átos, seu criterio, sua justiça, sua compustura, sua inteligencia, foram logo notados por todos nós. E o povo fez-lhe justiça. Fez-lhe justiça porque já data de longos anos o seu martirologio. Sempre foi o Amazonas tratado como enteado da Republica Velha; os nossos apelos nunca foram ouvidos; tudo de bom que tinhamos nos foi tirado, inclusive o Territorio do Acre, sem que até hoje nos prestassem contas. Veio a Nova Republica e ha uma tentativa para abocanhar alguns quilometros de terra amazonense. Foi aí que a figura grandiosa de Rogerio Coimbra se revelou. Calmo, ponderado, enfrentou a questão e venceu-a. Foi a vitoria da serenidade, da reflexão e, sobretudo, da inteligencia. As palavras do Dr. Armando Madeira, em nome do povo do Amazonas, e do Consul de Portugal, em nome do corpo diplomatico, ainda ecoam nos ouvidos dos que assistiram essa linda e merecida apoteóse. O futuro do Estado, nas mãos de tal administrador, está plenamente garantido. Tenhamos confiança nesse futuro, cerremos fileiras em torno da figura do Interventor Federal, unamo-nos todos e gritemos unisonos, alegres, felizes: viva o Amazonas, viva o Brasil.

---

ERALMENTE, aos domingos, não saio de casa. Neste ultimo, li as *Letters from a self-made merchant to his son*, coletanea das cartas escritas pelo americano John Graham a seu filho Pierrepont. E' um verdadeiro catecismo que ensina a vida reta e moral que dignifica, e o trabalho honesto que enobrece. As vinte cartas enfeixadas nas 312 paginas desse livro, podem muito bem ser comparadas aos belos e instrutivos trabalhos de Samuel Smiles e de Orison Swett Marden. Pena é que não haja ainda chegado a Manáos a tradução portuguêsa desse admiravel e já velho livro. A nossa mocidade muito tem a lucrar lendo obras iguais a esta. No entanto, apesar das obras dos autores acima citados já existirem á venda nas nossas livrarias, muitas outras, tão dignas e tão necessarias como essas nunca nos chegam. As bancas das livrarias, as vitrines, os vendedores ambulantes de livros, parecem porfiar para ver quem faz a melhor exíbição da literatura pornografica, importada do estrangeiro, impressa em papel ordinario, e escrita em pessimo português; ilustradas com gravuras obcenas, essas porcarias estão ao alcance dos jovens amazonenses, quando vão comprar seus livros de estudo. Se não as podem adquirir, sempre têm tempo para folheal-as e envenenar, desta maneira, seu pensamento. Depois, nas escolas que frequentam repetem a seus coleguinhas o que viram e leram, pervertendo-os, lançando a semente da libidinagem. E' um fato degradante que tenho notado: meninos, creanças inocentes, bem comportadas, poucos mezes depois de frequentarem escolas, já não têm, mesmo para com seus pais, aquele respeito que possuiam antes; muitos deles, coram, batem na mesa ou na carteira, ao ouvir pronunciada a palavra mãi. No entanto, em todas as linguas, este é o vocabulo mais belo que existe. Por que isto? Qual a razão? As más companhias no trajeto da escola para casa; os maus exemplos vistos, diariamente, o procedimento das creanças que já fumam, discutem aperitivos, jogam nos clubs, e que se iniciaram no despenhadeiro dos vicios, auxiliados por essa literatura de chiqueiro que acima mencionei. E' necessario pôr um cobro a tudo isto. A ação do professor deve ir alem da sala da aula. Precisamos combater o analfabetismo, de acordo, mas devemos tambem educar a mocidade, ensina-la a proceder com dignidade. Eu, francamente, prefiro lidar com um ignorante, prefiro ter por amigo um analfabeto que seja honesto, brioso digno, do que com um talento, um homem culto, cheio de diplomas e aneis simbolicos, que seja desbriado, sem escrupulos, mentiroso e ladrão.

# PELA PALAVRA FALADA

UE representem as minhas primeiras palavras o abraço que nós, catedraticos do Ginasio Amazonense Pedro II, damos a todos vós ao ser iniciado o ano letivo de 1932. E' mais uma pagina virada na vida gloriosa do nosso estabelecimento de instrução secundaria cujo nome e tradição estão agora confiados a vossa guarda. Quantas gerações de amazonidas ha passado por esta casa? Quantos professores de renome ensinaram de suas catedras a homens que por sua vez já desapareceram do ról dos vivos? Olhai para esta galeria de mestres de hontem que tanto dignificaram e elevaram o nome do Ginasio e do Estado. Aqui estão eles, espiritualmente, a nos guiar, a nos ensinar a amar este casarão querido onde se forja o carater e onde se ministra a instrução aos homens do Amazonas de amanhã. E é para honrar suas memorias que nos esforçamos dia a dia no cumprimento exato de nossos deveres, olhando com carinho pela vossa instrução. E' dever de patriotismo que a todos nós cabe o adquirir conhecimentos que nos tornem aptos a enfrentar e vencer as dificuldades da vida. Patriotismo não é fazer arruaça. Não é incendiar casas de familias aproveitando-nos de um momento anormal. Não é assaltar estabelecimentos de pacatos comerciantes. Não é colocar um trapo encarnado ao redor do pescoço para fazer alarde de idéas jamais antes professadas. Não é achincalhar a patria de outrem. Não é destruir objétos, riscar paredes, danificar edificios, furtar cadernetas. Patriotismo é amar a nossa patria respeitando todas as outras patrias. Patriotismo é trabalho. Patriotismo é construção. Patriotismo é instrução. Patriotismo é educação. Patriotismo é honra, é vergonha, é brio, é dignidade. As grandes nações ensinam seus filhos a ser patriotas desde os bancos escolares. Que vemos nós em nosso Estado, quiçá em nosso paiz? Desde o jardim da infancia, atravez de todo o curso primario, a orgia de «distinção e louvor» dada a alunos que, na melhor das hipoteses, só mereceriam uma nota plena. E' a peior cousa que se poderia fazer a essas crianças, porque, mesmo em sua inocencia, em sua tenra idade, elas raciocinam e chegam á conclusão de que não vale a pena estudar, se esforçar, porquanto a nota distinta já está garantida. E os pais desses meninos acostumados com essas notas imerecidas nos cinco anos do curso primario, julgam-se com o direito de nos insultar, de nos rogar pragas, quando reprovamos seus filhos, com justiça, no curso secundario. Terão

razão? Têm. Foram treinados a se considerar, com orgulho, pais de filhos genios, devido ás distinções que, aos paneiros, lhes eram distribuidas. No entanto, quem não tem razão são os professores primarios. Reconhecendo a capacidade, a competencia, a dedicação da maioria dos professores primarios, devemos, no entretanto, nos insurgir contra os professores a eletricidade, feitos e diplomados por meio de decretos que só galardoam estudantes vadios e ignorantes. Ah, se houvesse um concurso sério para o prenchimento das cadeiras dos grupos escolares, onde se apurasse, alem da posse de uma carta de normalista, o conhecimento real dos candidatos, não teriamos a fuga vergonhosa de alguns pseudo professores quando chamados a reger as aulas do curso médio. Torna-se necessaria uma reação forte e bem dirigida contra este estado de cousas. E a unica reação deve ser feita por meio do estudo. Devemos pregar o amor aos livros, olhos fitos no altar da patria. Devemos nos acostumar a só passar em exames com o nosso proprio esforço, repelindo os pistolões que envergonham e que rebaixam. Devemos combater sosinhos, com as armas de que dispomos, todos os nossos combates. E não é preciso possuir fortuna para vencer na luta pelo saber. Quereis dois exemplos frizantes dos resultados obtidos pelo estudo consciente, pela vontade de aprender, de saber, de subir na vida, de ser alguem algum dia? Melhor ilustração não posso apresentar-vos do que os professores Antonio Telles e Vicente Telles, aquele diretor do Ginasio e este diretor da Escola Normal. Pertencentes a uma familia pobre, iam á escola voltando para casa, ali na rua Marcilio Dias, afim de envergar o fatinho remendado e trabalhar empalhando cadeiras. Quanta dificuldade não encontraram esses dois irmãos que hoje tanto honram o magisterio secundario do Amazonas? Quantos dias mal alimentados, quantas noites de vigilia, quanto prazer posto de parte, para alcançar o fim colimado? Perguntai a qualquer um deles e haveis de sentir admiração pela maneira sincera com que descrevem sua infancia, considerando o trabalho humilde que faziam como uma das mais honrosas incumbencias que já tiveram na vida. Apresentando-vos o exemplo desses dois colegas meus, desses dois professores vossos, tipos perfeitos do *self-made man* isto é, do homem que se faz pelo seu proprio esforço, eu rendo minha homenagem a dois expoentes da instrução do Amazonas. Emulai seu exemplo. Não tendes as dificuldades que eles tiveram de enfrentar. Porém imitai aquela vontade ferrea de aprender, aquela ancia incontida de saber, aquela febre de subir, de vencer, de ser um homem util á Patria e á Familia. E eles o são!

* * *

Nada ha mais engraçado do que uma estudantada alegre. O estudante, em todos os tempos e em toda a parte, será sempre o estudante. Todos nós já passámos por essa fase feliz de nossa vida. Mas tudo tem um limite que não deve ser ultrapassado sob pena de incorrermos na desaprovação geral. E vós mesmos, já bem compreendestes a necessidade de enveredar por novos rumos em vossa vida ginasial. O Ginasio Amazonense Pedro II está, desde o dia em que se reabriram as aulas, 1.º deste mês, integrado na mais completa ordem e na mais perfeita disciplina. E' que compreendestes que o momento de por um termo e certas tropelias era chegado e, expontaneamente, viestes colaborar conosco no alevantamento dos creditos morais do nosso estabelecimento. Valha-vos este gesto patriotico. A Congregação de Professores deste Ginasio, aprova vossa resolução e lhe dá o seu apoio integral; a diretoria tudo fará para obterdes o maior sucesso em vossas iniciativas. Deixando de parte a ordem e a disciplina, já implantadas por vós mesmos, vamos encarar a parte social e esportiva. No terreno que circunda o edificio construiremos campos para jogos onde praticareis todos os exercicios necessarios ao vosso desenvolvimento fisico. Vamos cultivar o «volley», o «basket» e o «foot-ball»; vamos fundar os nossos gremios literarios onde aprendereis o manejo da pena e da palavra; vamos, enfim, demonstrar ao Amazonas que nesta fase de angustias por que passamos, ele pode contar com o contigente forte, sincero, masculo de seus filhos ginasianos.

* * *

A mocidade não pode se alheiar dos gestos de caridade e de filantropia. Quando essa caridade representa, tambem, uma defeza da coletividade, então a mocidade vem para a rua se alistar nas fileiras dos que já estão em luta. Dentre os problemas cujas soluções afligem a nossa Patria, o da lepra é o mais transcendente, o que maior perigo representa e o que exige pronto e energico ataque. O Amazonas sempre foi tratado como um filho bastardo de todas as republicas que têm sido implantadas em terras brasilicas. Jamais o socorrem em contingencia alguma. Todos os demais Estados recebem auxilios para isto e para aquilo, e nós somos sempre relegados ao esquecimento. Mas esta atitude madrasta da Patria jamais nos enfraqueceu, jamais fez com que descrecemos do futuro do Brasil. Assim é que, em 1923 iniciámos forte e tenaz campanha para construir um leprosario onde fossem internados os infelizes atacados do mal de Hansen. Fixámos a cota em mil réis mensais contribuição que

seria feita por todos os habitantes do Amazonas. E, tempos depois, o pardieiro a que estava reduzido o antigo presidio de Paricatuba, transformava-se em higienico e confortavel abrigo para os desgraçados morfeticos graças aos duzentos contos de réis levantados por idéa de Samuel Uchôa e dados pelo povo de nossa terra. Um povo que assim procede, que assim luta pela sua defesa apesar da crise financeira. que ha longos anos nos persegue, é um povo patriota, é um povo digno, é um povo forte. Acontece, porém, que os trezentos doentes de Paricatuba necessitam de medicamentos, de roupas, de alimentação. A quantia que o Estado, fazendo enormes sacrificios, entrega mensalmente para esse fim, é insuficiente. Vamos, portanto, nós os ginasianos, meter mãos á obra caridosa e patriotica, fundando, á exemplo do que fizeram as nossas conterraneas da Escola Normal, a Sociedade Ginasial de Proteção aos Lazaros. Cada aluno contribuirá com a insignificancia de duzentos réis. Nós os professores, contribuiremos com quantias maiores bem como todos os funcionarios administrativos. Depois iremos em caravana aos grupos escolares e ás escolas noturnas, levantar o tostão mensal dos alunos primarios. E a farda honrosa do Ginasio Amazonense Pedro II, que já diziam levar a desordem onde quer que entrasse, será, dora avante, o simbolo da ordem, da disciplina, da bondade, da caridade, do verdadeiro e são patriotismo. Mas não é somente de medicamentos, roupas e alimento que os hansenianos necessitam. Existe no Leprosario um salão de musica. O cientista britanico Dr. Thomaz, que tantos anos viveu entre nós, deixou-lhes, em seu testamento, uma excelente vitróla e duas estantes contendo cerca de trezentos discos. Acontece, porém, que esses discos são quasi todos em inglês e lá somente ha um barbadiano. A bibliotéca é deficiente. Pois bem: mandai, para nós, aqui no Ginasio, ou diretamente para a Sociedade Amazonense de Proteção aos Lazaros, todas as revistas velhas e livros de que não precisardes e os discos já batidos que tanto azucrinam os ouvidos de vossos visinhos.

Rematando minha palestra ás alunas da Escola Normal, em 17 do mez passado, disse as seguintes palavras tambem adequadas a vós: « Eis-me chegado ao fim de minha arenga em prol dos leprosos, desses infelizes que não têm contacto com a sociedade... e vivem... e ouvem uma voz lugubre que lhes diz: não morrerás! não morrerás! Não se matam, não cortam o fio da existencia, porque um sentimento todo humano os impéde de tal fazer: quanto mais sofremos mais vontade temos de viver, embalados pela esperança de melhores dias. Ah! se não existisse a esperança, a nos acenar com uma felicidade que nunca alcançamos, com uma felicidade que sempre e sempre se afasta

de nós, não valeria a pena o arrastar monotono desta vida terrena que nos deram sem que a pedissemos. E' essa vontade, verdadeira subida em ribanceira ingreme, que os impéle para a frente, que faz com que seus olhos cheios de lagrimas, contemplem, lá de Paricatuba, por sobre as tintas aguas do Rio Negro, as luzes de Manáos, cidade-alegria, cidade-felicidade, cidade-prazer, onde a pele de lixa que possuem os estigmatisa como párias negando-lhes a entrada. Oh! imaginai a vida atroz desses infelizes! Não podeis! Nunca sentistes o contacto com os que sofrem; nunca convivestes com os loucos, esses outros desgraçados, tambem mortos para a sociedade que os repudia; jamais trocastes idéas com os presos de justiça, autores de crimes horripilantes uns, verdadeiros inocentes outros. Viveis, jovens como sois, numa atmosfera bem diferente da desses desafortunados. Não podeis, portanto, aquilatar, o quanto de dor, o quanto de sofrimento, o quanto de amargura e de tortura existe neste mundo que habitamos. E não é para vos aterrorizar que eu aqui me encontro; não é somente para pintar com carregadas côres essas telas funebres que fiz passar ante vossos olhos. Mencionei-as, citei-as de passagem, pedindo, unicamente, que acrediteis em minhas palavras. Os dias vos passam cheios de alegria. E' a alegria propria da mocidade. Mas os homens como eu já calejados no sofrimento, havendo palmilhado a estrada da vida a procura da alegria, da sinceridade, da bondade, da gratidão e somente encontrando a dôr, a inimizade, a deslealdade, a insinceridade, a maldade, a ingratidão, o enredo, a infamia, esses homens, dizia eu, têm uma missão a cumprir: combater de frente, de viseira erguida, desassombradamente, pelas causas que dignificam, e enobrecem, e elevam. Fechemos os olhos, tapemos os ouvidos para a maledicencia humana. Esqueçamo-nos da infamia de todos os infames, da ingratidão de todos os ingratos, voltando-nos, com a firme convicção de nossos ideais, com os aplausos de nossas consciencias, para aqueles que sofrem». E terminando esta palestra despretenciosa, não o poderia fechar de melhor maneira do que fazendo minhas as palavras do professor Agnello Bittencourt proferidas por ocasião de paraninfar a turma de ginasianos que concluiram o curso em 1924: «A Patria anhela pelos que honram as tradições, na pratica do bem, na cultura da ciencia, no desenvolvimento das industrias, no trabalho nobilitante do progresso, sob cujo palio de Luz a Familia Brasileira, expoentando o genio da nossa raça, caminhará para a Canaan do seu destino. Eia moços! Para diante, depressa, honestamente, até o fim...».

(No Ginasio Amazonense Pedro II).

CORRESPONDENDO ás ordens emanadas da Legião de Outubro, compareço perante vós, na campanha de educação civica que faz parte de seu alto programa, e, assim, apresentando-me sob um triplice aspecto: de amazonense, revolucionario e legionario. Tive a grande felicidade de nascer neste rincão imenso, banhado pelo maior rio do mundo, iluminado pelo maravilhoso sol equatorial, sentindo como a maioria de vós todos, essa bendita felicidade. Como revolucionario, tive a suprema honra de sofrer com trese outros civís, — os unicos que a *justiça* vesga do Snr. Alfredo Sá escolheu para judas — durante cento e oitenta e sete dias, no quartel da Força Policial, as horas horriveis que somente as prisões podem proporcionar. Como legionario, aqui me encontro, procurando com o melhor dos meus esforços, cumprir o juramento que fiz ao assinar minha ficha de inscrição.

* * *

A Republica Brasileira proclamada em 1889 não representava — pela deturpação de seus fins, pela imoralidade dos meios empregados, pela vergonhosa e suja politicagem que campeava — o ideal dos brasileiros dignos. O que existia era o culto do capachismo, o regimem das moções de solidariedade, as atitudes incondicionais ao lado de todos os governos, o fuchico, a delação, a intriga torpe e vil dos que só podiam sabresair amparados pelas muletas governamentais. Não se procurava o talento e sim a ignorancia; não se admitia a independencia e sim o sabujismo; não se presava o carater e sim o desbrio. Era nesse ambiente sordido onde a criança, desde os bancos escolares, se acostumava a ver a injustiça; onde comparava o tratamento que lhe era dado, tão diferente ao tratamento dado aos filhos dos mandões, que se formavam as gerações futuras as quais, uma vez á testa dos destinos do país, limitar-se-iam, naturalmente, a pôr em pratica aqueles exemplos degradantes que testemunharam. Daí a arrancadada maravilhosa de 1922, seguida pela de 1924. Ambas falharam! E seus autores e seus cumplices encontraram na tirania dos chefes dessa pseudo republica, os horrores das *geladeiras*, a vida infernal da ilha da Trindade, a morte na Clevelandia, ou o apodrecimento lento nos porões infectos dos navios do Lloyd Brasileiro transformados em presidios flutuantes. Não

se respeitavam os galões de velhos soldados da Patria nem as decisões da mais alta corte de justiça. A vontade do Catete era soberana e quem a não acatasse sofria todos os vexames! O Brasil se desmoralisava dia a dia: tudo deviamos ao estrangeiro! E a orgia continuava! Foi quando, para salvar o país da derrocada, rebentou a Revolução que teve sua vitoria magnifica em 24 de Outubro de 1930. Sabeis o que é o Brasil? Podeis fazer idéa de sua estensão territorial? Ouvi-me, pois, meus pequeninos patricios. Tudo devemos ao estrangeiro! O nosso debito, contraído para fazer face as orgias republicanisadas, eleva-se a milhões de contos de réis! Importamos milhares de artigos de terras outras! No entanto, tudo podemos produzir, tudo possuimos! Nada está explorado! Não se visava o progresso! A politicagem tudo absorvia! Estudais geografia! Pois bem: sabeis da existencia dos demais paises do mundo. Agora, atentai bem! Vêde a quanto atinge a estensão do país que Deus nos reservou! O Brasil, vossa terra—terra que deveis amar e cultuar—é catorze vezes maior do que a França; tresentas vezes maior que a Belgica; tres vezes maior do que a Argentina; vinte e tres vezes maior do que Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda e mais de quatro vezes maior do que as tres Guianas, o Chile, o Equador, o Paraguaí! Se compararmos a estenção territorial de seus Estados com a de certos países da Europa, vemos que Sergipe, o menor Estado brasileiro, é maior do que a Dinamarca ou a Holanda; o Ceará é maior do que Portugal; Minas Geraes é maior do que a França ou a Alemanha; S. Paulo é quasi do tamanho da Italia; Piauí é pouco menor do que a Inglaterra; Baía é igual á Italia, Portugal e Dinamarca juntos; Rio de Janeiro é maior do que a França ou a Alemanha; Pará é igual á Alemanha, Italia e Turquia; e, finalmente, o Amazonas, pode conter a Suecia, a Noruega, a Austria, a Hungria e a França! E toda esta vastidão territorial está abandonada, improdutiva, devido, tão somente, aos maus governantes que teve, alheiados do cumprimento dos deveres que lhes estavam afétos. Mas, de todos esses tratos de terra em que se acha dividido o Brasil, é natural que nos toque mais de perto o Estado do Amazonas. Aqui nascemos, aqui vivemos e aqui temos sofrido as maiores vicissitudes. Terra de caboclos, é mistér fazer sua defesa! Caboclo não é somente o heroico matuto nascido nas choupanas humildes nos barrancos de nossos rios: sou eu, sois vós, somos todos nós que fomos transformados em enteados dessa republica caricata que ruio por terra com a vitoria da Revolução! Tudo nos negavam! Emquanto a borracha era vendida por preços elevados, tinhamos sobre nós os olhos ávidos dos gananciosos da velha republica! Uma vez desvalorisado esse produto —causa de todos os nossos sofrimentos—esses mesmos homens

que nos endeosavam, que amontoaram fortunas faceis á custa de nosso Estado, deram-nos o ponta-pé da pragmatica, relegaram-nos ao esquecimento! O proprio Snr. Washington Luis, quando escolhido pela maquinaria politica para se ceivar nos cofres da Nação, declarou naquele celebre banquete que lhe foi oferecido no Teatro Amazonas, não haver vindo ao Amazonas *para ouvir lamurias nem preencher lacunas! Ouvir lamurias... preencher lacunas...* Eis a resposta de um estadista aos esfomeados filhos de um Estado tão cubiçado pelos povos de iniciativa! Mas, como ia dizendo, não somente nos recusavam qualquer auxilio como tambem tudo nos tiraram: tiraram-nos o Acre, tiraram-nos a séde da Região Militar, tiraram-nos a séde da Flotilha do Amazonas, tiraram-nos a Escola de Aprendizes Marinheiros... A geração de jovens amazonenses de condiçõs pobres, era atirada á vida das ruas por falta de amparo dos governos! Tiraram-nos o direito que tinhamos de eleger os nossos representantes quando fizeram deputado federal um tal de Snr. Lincoln de Prates! Deixaram-nos de tanga, a implorar, a clamar no deserto! Recusaram-nos um leprosario quando era mais de mil o numero desses infelizes em todo o Estado. Não esmorecemos... Aquele Leprosario de Paricatuba, representa o nosso civismo, o nosso amor pela gleba onde nascemos. Não foram os governos que o construiram: foi o mil reis mensal do juiz, do medico, do advogado, do jornalista, do funcionario publico, do professor, do empregado no comercio, do estudante, do sapateiro, do funileiro, do carroceiro, do joão ninguem, que tornou possivel a idéa magnifica de Samuel Uchôa nessa enormissima campanha de defesa em que estivemos empenhados! E a orgia continuava! A instrução era descurada! Pregava-se a campanha contra o analfabetismo, mas nada se fazia alem dos cartases bombasticos que custavam rios de dinheiro! Caminhavamos ao som dos discursos de encomenda que revoltavam os que tinham os olhos abertos, os que viam a dolorosa realidade! No Amazonas, Estado onde o numero de analfabetos deve orçar por duzentos mil, as escolas não eram suficientes, não se obrigava o pequenino brasileiro a frequenta-las, nada se fazia... Segundo recente estatistica estampada nas paginas da novél *Revista de Educação*, da Sociedade Amazonense de Profesores, o numero de alunos matriculados nos Grupos Escolares e nas Escolas Isoladas da Capital e nos Grupos Escolares do Interior, é de cerca de 4.967! E' esta a nossa vergonha! Ainda, segundo estatisticas oficiais de 1900 a taxa de analfabetos no Estado do Amazonas era de 67 %! E como a população brasileira vai aumentando cada ano, é natural que a percentagem hoje — 31 anos depois — seja ainda muito maior, pois a creação de escolas nunca foi em proporção ao

aumento da população. E' inutil falar em progresso, é inutil falar em liberdade, é inutil blasonar fortalesa: enquanto o coefíciente de analfabetos estiver acima de 33 °/₀, nada poderemos fazer! O Brasil será sempre o país das ilusões, pois viveremos eternamente a sonhar com a nossa emancipação politica, social e financeira — a eterna miragem atrás de que corremos e que sempre e sempre parece se distanciar de nós! No entanto, que fizeram os governantes da Republica Velha para solver este problema transcendente? Nada! E' esta a dura verdade, e a expressão da verdade, mesmo quando ela é contra nós, é a unica honestidade mental. Restringindo o assunto á Amazonia, ouçamos o que diz Mario Pinto Serva: — « *No norte longinquo, a Amazonia inteira é o Inferno Verde, em que o seringueiro, o abandonado social, vitima de todas as desorganisações nacionais, é um excomungado, na frase ingenua que lhe atribue Euclydes da Cunha, pela propria distancia que o afasta dos homens, e os grandes olhos de Deus não podem descer até aqueles brejais, manchando-se* »*!* E em parte tem razão o escritor patricio. Não é somente o seringueiro que é o abandonado social: o caboclo, o genuino filho da Amazonia, é um pária, é um esquecido, é um estrangeiro, dentro de seu proprio país. Relegado como era á sorte, boa ou má, que encontra na floresta, ele é insultado, achincalhado, vilipendiado; o caboclo é vadio, é indolente, é preguiçoso, é bronco, é desonesto! Eis a descripção de nosso infeliz patricio, feita por escritores que até alcunham esta imensidão de matas e de aguas de Inferno Verde! Inferno Verde, sim, para o caboclo sem instrução, sem amparo, sem assistencia medica, sem educação civica, devido ao descaso dos ex-responsaveis pelo país! Mas, Paraiso Verde, céu aberto, mina de ouro, para os piratas literaticados e politicos inescrupulosos que para aqui vinham a cata do sordido metal e que, depois, insultavam e procuravam rebaixar a gleba que os transformára em ricaços da noite para o dia! O caboclo da Amazonia, em sua simplicidade, nos dá, diariamente, belissimas lições: sincero, hospitaleiro, ele acolhe a todos de braços abertos; não é indolente como se propala; é, antes, um resignado; vive no presente sem pensar no futuro! E por que? Porque mesmo em sua ignorancia crassa, ele via que o dia de amanhã era, em tudo, igual ao de hontem; sabia que o progresso nunca chegaria ás portas de sua humilde barraca; admira-se e se entristece de ver tanta grandesa, tanta riquesa, inaproveitadas; tem sua idéa formada a respeito do chamado homem civilisado que só o procura para roubar-lhe o fruto de seu trabalho, quando não lhe rouba as proprias terras onde vive, os proprios filhos, a propria esposa, a propria vida! Longe e fora de toda a lei, ensinaram-lhe os civilisados que a unica justiça é a do rifle e a do terçado!

Porem, anualmente, enquanto os filhos familia se gastam e se estragam na vida facil das capitais, pretendendo ser o que não são, copiando o andar e trajar de atores de cinema, procurando fugir ao serviço militar obrigatorio, o caboclo da Amazonia vem em sua igarité, viajando dias a fio, esposto ás chuvas torrenciais e aos raios abrasadores, deste sol tropical, responder ao chamado da Patria, envergar o cáqui honroso do glorioso Exercito Brasileiro, e matricula-se nas escolas regimentais, e instrue-se por sua livre e espontanea vontade, sem que os governantes de então o ajudassem a isso fazer! Inferno Verde... Perguntai ao caboclo, vitima de todos os males e de todas as injustiças, o que ele pensa dessa denominação, e haveis de ver, através de suas palavras rudes mas sinceras, o grande, o acendrado amor que ele tem pela gleba onde nasceu!

* * *

AMAZONAS — vocabulo bendito que significa amor, dedicação, patriotismo; AMAZONAS — começo e fim de todo o nosso ideal; AMAZONAS querido, meu Estado, meu torrão natal, nosso berço, nossa Terra! Invocando teu nome grandioso neste lugar e neste momento, onde e quando a Caravana da Legião de Outubro, empenhada nesta campanha de civismo que ha de erguer o Brasil, visita um de teus colegios, prestamos nossa homenagem á terra redimida, á terra querida onde vimos a luz ao nascer! Tú és malquisto pelos que te não compreendem, tú és insultado pelos que á tua custa viveram! Mas, apesar de tudo, segues teu caminho réto, mercê do grande amor de teus filhos, mercê do sacrificio desses que embalaste nos braços e que estão prontos a tudo arrostar para te defender. Tú és grande, tú és rico, tú, graças a Deus, és feliz hoje! Já pertence ao passado teu sofrimento atrós! Já não te interessa a sorte dos que te procuraram tornar infeliz! A hora, o momento, é de alegria, é de jubilo, é de felicidade! Por isso mesmo é que te presto minha homenagem, a ti que até na desdita sabes ser grande, tú, meu muito amado AMAZONAS, que nunca te ajoelhaste, tú, que estás e que sempre has de estar de pé! Nesta hora suprema, é justo, é natural, que em patriotica homenagem relembremos teu nome aureolado, teu nome estremecido que representa a maior estensão brasileira em territorio e que já representou a mais grande — é o termo — terra mundial em desdita! AMAZONAS — meu Estado, nosso Estado, nossa estremecida e muito querida terra, eu te saúdo, nós te saudamos!

(No Colegio D. Bosco).

É ESTA a segunda vez que venho á vossa presença afim de saudar-vos em nome do povo de nossa terra. Povo sofredor, tendo já quasi se acostumado a ver os seus direitos sempre preteridos, havendo aprendido a sofrer com resignação as maiores vicissitudes, ele hoje vibra de entusiasmo com a vitoria magnifica que vindes de obter no caso da Ilha das Cotias. Na outra republica, na que ruio por terra com a vitoria da revolução de 1930, o Amazonas foi sempre o enteado antipatisado pelos dirigentes de então. Nada nos davam. Tudo nos tiravam. Protestos de nada valiam. Tiraram-nos o Acre que o braço amazonense incorporara ao territorio nacional; tiraram-nos a séde da Região Militar; tiraram-nos a séde da Flotilha do Amazonas; tiraram-nos a Escola de Aprendizes de Marinheiros; tiraram-nos a séde da Amazon River Company Limited. Foram alem: arrancaram-nos o direito de eleger os nossos representantes e os homens que nos deviam governar. Não ha, em todo o Brasil, outro povo que haja experimentado uma odisséa tão horrenda como a nossa. Inventaram a balela desavergonhada e altamente insultante aos nossos brios de povo livre de que «no Amazonas ninguem se estraga». E o povo ouvia tudo em silencio, não podia reagir, porque até os seus vencimentos, os seus ordenados, a recompensa de seu trabalho honesto, lhes eram negados. Foi quando um punhado de oficiais da armada e do exercito nacionais, numa arrancada belissima, fez raiar para o Amazonas o sol redentor do 23 de Julho de 1924. Pouco durou a nossa alegria: as prisões, as geladeiras, o degredo, os porões infectos dos navios do Lloyd Brasileiro, receberam os idealistas que se insurgiram contra os desmandos da epoca. E o povo do Amazonas ingressou mais uma vez na estrada dolorosa do martirio. A orgia recomeçou. Curvámos a cabeça ante o destino e, pacientemente, calmamente, aguardámos o desenrolar dos acontecimentos, desfiando hora a hora, o rosario da dor. Eis que irrompe, pela terceira vez, um movimento revolucionario. Desta vez não era mais um motim de quarteis. O povo irmanara-se com as classes armadas e o resultado só podia ser o que foi: a vitoria completa de 24 de Outubro. Nós, os caboclos, criámos alma nova: iamos, enfim, ter os nossos direitos amparados. E começámos a sofrer aquilo que um jornalista regional já chamou a «tortura da esperança». Mas, de repente, tentam arrancar-nos um pedaço de territorio amazonense. A Ilha das Cotias que

sempre pertenceu ao Amazonas, foi ocupada pelos nossos irmãos do Pará. O que foi essa campanha patriotica que chefiastes, sr. Interventor, o povo bem o sabe. Mesmo do lado de fora ele compreende e reconhece o trabalho herculeo que fizestes, ele pode aquilatar o quanto de esforço desenvolvestes em favor de seus direitos. A vitoria que obtivestes, sr. Interventor, foi a vitoria da serenidade, da reflexão e, sobretudo, da inteligencia. Defendestes, com ardor, com coragem, com amor, o Estado que vos entregaram para governar. Disto está o povo amazonense convicto. E é por isso mesmo que me incumbiu de aqui vir saudar-vos em seu nome, em nome desses quinhentos mil habitantes, que vos admiram, que vos apreciam, que vos querem bem. O povo do Amazonas, sr. Interventor Rogerio Coimbra, por meu intermedio saúda a figura mascula de seu grande Campeão.

( No Palacio Rio Negro ).

---

HA dias, nas horas incertas da vitoria, quando o povo seguia, momento a momento, todo esse trabalho herculeo que desenvolvestes, aqui viémos dar-vos o apoio incondicional de todos os amazonenses; quando ha dias, já resolvido em nosso favor o caso da Ilha das Cotias, aqui viémos trazer o agradecimento da população do Amazonas, tivemos a honra de sermos escolhidos para ecoar todo o nosso entusiasmo pela vitoria alcançada, que representa, como vos disse, a vitoria da serenidade, da reflexão e, sobretudo, da inteligencia. Nunca duvidámos de vossa atuação; e se, porventura, qualquer receio pairasse em nossos espiritos, a méra nomeação de Alexandre Carvalho Leal para nosso representante, desfêl-a por completo, provando-nos que a nossa causa era a vossa tambem. Sr. Comandante Rogerio Coimbra: o povo do Amazonas sempre foi sobrio em seus elogios; custa a dar largas ao seu entusiasmo. Faquirisado quasi pelo longo martirio que lhe foi inflingido, a rajada bendita de 23 de Julho ensinou-o a crer nos ideais revolucionarios. E ele levantou-se, ergueu-se, transfigurou-se, e veio até aqui saudar a figura grandiosa de Alvaro Maia, leader inconteste do pensar dos amazonidas. No desempenho das arduas funcões de governante do Estado teve erros, erros praticados com a intenção honesta de acertar. E foi e é ainda hoje vitima das campanhas dos oportunistas de todas as epocas, dos adesistas de todos os governos. As demonstrações de entusiasmo que acabastes de ouvir quando mencionei o nome desse grande amigo do Amazonas, provam a sinceridade, a lealdade deste povo. Amanhã, será a vossa vez: não faltarão jornalistas venais que vos ataquem; não faltarão homens que procurem amesquinhar, rebaixar, diminuir a vossa obra patriotica. Mas, sr. Comandante Rogerio Coimbra, o povo amazonense, estará ao vosso lado sempre e sempre. Não se aninha no coração do povo de nossa terra o sentimento sordido da ingratidão. E vós, no futuro, nos dias de alegria e de tristeza, especialmente nos ultimos, ao contemplardes este modesto cartão que acaba de vos ser entregue, tereis a certeza de que no coração de cada amazonense ha um logar de destaque onde a vossa ação, o vosso destemor, a vossa justiça, o vosso criterio, gravaram em letras que jamais se apagarão, o vosso nome. A revista *Amazonida*, pequenina parcela da imprensa regional, saúda-vos, sr. Interventor Federal.

(No Palacio Rio Negro).

JUAREZ TAVORA. — Aos homens como tu que vens tendo parte saliente em todos os movimentos revolucionarios desde a epopéa magnifica de 1922, não se deve usar a forma ôca e subserviente de «vossa excelencia». Quem quer que o faça, insulta-te, nivela-te aos sóbas da Republica Velha. Acabas de pisar o solo amazonense. Não sei se é esta a primeira vez que o fazes. Talvez seja. Isso pouco importa. Figura conhecida em todo o territorio nacional, idolo do povo, tu és o orgulho de uma raça de caboclos que vem, desde a infancia da Patria, firmando, pela audacia e pela abnegação, o verdadeiro sentimento da brasilidade. Tú és esse trapo de luz da alma nordestana, drapejando ao vento do Atlantico, flutuando á brisa brasilica. para trazer, sempre alerta, a coorte de bravos que deseja o Brasil vitorioso e forte no conceito mundial. E's a espada que ha de traçar ao Norte, a conduta de todos os bons brasileiros que ao Sul se batem pelo cumprimento do programa revolucionario. O Amazonas sempre foi tido e tratado como enteado da Velha Republica. Mas, mesmo assim, sempre tivemos, nós os caboclos teus patricios, confiança nos dias futuros. Não somos um povo enfraquecido. Viémos para a rua prestigiar esse pugilo de bravos — da armada e do exercito nacionais — que provocaram a jornada bendita, a clarinada de sol, do memoravel 23 de Julho de 1924. Tú conheces essa epopéa brilhante que os amazonidas escreveram nessa epoca. Temos sofrido as maiores vicissitudes; tudo nos tem sido negado, quando não tirado pelo direito da força. O grande mal que fizeram ao Amazonas foi arrancarem-lhe, os pseudo estadistas dessa pseudo republica, o territorio do Acre. Maior do que esse mal, só aparece a recusa, até hoje, do pagamento da indenisação, garantido por sentença juridica, a que temos direito. Aqui estás hoje: naturalmente has de conferenciar com Regerio Coimbra, pernambucano — amazonense que está, pelo seu equilibrio, pela sua justiça, pela sua serenidade, pela sua reflexão, pela sua inteligencia, pelo seu provado e comprovado amor por este rincão da Patria que, se não é a terra do seu nascimento, é a terra de seu coração — completa e absolutamente integrado na admiração e, o que é mais, no coração de todos nós. Ele te dirá, melhor do que qualquer outro o quanto do nosso sofrimento. E, diante dessa exposição sincera que elle, por certo, te fará, o Amazonas reclama a indenisação do Acre, exige o seu logar de parte integrante da Federação Brasileira

porque crê e conta com a justiça da Republica Nova da qual tú és um dos mais desinteressados e destemerosos campeões. Juarez Tavora, nós os caboclos do Amazonas, saudamos em ti, o Brasil grandioso do amanhã mundial, a terra maravilhosa do Cruseiro do Sul, a grande Patria que Deus, em sua infinita bondade e em sua misericordia infinita, nos deu por berço!

(Na rua).

---

## NOTA

*Muitos erros de revisão ha nas paginas deste livro. Não me sobrando tempo para rever as provas, confiei-as a discipulos meus, neofitos no jornalismo. Daí a balburdia na ortografia, que não é outra cousa senão o reflexo da balburdia que ha no mundo. O leitor inteligente (vá lá o chavão jornalistico!) corrigi-los-á. Na pagina 58, porém, ha um erro que deturpa o sentido da frase: linha vigesima, onde se lê* idealismo, *leia-se* ineditismo. — **O. K.!**

# Victimas do erro

É veso antigo entre nós, como em todo o mundo, de cada individuo julgar-se conhecedor de « alguma cousa de medicina » e, portanto, suppor-se capaz para curar-se, quando doente, e, peor, ainda, de curar os outros. O resultado é muita gente ser victima de erros de palmatoria. Dentre as doenças mais communs entre nós e que pouca gente sabe tratar é o impaludismo. Belisario Penna já isso affirmou ha dez annos passados quando disse: « pouca gente sabe tratar o impaludismo, e no interior, onde os saes de quinino são carissimos, as doses empregadas não libertam c 'oente da doença, antes levam-na á chronicidade e transformam a sua victima numa fonte de infecção permanente, num depositario de parasitas sexuados, resistentes ás doses habituaes de quinina. A quinina é medicamento de primeira ordem, porém enganador.

O individuo atacado de sezões toma, supponhamos, algumas doses de um sal de quinina, logo após o primeiro accesso.

Em regra esse não se repete durante alguns dias, e o doente considera-se restabelecido. Com surpreza, porém, reapparece-lhe o accesso, decorridos 8, 10 ou 15 dias. É que as doses de quinina ingeridas não foram sufficientes para destruir todos os parasitas. Os que escaparam, evoluiram, multiplicaram-se, e produziram o novo accesso.

O doente que se limitou a esse tratamento pela quinina, passa pelo desgosto de ver repetir-se o accesso, embora com intervallo longo; e depois de quatro ou cinco accessos, passará a molestia ao estado chronico, porque se formarão no sangue as formas sexuadas ou gametos (formas resistentes) do hematozoario.

Esses gametos são muito mais resistentes á acção da quinina, do que as formas evolutivas, além de que, grande numero delles consegue escapar, refugiando-se no baço ou na medula dos ossos, onde, parece, se põem a coberto da influencia quininica.

Felizmente foi descoberto, ultimamente, um medicamento que corrige, magnificamente, a incapacidade da quinina contra as formas resistentes do parasita do impaludismo ou da malaria: a Atebrina da Casa Bayer. O valor therapeutico deste medicamento está comprovado, sobretudo porque extermina rapidamente taes formas evitando as recahidas.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : acervodigitalsec@gmail.com**

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
**Cultura**

